

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

ABÍLIO NEIVA MONTEIRO

**A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA EM *HOSPÍCIO É DEUS*, DE MAURA
LOPES CANÇADO**

TERESINA
2017

ABÍLIO NEIVA MONTEIRO

**A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA EM *HOSPÍCIO É DEUS*, DE MAURA LOPES
CANÇADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero. Orientadora: Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes.

TERESINA
2017

M757r Monteiro, Abílio Neiva.

A representação da loucura em *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado / Abílio Neiva Monteiro. - 2017.

145 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2017.

Área de concentração: Literatura, Memória e Cultura.
“Orientador: Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes”

1. Maura Lopes Cançado. 2. *Hospício é Deus*. 3. Loucura.

I. Título.

CDD: B869



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

**A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA EM HOSPÍCIO É DEUS, DE MAURA LOPES
CANÇADO**

ABÍLIO NEIVA MONTEIRO

Esta dissertação foi defendida às 15h, do dia 24 de abril de 2017, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho (Aprovado, não aprovado).

Algemira de Macedo Mendes
Professora Dra. Algemira de Macedo Mendes

Orientadora

Orlindo Luiz de Araújo
Professor Dr. Orlando Luiz de Araújo
1º examinador – UFC

Silvana Maria Pantoja dos Santos
Professora Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos
2ª examinadora - UESPI

Visto da Coordenação:

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em
Letras da UESPI *Algemira de Macedo Mendes*
Coordenadora do Mestrado
Acadêmico em Letras - UESPI
Rua João Cabral, N° 2031, Pça. 19 de Fevereiro, CEP: 64.002-150 Teresina - PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

Captada no coração humano, mergulhada nele, a loucura pode formular aquilo que originariamente existe de verdadeiro no homem (Michel Foucault).

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão importante, no qual encerro mais um ciclo de aprendizagem e de grandes experiências, quero agradecer primeiramente a Deus, que é minha fortaleza e não permitiu que eu fraquejasse.

A minha família, principalmente minha avó Maria Carmelita Gomes Monteiro e minha tia, Maria Ismênia Gomes Monteiro, a quem devo toda a minha educação.

Aos meus tios, Edmilson Santos e Silva e Maria Das Dores Gomes Monteiro, pelo carinho e amor, e por não medirem esforços para me ajudar durante toda a jornada acadêmica.

A minha orientadora, Prof. Dra. Algemira de Macêdo Mendes, pelo incentivo, colaboração e dedicação para com a produção do meu trabalho.

A Prof. Dra Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva, pela gentileza em ceder a cópia da obra para que a pesquisa fosse desenvolvida.

Aos professores do quadro do Mestrado Acadêmico em Letras, pelo apoio e atenção durante todo o tempo de realização dos estudos.

A minha turma, que sempre permaneceu unida e determinada na construção da pesquisa.

Aos meus amigos, em especial, Caroline Pessoa, Lilia Santiago, Wêsley Oliveira, Aurinívea de Assis, Carlane Holanda, Natália Eugênia, Risoleta Viana, Ravenna Amorim, Iúna Gabriella, Glória Maria da Silva, Layane Mendes e Francisco Herbert, pelo companheirismo, carinho e dedicação que me fortaleceram durante o percurso.

Aos meus primos, Geraldo Cruz e Silva Neto, Maria Ismênia Gomes Monteiro e Yasmin Thalita Gomes e Silva, pelos momentos de alegria e descontração, que contribuíram para o desenvolvimento da atividade em questão.

RESUMO

O presente trabalho analisa a representação da loucura em *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado. O estudo enfatiza as relações entre a personagem narradora e o contexto em que ela está inserida na obra, enfocando os fatores destacados presentes no discurso enunciativo da narrativa como por exemplo o aspecto da loucura. A pesquisa é de caráter bibliográfico, tendo como base os textos de Michel Foucault, principalmente o livro *História da Loucura*, onde o autor discute sobre os primeiros contatos entre a sociedade e a loucura, até a contemporaneidade. O estudo também utiliza as produções de João Freyze Pereira, Bergson, Chevalier&Gheerbrant, Carlos Godo, Joan Scott, Ecléa Bosi entre outros, para o desenvolvimento da pesquisa. As ações que fogem às regras são taxadas na maioria dos casos como loucura, e é nesse viés que se observa o comportamento da personagem Maura. Com isso, o grito de liberdade em um meio ao qual se vê submissa, os seus anseios, frustrações, sua ligação não superada com a infância, a transgressão, a fuga e a não aceitação da realidade, são elementos que contribuíram para que a loucura fosse injetada na personagem da obra em questão. A loucura e o louco são colocados à margem da sociedade, por se tratar de um saber que foge ao domínio do poder, pois mergulhado em um mundo particular, o louco expõe verdades que muitas vezes o indivíduo com toda a sua normalidade quer esconder, e é nesse viés que a loucura é considerada perigosa pela sociedade, que a seja reprime e silencia.

Palavras-chave: Maura Lopes Cançado. Hospício é Deus. Loucura.

ABSTRACT

This work analyzes the representation of madness in “Hospício é Deus”, by Maura Lopes Cançado. The study emphasizes the relationships between a main character and context which it is inserted into the work, focusing on the highlighted factors presents into the enunciative discourse, such as the madness. The research is bibliographical, based on the texts of Michel Foucault, mainly the book History of Madness, where the author discusses the first contacts between society and madness, until the contemporaneity. The study joins the productions of João Freyze Pereira, Bergson, Chevalier & Gheerbrant, Carlos Godo, Joan Scott, Ecléa Bosi as others for the development of the research. The actions which are against the rulers are, in most, represented as madness, and it is what have been observed into the behavior of Maura. Then, the yell of freedom by which she is submissive, her yearnings, her frustrations, her unresolved connection with a childhood, her transgression, her argument and her does not acceptance of reality, are elements which contribute to the madness have to be injected into the character of this work. Madness and the madwoman are placed on the society border, because it is a knowledge that escapes the control of power because it is immersed in a particular world, the madwoman shows some truths which are, often, the individual with all his normality wants to hide, therefore, the madness is considered dangerous by society, causing it to be repressed and silenced.

KEYWORDS: Maura Lopes Cançado, Hospicio é Deus. Madness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUJEITO LOUCO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	12
1.1 O nascimento da loucura.....	12
1.2 A loucura como desvio da normalidade	25
2 A LOUCURA NA LITERATURA BRASILEIRA	43
2.1 O sujeito louco na historia da Literatura brasileira.....	47
2.2 O caso da loucura na escrita literária brasileira produzida por mulheres	63
3 NAS TRILHAS DO INTERNAMENTO: A LOUCURA NA TESSITURA NARRATIVA DE MAURA LOPES CANÇADO	72
3.1 O discurso memorialístico e o alvorecer da loucura no contexto enunciativo de <i>Hospício é Deus</i>	73
3.2 O hospício como metáfora da loucura.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS.....	137
ANEXOS	139

INTRODUÇÃO

A loucura, por apresentar características e elementos que beiram o âmbito misterioso e complexo do sujeito e das suas relações com o outro, provoca no espaço social, a insatisfação e o medo, apresentando uma desordem em seu meio. Com isso, a loucura passa a ser configurada como uma resposta para os mais diferenciados comportamentos e ideias. Assim, por apresentar formas que divergem daquilo o que a sociedade pontifica dentro das bordas da normalidade, a loucura passa a ser apontada como um desvio de conduta ou como uma doença psíquica, sendo atribuída diretamente ao âmbito patológico.

A sociedade, por não possuir o domínio do conhecimento do sujeito tido como “louco” e por ele apontar, dentro da sua concepção, verdades e questionamentos, as pessoas buscam esconder e excluir os seres insanos, de forma bárbara, utilizando da violência física e psicológica, para com os indivíduos alienados.

Na tentativa de controlar a loucura que se configurava como um “mal” que denegria e acometia os seres, a sociedade produzia a loucura nos locais inabitáveis destinados para o louco. Assim, a loucura se torna produto das normas sociais. O conceito de loucura foi entendido, por muito tempo, como um elemento natural, fácil de ser constatado.

Entretanto, para Foucault (2007), é no ser humano, nas suas relações com o outro e no seu cotidiano, que a loucura se estabelece. Ou seja, a loucura é fruto das relações entre os indivíduos, concebida a partir das experiências individuais do ser em relação com o meio e com o sujeito que faz parte dele. Assim, por intermédio das relações entre os seres, a loucura questiona valores e costumes de uma sociedade dominadora e elitista, que apresenta normas arcaicas em seu meio, e pode ser compreendida como um saber, uma nova forma de enxergar o mundo e também como resultado de discursos construídos socialmente.

Na literatura, a loucura permeia os mais diversos aspectos, pois ela pode se manifestar como denúncia, uma forma de libertação, de negação, entre outros. Com isso, verifica-se que o cenário literário brasileiro apresenta obras, que trazem em seus cernes personagens que apresentam a loucura ou são caracterizadas como loucos, por não se enquadarem em determinado eixo social. Seguindo esse viés, escolheu-se como tema da pesquisa: “A loucura em *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado.

Com isso, a pesquisa analisa como se delineia a representação e consequentemente a experiência da personagem com a loucura, na narrativa *Hospício é Deus*, publicado em 1965, por Maura Lopes Cançado, pela ótica da personagem mergulhada no “espaço” destinado aos loucos.

A obra é um relato memorialístico em forma de diário, assim, por intermédio dos emaranhados memorialísticos, a autora expõe os fatos que a cometem durante a sua vida, principalmente durante as suas internações em hospitais psiquiátricos.

O estudo sobre a obra de Maura Lopes Cançado destaca no âmbito ficcional a loucura como um elo de representação e denúncia de fatores que permeiam a vida dos indivíduos considerados “anormais”, que se tornam reféns de uma sociedade opressora, viabilizando uma ressignificação da loucura que ultrapassa os muros hospitalares, o campo patológico, e se instala nas relações sociais. Assim, a obra de Maura Lopes impulsiona a exposição do “mundo” criado para a loucura, desmitificando pontos desconhecidos das formas de tratamento do indivíduo considerado “louco” e também a ênfase na escrita feminina que discorre sobre a temática.

Entendendo a loucura como fruto do discurso do poder, para conter os indivíduos, destaca-se como uma das principais bases teóricas da pesquisa as reflexões de Michel Foucault (2007), por ser um dos autores clássicos contemporâneos que mais sobressai nas análises sobre a temática, propondo uma desconstrução do conceito de loucura que esteja arraigado somente no fator patológico.

São utilizados para o desenvolvimento do estudo, os livros *Os anormais* (2010), *Microfísica do poder* (1979), *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise* (2011) em que Foucault utiliza os discursos sociais como ponto de partida para o desenvolvimento do conceito de loucura.

Aspectos apresentados pela teoria feminista são analisados a partir dos estudos de Zolin (2003), Scott (1995) para verificar o sujeito feminino imerso na obra, possibilitando assim, uma análise do papel da mulher na sociedade e das relações entre a loucura e o meio social.

Também são utilizados os textos *Foucault, a filosofia e a literatura*, de Machado (2005) e *Narrativas da loucura e histórias de sensibilidades*, de Santos (2008), por produzirem um panorama histórico social da loucura, seguindo e

reforçando o posicionamento de Foucault; Godo (2006) e Chevalier&Gheerbrant (2012) com as significações e contextualizações da loucura, principalmente no âmbito histórico-social e os estudos de Maria (2005), em sua obra *Sortilégiros do avesso: razão e loucura na literatura brasileira*, por apresentar a inserção da loucura no âmbito literário brasileiro.

Com isso, a pesquisa configura-se como bibliográfica de caráter exploratório; pois tem como base os estudos dos teóricos selecionados para o desenvolvimento da presente investigação. O estudo também apresenta um aspecto analítico - qualitativo, pois tendo como base os pressupostos teóricos escolhidos para a fundamentação da pesquisa, visa analisar a loucura em *Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado, enfatizando as formas de representação da loucura e verificando como a temática é desenvolvida na obra, utilizando como sustentáculo para a verificação do estudo, os elementos: o ciclo social, o papel da mulher, as relações de poder, que contribuem para o desencadeamento do discurso da loucura na obra e os aspectos da loucura que se evidenciam na personagem.

Assim, o desenvolvimento da pesquisa evidencia a loucura como elemento oriundo de um dado discurso social, em que no campo literário, se configura como um caminho, que muitos autores utilizam para tecer críticas a determinados posicionamentos elitistas e segregadores.

O estudo também subsidia uma releitura do campo ficcional, partindo de uma ótica diferenciada acerca do louco, já que a autora em questão fora diagnosticada como louca, sua vivência tanto no meio social quanto no hospício propiciam reflexões sobre o conceito de loucura e de normalidade, que se interligam na formação social dos indivíduos. Para tanto, estruturou-se a presente dissertação da seguinte forma:

O primeiro capítulo intitulado *Considerações sobre o sujeito louco na sociedade contemporânea* expõe a discussão teórica sobre o conceito de loucura à luz da teoria de Michel Foucault, o nascimento da loucura e a loucura como desvio à normalidade.

No segundo capítulo, que tem como título *A loucura na literatura brasileira*, enfatiza-se a inserção da loucura na escrita literária brasileira, salientando alguns autores que se destacaram com o desenvolvimento da temática e a obra de Maura Lopes Cançado.

O terceiro capítulo denominado *A representação da loucura em Hospício é Deus*, apresenta o *corpus* da pesquisa, bem como as análises da loucura em *Hospício é Deus* e a representatividade do hospício como metáfora da loucura. Em sua obra, a autora relata seus momentos conflituosos vividos em diversos hospícios, em que pontua sua convivência com os demais internos, a sua relação com os médicos e principalmente a sua visão sobre o âmbito da loucura, que se encontrava permeada pelo espaço destinado aos insanos, mergulhados em tratamentos variados, muitas vezes questionados pela autora, por achar muito violentos.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUJEITO LOUCO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

1.1 O nascimento da loucura

A loucura, constituída como um elemento enigmático, por estar mergulhada no íntimo do indivíduo, provoca intensos questionamentos no cotidiano social, que se ramifica no discurso do outro. Vista pela sociedade como desvio de conduta e, também, como doença mental, a loucura é relacionada diretamente ao âmbito patológico. Isso se estabeleceu, segundo os estudos de Foucault (2007), desde as primeiras experiências da loucura, nas quais os seres considerados normais, que detinham o poder, julgavam e condenavam os seres que possuíam ideias e características diferentes. Com isso, todos aqueles que apresentassem um comportamento que não estivesse de acordo com os modelos a ser seguidos, tinham seus direitos interrompidos, e eram taxados como loucos.

Os discursos que fomentam a loucura como um desvio comportamental, ou tudo aquilo que se opõe às regras sociais, estão impregnados de conceitos arcaicos, vestígios de uma segregação, que ao longo do tempo foi sendo evidenciada pelo posicionamento da sociedade em relação à loucura e aos sujeitos considerados loucos.

De acordo com Foucault (2007),

O louco é demasiada e diretamente sensível para que se possa reconhecer nele os discursos gerais da loucura; ele só surge numa existência pontual – espécie de loucura ao mesmo tempo individual e anônima, na qual ele se designa sem nenhum risco de errar, mas que desaparece tão logo percebida. Quanto à loucura, está infinitamente recuada; é uma essência distante, cabendo aos nosógrafos o trabalho de analisa-la em si mesma (FOUCAULT, 2007, p. 182).

Em uma relação de aproximação e distanciamento, a loucura e o louco ganham papéis diferenciados. A loucura abrange o todo, ultrapassa os recipientes e se multiplica em várias instâncias. Já o louco é restrito, apresenta a loucura em um dos seus vieses, ele se constitui em uma singularidade e especificidade, em cujo anonimato, paira a incerteza dessa insanidade.

O indivíduo considerado louco, de acordo com o discurso social, é a representação da incapacidade mental. A normalidade passa por uma

reconfiguração, beneficiando a classe social dominadora, que passa a conceituar aquilo que entra em dissonância entre seus parâmetros.

Segundo Freyze-Pereira (2007), em sua obra *O que é loucura*, a loucura se estabelece nas malhas interiores da razão,

A crermos em muitos pensadores contemporâneos, a loucura não é um fenômeno fundamentalmente oposto ao da chamada racionalidade ou normalidade. A loucura é interior à razão – eis uma proposição notável muitas vezes oposta sob suspeita, tão espantosa que se resiste a aceitar. Se a loucura é algo com que convivemos, paradoxalmente é algo difícil de se falar na primeira pessoa. Fácil é falar do outro, da loucura alheia (...) (FRAYZE-PEREIRA, 2007, p. 08)

O normal, o correto, em outros termos, a verdade, é tudo o que corrobora e fortifica o discurso de massas. Assim, a problematização apontada por Frayze-Pereira (2007) anteriormente sobre a loucura, alerta para a dualidade entre a razão e o “devaneio”, ambos interligados, fazendo com que os discursos sociais, por estarem carregados de conceitos pré-concebidos, fomentem a ideia da segregação e a loucura ganhe o aspecto de monstro que alimenta as mentes dos seres, enfraquecendo e fazendo regredir em suas ações, perdendo a “sanidade”.

De acordo com Foucault (2007), no final do século XVI e inicio do século XVII, a loucura passa a ser enfatizada como um mal, um acontecimento terrível, que sofreu graves interdições. No decorrer do tempo, ela saiu das sombras do medo da sociedade e ganhou destaque como objeto de estudo da medicina, cuja origem era desconhecida, “Os seres alienados” sofreram diversas formas de tratamentos cruéis e violentos, até chegar ao alvorecer do hospício (local para tratamento de pessoas doentes com transtornos mentais) e o reconhecimento dos direitos do louco.

Para Frayze-Pereira (2007),

A animalidade escapa à domesticação e fascina o homem por seu furor, por sua desordem. Ela revela a monstruosa loucura que se oculta no interior dos homens: tudo o que neles existe de impossível, de inumano. No entanto, sob essa aparente desordem, a loucura fascina porque ela é saber (FRAYZE PEREIRA, 2007, p. 54).

A associação da loucura com a animalidade que a sociedade no século XVI insistia delimitar fomentava a caracterização hedionda de um “sujeito louco”, ressaltando pontos negativos que corroboravam uma definição fantasiosa da loucura

que se apresentava no indivíduo. Entretanto, como cita Freyze-Pereira (2007), a loucura desponta como um saber que, os indivíduos considerados normais não possuem.

Já no século XVII, a sociedade segundo Foucault (2007), tratava os loucos como seres avessos a toda “normalidade”, as suas ações não tinham credibilidade, perdiam o contato com o meio, sofriam inúmeras violências e por fim, eram expulsos do convívio social. Os muros, que mantinham e asseguravam a separação e a marginalização dos seres considerados anormais, e que antes, constituíam verdadeiras prisões ou buracos em que os “insanos” eram jogados, permanecem até a atualidade servindo de subsídios para os hospícios.

De acordo com Foucault (2007), a Idade Média era assolada por doenças devastadoras como a lepra, a doença venérea, a loucura, entre outras. Com os avanços de algumas enfermidades no decorrer do tempo, uma doença passou a substituir a outra, como um ciclo, uma doença herdando o lugar deixado pela outra, proliferando-se pelo mundo.

Com o desaparecimento da lepra, no fim do século XVII, muitos leprosários ficaram vazios, servindo como presídios para todos os tipos de seres considerados perigosos e doentes: os bandidos, os alienados, os doentes venéreos, as prostitutas. Assim, esses lugares, quase inóspitos, eram o destino dos desvalidos, excluídos do convívio social. Conforme afirma Foucault (2007), no livro *História da Loucura*,

Desaparecida a lepra, apagado (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, os jogos da exclusão serão retomados, estranhamente semelhantes aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde. Pobres, vagabundos, presidiários e “cabeças alienadas” assumirão o papel abandonado pelo lazareto, e veremos que salvação se espera dessa exclusão, para eles e para aqueles que os excluem (FOUCAULT, 2007, p. 06).

Diante do exposto, percebe-se como esses leprosários serviram para a sociedade eliminar da convivência social os elementos que denegriam a imagem dos centros populacionais, que, como receberam o mesmo direcionamento, assumiram a mesma condição dos portadores de lepra.

O autor ressalta também que a libertação não se destinava só para os que ficariam confinados nos lugares dos “lazarentos”, mas também para os que foram submetidos por aquelas pessoas a viverem em espaços desumanos.

Segundo Foucault (2007), no século XVII, o estranhamento e o medo em relação ao louco se desenvolviam, pelo fato daquele indivíduo, visto como “insano”, poder fazer coisas que os outros não poderiam ou não queriam fazer por estarem presos às regras absolutas, condicionados a repetir ações comuns no cotidiano, assim, esse conhecimento que os seres chamados de alienados possuem, causa revolta e repúdio.

De acordo com o autor, na Europa durante a Renascença, existiam embarcações conhecidas como as “Naus dos Loucos”, que levavam os insanos de uma cidade para outra, e configuravam-se como uma forma da sociedade se livrar da presença incômoda daqueles seres. A sociedade agia de forma cruel e desumana, muitos insanos eram soltos em campos afastados das cidades ou entregues a mercadores e peregrinos.

Cada localidade onde as naus deixavam as cargas de insanos tinha uma forma diferente de lidar com os alienados. Em algumas, os loucos tinham um espaço para ficarem, como “dormitórios”, em outros, esses locais eram “prisões” sem o mínimo de conforto. Existiam cidades que não aceitavam os insanos estrangeiros, aceitando “cuidar” somente daqueles que eram de fato cidadãos da terra, como afirma o autor:

(...) No Hôtel-Dieu de Paris, seus leitos são colocados em dormitórios; por outro lado, na maior parte das cidades da Europa existiu, ao longo de toda a Idade Média e da Renascença, um lugar de detenção reservado aos insanos: é o caso de Châtelet de Melun ou da famosa Torre dos Loucos de Caen; são inúmeras as Narrtürmer da Alemanha, tal como as portas de Lübeck ou Jungpfer de Hamburgo. Portanto os loucos não são corridos das cidades de modo sistemático. Por conseguinte, é possível supor que são escorraçados apenas os estrangeiros, aceitando cada cidade tomar conta apenas daqueles que são seus cidadãos (...) (FOUCAULT, 2007, p. 10).

A forma como a sociedade do século XVII lidava com os que se desviavam do padrão de sanidade reflete o seu desconhecimento em relação à loucura, a qual tratava os loucos como se fossem doentes contagiosos, como criminosos. Muitos desenvolviam algum distúrbio mental por estarem trancados naqueles recintos de extrema sujeira, inóspitos, isolados de tudo, mal cuidados.

A perversidade para com os indivíduos considerados loucos era puramente prazerosa por aqueles que “cuidavam” dos ditos alienados. De acordo com os

estudos de Foucault (2007), os “loucos” eram chicoteados em praça pública, açoitados com pedaços de pau como se fossem animais tangidos pelo guia, eram perseguidos em uma espécie de corrida até serem expulsos da cidade, entre outras formas. Com isso, os seres “alienados” não eram tratados, mas sim jogados na prisão, em algumas cidades, muitos desses indivíduos que eram levados pelos mercadores e marinheiros eram supostamente perdidos, modo como as cidades purificavam-se da presença deles.

A figura do ser “insano”, por muito tempo, foi associada à de um indivíduo carnavaлизado, alucinado, perdido no meio social e abobalhado. Um ser avesso aos padrões sociais, excluído e aprisionado em meios degradantes, visto como um item alegórico, que provoca várias sensações, entre elas, o medo, o riso, a vergonha, entre outros.

Assim, para compreender esse sujeito “alienado”, que rompe com as normas, utilizando como base a simbologia, destaca-se “O Louco do tarô”, que é ressaltado como “A condição do ser humano sobre a Terra. Um homem com o chapéu de bobo, sacola nas costas, roupa extravagante e rasgada, caminha despreocupado, sendo perseguido por um cão” (GODO, 2006, p. 70). Ou seja, um indivíduo caricaturado, que na visão social, vaga sem um rumo, utiliza roupas semelhantes à de um palhaço, e está à margem da sociedade.

A “carta coringa ou do louco”, segundo Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 560), no *Dicionário de Símbolos*, não apresenta numeração, porém, lhe é atribuído o número zero, enfatizando o vazio, pois “O louco não tem número. Ele se coloca, portanto, de fora do jogo, isto é, fora da cidade dos homens, fora dos muros”. Com isso, fica clara a exclusão dos indivíduos no jogo e também no meio social.

Com isso, o jogo do tarô traz consigo explicações para cada parte do louco detalhada na carta, como por exemplo, as cores da roupa traduzem o conflito emocional do ser, a sacola é colocada como o potencial e o conhecimento que o louco carrega consigo, a questão do cão pode ser entendida como o desejo, a emoção, ou seja, todo o jogo de conflitos estabelecido pelo louco. Assim, se estudam-se as partes que compõem a imagem, para se compreender o louco como um todo. No *Dicionário de Símbolos* (2012), é ressaltado que:

O Louco, segundo a simbologia dos números, quer dizer o limite da palavra, o lado de lá da soma que não é outra coisa senão o vazio, a

presença superada que se transforma em ausência, o saber último que se torna ignorância, disponibilidade: a cultura, aquilo que fica quando tudo mais é esquecido, como se diz. O Louco não é o nada, mas o vácuo do fana dos sufis, uma vez que nenhum haver é necessário, tornando-se a consciência do ser a consciência do mundo, da totalidade humana e material, da qual ele se desligou para avançar mais à frente (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2012, p. 561).

Desse modo, o sujeito louco é um ser que está avesso a tudo que é considerado correto, ele é considerado um erro nas verdades da sociedade opressora. Mergulhado em seu universo, o “louco” avança em novas formas de compreensão do mundo, com uma percepção inocente e fantástica dos elementos que o rodeiam.

De acordo com Foucault (2007, p. 20), “o fascínio exercido pela loucura é explicado pelo fato de se tratar de um novo saber que expõe conhecimentos que dificilmente viriam à tona por meio de pessoas consideradas normais”. Muitos sentimentos reprimidos são liberados e expostos claramente pelo louco. Seu olhar carrega uma pureza, ele domina certos campos inacessíveis pelos demais seres, esse domínio assusta e incomoda quem os rodeia.

E com isso, “este saber tão inacessível e temível, o Louco o detém em sua parvoíce inocente. Enquanto o homem racional e sábio só percebe desse saber algumas figuras fragmentárias” (FOUCAULT, 2007. p.21). Assim, esse saber é inacessível para o homem racional, que está arraigado em regras que o prendem em sua própria liberdade social.

Segundo Frayze-Pereira (2007),

Na filosofia de Descartes (1596-1650), que se encontra na base do pensamento moderno, a loucura se vê privada do direito a alguma relação com a verdade. Sendo o “sujeito que duvida” ponto de partida do conhecimento verdadeiro, o louco jamais poderá atingi-lo, pois o ato de duvidar poderá atingi-lo, pois o ato duvidar implica o pensamento e aquele que pensa e, por princípio, anula essa possibilidade (FRAYZE PEREIRA, 2007, p. 61).

As ações ou colocações do ser considerado louco não possuam, segundo o autor, credibilidade, já que a loucura era vista como o avesso da razão, e o indivíduo estava “mergulhado” em um meio de ilusões e fantasias. Com isso, a verdade era

atribuída ao discurso do sujeito que impõe as normas e regras sociais, “duvidando” da rationalidade daquele “diagnosticado” como louco.

O sujeito considerado louco trilha um caminho contrário ao que tange a sociedade considerada “normal”. Ele se aplica à outra rota de compreensão e resolução de determinados acontecimentos que se diferenciam do senso comum, daquilo que já está pronto. Ele insinua, questiona, ignora, causando desconforto e desordem nas organizações que a sociedade implanta como verdades. Para Foucault (2007),

A loucura é o lado despercebido da ordem, que faz com que o homem venha a ser, mesmo contra a vontade, o instrumento de uma sabedoria cuja finalidade ele não conhece; ela mede toda a distância que existe entre a previdência e a providência, cálculo e finalidade. Nela se oculta toda a profundidade de uma sabedoria coletiva e que domina o tempo (FOUCAULT, 2007, p. 179).

Configurada como uma sabedoria, a loucura ganha cada vez mais destaque e desperta não só o interesse dos seres por esse campo recheado de surpresas, mas também o medo e a insatisfação dos efeitos que ela possa causar no comportamento das pessoas.

Os sujeitos alienados, expulsos do convívio com os demais seres, sem os direitos civis, encontram-se isolados em seu mundo interior, divagando com seus medos, suas dores, seus desejos e suas frustrações. A razão passa a correlacionar não mais com o todo, ou seja, com o seu cotidiano inserido no coletivo, mas com o seu próprio Eu, conturbado pelas impressões que adquiriu com o meio e com a sua insanidade.

De acordo com Foucault (2007),

A loucura tem uma dupla maneira de postar-se diante da razão: ela está ao mesmo tempo do outro lado e sob seu olhar. Do outro lado: a loucura é diferença imediata, negatividade pura, aquilo que se denuncia como não-ser, numa evidência irrecusável; é uma ausência total da razão, que logo se percebe como tal, sobre o fundo das estruturas do razoável. Sob o olhar da razão: a loucura é individualidade singular cujas características próprias, a conduta, a linguagem, os gestos, distinguem-se uma a uma daquilo que se pode encontrar no não-louco; em sua particularidade ela se desdobra para uma razão que não é termo de referência mas princípio de julgamento; a loucura é então considerada em suas estruturas do racional (FOUCAULT, 2007, p. 184).

A loucura segue, portanto, dois caminhos no que tange à normalidade. Em um dos contextos ela se coloca como algo negativo, o erro, a ausência de sanidade, um mergulho na irracionalidade, entre outros. Já no outro contexto, ela se faz presença única e de fácil compreensão em suas múltiplas formas de apresentação. Assim, o meio em que o indivíduo considerado louco se encontra inserido, é permeado pelas divisões de classes, que se opõem uma em detrimento da outra. O fator econômico é primordial para que a segregação seja acentuada.

O louco, como já foi citado, durante a Idade Média, tem seus direitos confiscados e é deixado de lado; sem pertencer a nenhuma classe, fica à deriva do jugo social, que por sua vez, utiliza-se da razão, de uma razão contestável, pois as ações contraditórias do ser insano se tornam o primeiro passo para uma racionalidade ilusória, que faz a loucura ganhar tratamento hediondo, que configura o louco como um ser perdido em sua própria configuração alienada.

Para Frayze-Pereira (2007),

A loucura não é ruptura com a humanidade, mas algo cuja verdade se esconde no interior da subjetividade humana. Nesse sentido, a loucura deixa de se referir ao não-ser e passa a designar o ser do homem. E, através desse redimensionamento do problema, a reflexão sobre a loucura torna-se uma reflexão sobre o Homem (FRAYZE PEREIRA, 2007, p. 68).

A loucura traz em suas linhas o conhecimento que se constrói a partir dos questionamentos que surgem no cotidiano do indivíduo, com sua relação com o outro, seus desejos, anseios, frustrações, elementos que se formam em seu interior e são expostos de forma variada, fugindo aos padrões considerados “razoáveis” ou com uma aparente “normalidade”, e com isso, essa fuga é constituída pela sociedade como uma ruptura com o meio.

Entretanto, essa ruptura não se constitui com a humanidade em si, mas a loucura questiona as normas e conceitos empregados de forma opressora e dominante, ou seja, expõe e critica os valores e regras impostas pela sociedade, rompendo com as frágeis verdades vigentes no meio social.

Os seres razoáveis seguem os padrões para se manterem ativos e aceitos no ciclo social. Assim, condicionados a seguir as normas, tornam-se objetos de interesse para a movimentação da massa em detrimento dos objetivos da elite. O

louco por sua vez, faz o caminho contrário em relação ao ser considerado razoável. Ele transcende as normas, provoca desconforto, impõe suas atitudes e suas ideias como forma de desconstruir as condições impostas pela classe dominante.

Na Literatura, segundo Foucault (2007), a loucura passa a ser enfatizada não só por ser doença mental, mas também por ter suas relações com os indivíduos. Esse novo conhecimento sobre as coisas, a relatividade dos modos de pensar sobre determinado assunto, o confronto de ideias, a elucidação de posicionamentos, a inversão e a ruptura com os padrões sociais ganham as páginas dos autores literários, que corroboram também as denúncias do mal sofrido pelos seres que estão mergulhados nos manicômios.

A loucura pode ser ressaltada no âmbito literário de diferentes formas, como explica Foucault (2007), principalmente no século XVII. O autor cita alguns tipos de loucura presentes em obras célebres, como a loucura pela identificação romanesca em *Dom Quixote* de Cervantes, uma inquietação entre o real e o imaginário, a loucura da paixão desesperada nas obras de Shakespeare, nas quais a eternidade do amor é consolidada com a morte, assim, também são elencados outros aspectos da loucura como a do justo castigo e a da vã presunção, reafirmando com isso, que a loucura não se limita a uma só definição, assim, considerada um campo amplo.

De acordo com Silva (2001), em seu texto intitulado *Vozes da loucura, ecos na literatura*,

Esse diálogo entre loucura e literatura, anterior à criação e que diz respeito à gênese da obra, não autoriza estabelecer, entre as duas, nexos de causalidade ou relações de contiguidade. Isso confundiria literatura, que é antes de tudo exercício da razão, com um discurso de vazão às alucinações e delírios, ou elevaria a loucura ao estatuto de um sistema ou instituição, quando esta é exatamente a negação de qualquer organização, coerência ou ordem (SILVA, 2001, p. 03).

Assim, a loucura é trabalhada no âmbito literário como uma forma de denúncia, utilizando em muitos casos, o testemunho de um escritor que se torna personagem da própria história, para ressaltar a configuração da racionalidade em um indivíduo considerado louco pelo ciclo social.

No século XVIII, de acordo com Foucault (2007), o “sujeito louco” deixa as “zonas periféricas” em que a sociedade o insere e passa a assumir um lugar de

destaque, voltando-se para as discussões, assim, elementos como o desatino, o delírio, passam a ser apontados como formas da loucura.

Em sua trajetória, a loucura enfrentou desde o início o discurso da sociedade, que era refletido em suas atitudes, perpassando o estágio cruel, passando pela violência, o desconhecimento até chegar ao alvorecer dos direitos dos seres alienados, utilizando as atitudes dos indivíduos como elemento para o fortalecimento desses conceitos, a inospitalidade da razão no louco e seu frágil conhecimento da medicina. Com isso, a loucura ganhou vários elementos diferenciados, entre eles, o delírio, que contribuíram para a manifestação e identificação da insanidade.

Para Foucault (2007),

Na percepção do louco que se tem no século XVIII, estão inextricavelmente misturados aquilo que existe de mais positivo e de mais negativo. O positivo é a própria razão, mesmo se considerada sob um aspecto aberrador; quanto ao negativo, é constituído pelo fato de que a loucura, no máximo, não é mais uma extrema camada negativa; é o que existe de mais próximo da razão, e de mais irredutível; é a razão afetada por um índice indelével: o Desatino (FOUCAULT, 2007, p. 186).

O “desatino” configura-se como um dos rostos da loucura por ser associado ao campo mental. O sujeito desatinado apresenta uma confusão de ideias que o torna incapaz de expressar um nexo, dentro do campo da razão social, sendo consequentemente considerado louco.

Na sociedade, a loucura vai além de uma questão comportamental ou um dado patológico, ela se concentra como um campo de conhecimento, em que a relatividade de ideias se interligam e formam outras completamente diferentes. Ela discorda com o que é imposto pelo discurso dominante, servindo de elo de liberdade contra as teias da máquina urbana.

Para Silva (2008), em seu texto “*Olhando sobre o muro: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea*”,

O tratamento dado ao louco reflete o modo como o outro, aquele que não tem espaço nem voz, é percebido e representado na realidade e na literatura (...) Percebe-se então que a loucura não é apenas o que se vê dela na aparência, conduta, linguagem e gestos de louco. Ela é também construída por símbolos e representações, de acordo com os valores culturais e históricos de determinada cultura e sociedade,

para as quais o louco se constitui um desvio (...) (SILVA, 2008, p. 07).

Com isso, a loucura se estabelece como reflexo das atividades contrárias ao considerado “normal” para uma determinada classe que domina seu meio. Assim, os valores culturais são disseminados, gerando conceitos sobre determinados elementos e sujeitos, entre eles, o indivíduo considerado louco, que carrega em suas ações a caracterização da “insanidade”.

Essa forma de atuar em seu meio como um conhecimento faz com que a loucura seja temida e sofra graves intervenções do ciclo social. O que a loucura apresenta como novo, a classe dominadora razoável considera uma falha, um confronto ao que está sendo disseminado, assim, a loucura se torna uma ameaça aos interesses da burguesia.

Baseando-se nas características gerais da loucura, refletidas nas frágeis concepções sociais do que seria a insanidade, apresentada por gestos e atividades do sujeito alienado, o ser razoável influenciou diretamente na deformação da loucura que, segundo Foucault (2007) transitou da patologia ao âmbito moral, perpassando as sombras do medo em relação ao contato com o ser alucinado até se deparar com as portas dos hospícios, momento de constituição dos hospitais direcionados aos loucos.

O ser considerado “anormal” foi sendo destinado ao hospício como uma forma de liberdade para a sociedade, que se via ameaçada pela presença deste sujeito. Entretanto, para Frayze-Pereira (2007),

É preciso notar que uma norma, uma regra se propõe como um modo possível de eliminar uma diferença. E ao se propor desse modo a própria norma cria a possibilidade de sua negação lógica (...) Nesse sentido, o normal, enquanto a-normal é posterior à definição do normal, é a negação lógica deste (...) Uma norma só vem a ser uma norma, exercendo a sua função normativa ou de regulação, mediante a antecipação da possibilidade de sua infração (...) O anormal é uma relação: ele só existe na e pela relação com o normal. Normal e anormal são, portanto, termos inseparáveis. E é por isso que é tão difícil definir a loucura por si mesma (FRAYZE-PEREIRA, 2007, p. 21-22).

Ou seja, o conceito de “normal” e “anormal” se entrelaça, com isso a loucura, segundo Frayze Pereira (2007), se encontra em um campo ainda indefinido, pois o

conceito de “normal” empregado pela sociedade é relativizado dentro das relações do sujeito e o seu meio.

Segundo Silva (2008, p. 60), “multifacetada e portadora de uma lógica própria, a loucura encontra na experiência literária um espaço para a construção do desmoronamento”. Assim, ela questiona as imposições sociais pontuadas como verdades. Em sua “experiência”, a loucura expõe o “outro lado”, o que é mantido em silêncio pelas malhas sociais, ou seja, aquilo que a sociedade não domina e procura excluir.

A experiência da loucura na sociedade se apresenta como um fator inconstante e de falso conhecimento. Daquilo que o indivíduo louco percebia em sua abrangência, o sujeito detentor da razão só possuía fragmentos. As doenças que atacavam o sistema nervoso dos seres eram utilizadas para descrever e caracterizar a loucura e os indivíduos que sofriam de alguma enfermidade que provocasse alguma mudança comportamental tinha na loucura o seu diagnóstico.

A percepção do sujeito louco está além do cerco da razão social, ela se constitui como meio pelo qual ele se direciona e se porta perante os discursos da massa dominante, originando-se na sua própria razão. Para Foucault (2007),

A percepção do louco não tinha por conteúdo, finalmente, nada além da própria razão; a análise da loucura entre as espécies da doença, de seu lado, só tinha por princípio a ordem de razão de uma sabedoria natural, e tanto que ali onde se procurava a plenitude positiva da loucura só se encontrava a razão, tornando-se a loucura assim, paradoxalmente, ausência de loucura e presença universal da razão. A loucura da loucura está em ser secretamente razão. E esta não-loucura, como conteúdo da loucura, é o segundo ponto essencial a ressaltar a propósito do desatino. O desatino é que a verdade da loucura é a razão (FOUCAULT, 2007, p. 207).

Por apresentar características e ações que estão em desacordo com as normas sociais, a loucura passa a ser considerada a não-razão, a ausência de sanidade, raciocínio ou organização em seus pensamentos. A falta de uma aparente lógica nas ideias do louco faz com que ele seja considerado um ser desprovido de conhecimento e sem uma direção a seguir. Assim, o desatino é representado por uma ausência da razão, em que as ações do individuo alienado corroboram como uma aparente falta de nexo na erudição do ser.

O “desatino”, a “alienação” e a “insanidade” são espelhos pelos quais a loucura é apresentada pelo ciclo social. Toda a falta de conhecimento, de razão ou

comportamento que foge a um leque de quesitos e preceitos taxados como regulamentos a ser correspondidos e que proporciona uma adequação dos seres é considerada loucura.

Assim, a sociedade se direciona para a loucura com uma visão engessada no campo da razão, campo que se faz relativo e limitado, apresentando um estudo empobrecido, pois o conhecimento que o cerco social possui da loucura se atém às margens da sanidade, não consegue abarcar o todo, como já foi ressaltado, ficando em suposições que fomentam o descontrole de uma segregação causadora de malefícios e lesões nos indivíduos que se propõem a não seguir as normas e naqueles que, no campo patológico, apresentam algum transtorno ou desenvolvem um distúrbio, com o auxílio dos tratamentos médicos desprovidos de um aprofundamento ao que se refere à loucura.

O discurso social, por controlar e subsidiar a coerção, interfere diretamente na compreensão da loucura, pois é quem detém o poder de excluir, manipular e condenar todo um ciclo.

Segundo Foucault (1979), em seu livro *Microfísica do poder*, quando escreveu a obra *História da Loucura* usou pelo menos implicitamente a noção de repressão, “Acreditando em uma espécie de loucura viva, volúvel e ansiosa que a mecânica do poder tinha conseguido reprimir, reduzindo ao silêncio” (FOUCAULT, 1979, p. 7). Entretanto, ele não estuda o poder como uma mazela ou um repressor na sociedade, conforme afirma em *Microfísica do poder*.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceita é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 1979, p. 8).

O poder constrói o espaço da realidade, estabelecendo parâmetros para estruturar a máquina social. Sua fonte se localiza no discurso, formado pelas palavras deferidas por uma determinada classe, que aplica suas inferências, seus interesses e seus conceitos arcaicos de forma opressora e discriminatória.

O fermento para o crescimento do poder se instala nas ideologias acrescidas de conceitos e de valores estabelecidos por uma determinada massa, que se coloca em um patamar elevado em detrimento de outros sujeitos, transformando essa ideologia como em uma máxima a ser seguida. Assim, o discurso viabiliza a

caracterização e a exclusão de coisas e seres que não correspondem nem discordam do que é imposto.

A loucura, decretada como ausência da razão, torna-se um dos alvos para os quais o discurso do poder se direciona, vislumbrando um controle e uma correção dos indivíduos analisados como anormais, para que os mesmos possam ser inseridos novamente na sociedade.

De acordo com Foucault (2010), o poder não é algo material, mas uma força que se exerce em uma determinada situação dos indivíduos em busca de uma realização própria. Existe uma conscientização em relação ao conceito de poder que sempre o associa à “dominação” e com modelos econômicos capitalistas. O autor procura dissociar os termos repressivos e dominadores que se correlacionam com o poder. Ele analisa nos dois vieses a classe dominante e aqueles que se deixam dominar.

A constituição da repressão que se origina no discurso encontra nas relações sociais as amarras para que o sujeito seja condicionado à adesão aos padrões vigentes. Condicionados pelos desejos e por ideais, os sujeitos estabelecem seus direcionamentos para a realização e a concretização de suas atividades.

Entretanto aqueles que apresentam alguma diferença ou buscam outras formas para conseguirem conquistar os seus bens, sejam eles materiais ou não, que fujam ou provoquem uma ruptura no que é colocado como benefícios ou regimentos para o coletivo são considerados loucos.

1.2 A loucura como desvio da normalidade

Nos séculos XVII e XVIII, a loucura era associada, à “demência”, à “melancolia”, ao “desatino”, entre outros. Segundo Foucault (2007, p. 253), “É da loucura assim concebida em toda a negatividade de sua desordem que se aproxima a demência.” Assim, a “demência” associa-se à desordem, à negatividade e à perturbação da loucura. Já a “melancolia”, segundo o mesmo estudioso (2007, p.269), “é uma loucura sem febre e nem furor, acompanhada pelo temor e pela tristeza, um aprisionamento de pensamentos, sufocando os desejos e as vontades”.

Para manter a ordem e barrar a evolução de algumas doenças, entre elas a “peste” que assolava os seres, a sociedade, segundo os estudos de Foucault,

passou a isolar todo tipo de pessoa que representasse algum tipo de perigo. Assim, para o autor,

A peste é o momento em que o policiamento de uma população se faz até seu ponto extremo, em que nada das comunicações perigosas, das comunidades confusas, dos contatos proibidos pode mais se produzir. O momento da peste é o momento do policiamento exaustivo de uma população por um poder político, cujas ramificações capilares atingem sem cessar o próprio grão dos indivíduos, seu tempo, seu hábitat, sua localização, seu corpo. A peste traz consigo, talvez, o sonho literário ou teatral do grande momento orgiástico; a peste traz consigo também o sonho político de um poder exaustivo, de um poder que se exerce plenamente (FOUCAULT, 2010, p. 41).

Assim, essa enfermidade, por provocar o pânico e destruir as espécies vitais, se torna um dos alvos para o qual o poder se volta, para estabelecer os limites e tentar erradicar o mal que a peste ou aquilo que se assemelhe a ela possa fazer dentro dos campos habitáveis. A vigilância se torna uma das atividades primordiais para que a segurança seja estabelecida. E o cárcere é considerado a solução mais eficaz para que o perigo seja erradicado.

O poder emanado pelo discurso social passa a ser exercido não só no controle da loucura, da peste, dos criminosos ou de qualquer situação ou indivíduo que exerça algum tipo de insegurança ou risco, mas também no governo de todo o espaço e dos seres que a ele pertencem. Esse governo, segundo Foucault (2010) se iniciou na Idade Clássica, que elaborou as atividades de poder, com o intuito de ministrar os loucos e os seres desfavorecidos economicamente, e após isso, os operários que moviam a engrenagem da máquina social.

Ao controlar os demais seres, o sujeito encontra no discurso a formulação e aplicação de ideias que permitem a transformação da estrutura social, que interfere no espaço, agindo, em alguns momentos, de forma opressora e excludente, delimitando os diversos campos do conhecimento e de ações dos sujeitos.

Aplicando regras a ser seguidas pelas pessoas, o poder se transforma em um grande ditador, manipulando os demais sujeitos que destoam de seus preceitos e inserindo nessas normas seus conceitos antiquados, periféricos e elitistas. Essa concepção de poder, segundo Foucault (2010), vem da concepção histórica, de ciclo social escravagista. De acordo com o autor,

A ideia de que o poder – em vez de permitir a circulação, as alternâncias, as múltiplas combinações de elementos – tem por função essencial proibir, impedir, isolar, parece-me uma concepção do poder que se refere a um modelo também historicamente superado, que é o modelo da sociedade de casta. Fazendo do poder um mecanismo que não tem por função produzir, mas arrecadar, impor transferências obrigatórias de riqueza, por conseguinte privar do fruto do trabalho; em suma, a ideia de que o poder tem por função essencial bloquear o processo de produção e fazer que este beneficie, numa recondução absolutamente idêntica das relações de poder, certa classe social, não me parece referir-se ao funcionamento real do poder nos dias de hoje, mas ao funcionamento do poder tal como podemos supô-lo ou reconstruí-lo na sociedade feudal (FOUCAULT, 2010, p. 44).

Para Foucault (2010), o poder na contemporaneidade, que se estabelece como algo que nutre uma relação de oposição e de assimilação entre os seres, perde o foco negativo que era espelhado nas ações da sociedade no passado, como algo que oprimisse e se tornasse um ditador que manipulava os indivíduos no alvorecer da loucura. Ele molda as características dos sujeitos, adequando suas atitudes e ideias à transformação e movimentação da engrenagem social.

O discurso passou a ser a chave utilizada pelo setor social para abrir as comportas do poder normativo, para que ele inundasse os campos dos sujeitos, direcionando as atitudes e pensamentos formulados a uma espécie de esteio onde a relação de dominação e dominado ganha múltiplos contornos, rompendo com a característica negativa atrelada ao discurso do poder na linha histórica.

A sociedade se manteve em crescimento manuseando o discurso como elemento de influência e expansão do poder, reforçava as distinções e demarcava os lugares, por intermédio da atuação da força que era estabelecida no ato de comunicação e de imposição dos objetivos traçados como um bem comum para o coletivo. Com isso, buscava segregar os seres “racionais” daqueles que possuíam algum “distúrbio patológico”.

De acordo com Frayze-Pereira (2007),

A discriminação do normal e do patológico independe de contextos institucionais particulares. Isto é, a loucura é um fenômeno (psicológico e cultural) que pode assumir mil facetas, mas cuja forma é constante. Ora, à medida que a loucura significa um defeito da capacidade humana universal de simbolização e que esta define a humanidade bem como a cultura, ser louco significa ser des-humanizado (des-culturado), isto é, aquele que rompeu com a natureza humana (FRAYZE-PEREIRA, 2007, p. 34).

Assim, a sociedade caracteriza o ser “louco” como indivíduo desprovido de humanidade, de racionalidade e de sentimentos, perdido em um meio obscuro e sem nexo. A loucura, fator considerado como de origem patológica pelo ciclo social, passa a ser considerada como uma doença que afeta o sujeito de tal maneira que ele perde sua posição como cidadão, sua “humanidade”, sua “cultura” e seus direitos, oprimido e recluso pelo seu meio.

A loucura, analisada no viés patológico, causou interferências na evolução do campo da insanidade. O medo, a preocupação, a curiosidade e a violência permearam a configuração da loucura na história, seus estudos consideravam em primeira instância o fator mental como a resposta para certas atividades incoerentes dos seres.

O “louco” passou a representar todo o tipo de indivíduo que causasse um estranhamento ou apresentasse uma característica que fugisse da frágil normalidade que a sociedade aplicava em seu meio. Assim, para Foucault (2007),

E, mais que qualquer outra doença, a loucura manteve ao seu redor, até o final do século XVIII, todo um corpo de práticas ao mesmo tempo arcaicas pela origem, mágicas pela significação e extramédicas pelo sistema de aplicação. Tudo o que a loucura podia ocultar de poderes aterrorizantes alimentava, em sua vivacidade mas secreta, a vida abafada dessas práticas (FOUCAULT, 2007, p. 204).

Ao passo que a loucura buscava se estabelecer como uma manifestação que vislumbrava não só o campo patológico, mas também as relações do indivíduo com os variados discursos sociais, ela mantinha em suas estruturas uma grande ligação com o conhecimento médico a cerca de si, pelo fato de ser associada à razão e à capacidade do sujeito de raciocinar em um aceitável nível intelectual.

A sociedade nos séculos XVIII e XIX, com o aval da medicina, segundo os estudos de Foucault (2007), tentava manter a loucura presa aos estudos da “razão”, principalmente voltados para a mente. A questão comportamental era interpretada como um reflexo do aprofundamento do desvio mental do ser considerado louco.

Assim, passaram a ser perseguidos todos os seres que sofressem com qualquer tipo de patologia que fizesse uma analogia ao desatino. Antes, como já foi ressaltado, os loucos eram colocados nos mesmos espaços que os bandidos, os

assassinos, os leprosos, com isso, a loucura era associada a tudo o que não condiz com a realidade e com o aceitável dentro do seio social.

Michel Foucault (2007) ressalta que a loucura e o louco possuem uma ligação com a razão, que ao ser estabelecida como parâmetro principal para o diagnóstico da loucura e a caracterização do sujeito louco, torna-se um campo em que a sociedade estabelece valores e padrões para conduzir os seres e manifestar o poder representado pelo discurso, reafirmando a marginalização e a segregação dos alienados, que são considerados seres dependentes do serviço médico e incapazes de manter um contato racional e coerente com os demais indivíduos. Assim, de acordo com Foucault (2007),

A percepção do louco não tinha por conteúdo, finalmente, nada além da própria razão; a análise da loucura entre as espécies da doença, de seu lado, só tinha por princípio a ordem de razão de uma sabedoria natural, e tanto que ali onde se preparava a plenitude positiva da loucura só se encontrava a razão, tornando-se a loucura assim, paradoxalmente, ausência de loucura e presença universal da razão (FOUCAULT, 2007, p. 207).

O indivíduo considerado avesso à normalidade está fora do espaço da razão, pois quando o outro identifica a ausência de sanidade, a loucura passa a ser o elemento que representa esse distanciamento do real. Considerando o espaço da racionalidade, o louco é aquele que vive imerso em seus devaneios e alucinações.

“Degenerado” em suas ações, o “alienado” é colocado à margem da convivência social, fazendo e essa exclusão se reflete, nas formas de tratamento dispensado a esse sujeito e também no desencadeamento de algumas doenças que favorecem e fortalecem a construção da loucura como fruto patológico.

Para Frayze-Pereira (2007), no final do século XVIII e início do século XIX, atribuiu-se às instituições psiquiátricas o papel de curar os seres “insanos”,

A casa de internamento vai transformar-se em asilo. E neste, finalmente, a medicina vai encontrar um lugar – um lugar que lhe garantirá a possibilidade de apropriação do louco como o seu objeto de conhecimento (...) A loucura torna-se objeto médico: ganha o valor de doença. E a ligação entre o asilo e a doença forja-se como uma relação necessária (FRAYZE-PEREIRA, 2007, p. 83).

O internamento dos indivíduos “loucos” propicia à medicina, nesse momento, uma aproximação mais aprofundada com a loucura. Com isso, a loucura é estudada

em bases patológicas, e o ser acometido por ela sofre com o isolamento e com o tratamento a que é submetido.

O sujeito “louco”, de acordo com Foucault (2007), passa a se constituir naquilo que o torna diferente do outro, do ciclo que o expõe como o inverso ou o erro. Nesse jogo da alteridade, em que o indivíduo se configura na e pela diferença com os demais seres, na relação que se mantém no cotidiano, é que a loucura é formulada dentro de um reduzido conhecimento, voltada principalmente para o contexto médico.

Existem inúmeros tipos de discursos, mas todos possuem um elo de ligação que surge na formação e no controle do sujeito. Cada indivíduo passa a ser monitorado pelas ações dos outros seres que corroboram com a marginalização e o autoritarismo das diferentes classes, pois essas relações de subserviência entre os sujeitos são constantemente aclamadas, pois na forma ativa, assumida por um determinado grupo, faz com que as suas atitudes e seus ideais se sobreponham aos desejos dos demais, que se permitem a ação de dependência.

Com isso, essa mecânica do poder fixada no discurso, vislumbra a construção do sujeito calcado e adequado aos seus benefícios, perpassando a política, a economia, entre outros setores sociais.

Para Foucault (2010),

Afinal de contas, essa mecânica grotesca do poder, ou essa engrenagem do grotesco na mecânica do poder, é antiguíssima nas estruturas, no funcionamento político das nossas sociedades. Vocês têm exemplos relevantes disso na história do Império romano, onde essa desqualificação quase teatral do ponto de origem, do ponto de contato de todos os efeitos de poder na pessoa do imperador foi precisamente uma maneira, se não exatamente de governar, pelo menos de dominar (FOUCAULT, 2010, p. 12).

O “grotesco”, o “hediondo”, o “estranho”, se fixam nos mecanismos do poder como representações caricatas da ambição do indivíduo. Analisando como grotesco, a categoria do poder político, Foucault (2010) ressalta o ridículo em que se coloca a sociedade ao se submeter a um governo ou uma dominação, como o autor citou, de uma forma agressiva, em que sua identidade sofre com as inferências e intenções do sujeito que se propõe a influenciar e comandar um determinado espaço.

Essa característica do abominável que se atrela ao poder, se arrasta durante a história da humanidade, que teve imperadores, reis, presidentes, que abusavam

da posição que possuíam e martirizavam os indivíduos que se mantinham submissos e aqueles que desencadeavam alguma espécie de revolta contra o poder vigente eram severamente castigados.

Com isso, segundo os estudos de Foucault (2007), a desqualificação dos indivíduos que rompem com o que é imposto pelo cerco social absoluto, que se impõe como uma máxima de valores e de convicções que sufocam determinados grupos se faz vigente na trajetória do ser humano, que mantém uma relação de dependência a uma hierarquia social que envolve cultura, etnias e o fator econômico, que fortalece a demarcação dos lugares dentro da estrutura do poder.

Assim, seguindo as colocações de Foucault (2007), a desigualdade que se espalha dentro da sociedade, faz com que o discurso do poder seja atrelado a dois caminhos, o da negatividade, o poder que pesa em sua ação, que exclui, que assola e martiriza os seres e o caminho positivo, que impulsiona o crescimento, o desenvolvimento e o aprimoramento dos espaços, corroborando o progresso do indivíduo.

De acordo com os estudos de Foucault (2010), a sociedade, exercendo seu poder exorbitante e excludente, apresentou ao espaço judiciário um indivíduo que é impossibilitado de conviver com os demais seres, que provoca desordem, é excêntrico, não aceita as leis, rejeita a moralidade e é capaz de cometer atos que adentram a criminalidade. Esse sujeito, por não se adequar às normas, é lançado ao campo da loucura como uma explicação plausível por apresentar uma série de particularidades que o diferenciam dos demais.

A diferença entre o sujeito louco e o sujeito “razoável” se enfatiza nas relações que se desenvolvem no seio social, e essas relações que se manifestam no discurso são a base para que a loucura seja estabelecida. Como uma forma para estabelecer o controle sobre a loucura e o indivíduo insano, que provoque algum tipo de delito, a sociedade atribuiu ao poder judiciário e consequentemente ao poder do médico o julgamento e a pena que os seres alienados deveriam cumprir.

Com isso, recorrendo à psiquiatria, o ciclo social buscava identificar a loucura e corrigir os seres insanos. Para Foucault (2010),

O exame psiquiátrico possibilita a transferência do ponto de aplicação do castigo, da infração definida pela lei à criminalidade apreciada do ponto de vista psicológico-moral. Por meio de uma atribuição casual cujo caráter tautológico é evidente, mas ao mesmo

tempo, tem pouca importância (a não ser que se tente, o que seria desinteressante, fazer análise das estruturas racionais do texto), passou-se do que poderíamos chamar de alvo de punição – o ponto de aplicação de um mecanismo de poder, que é o castigo legal – a um domínio que pertence a um conhecimento, a uma técnica de transformação, a todo um conjunto racional e concertado de coerções. Que o exame psiquiátrico constitua um suporte de conhecimento igual a zero é verdade, mas não tem importância. O essencial do seu papel é legitimar, na forma de conhecimento científico, a extensão do poder de punir a outra coisa que não a infração. O essencial é que ele permite situar a ação punitiva do poder judiciário num corpus geral de técnicas bem pensadas de transformação dos indivíduos. (FOUCAULT, 2010, p. 16-17).

O exame psiquiátrico avalia o grau de insanidade do indivíduo e aplica as leis instituídas como regras a ser seguidas pelas pessoas que compõem o quadro social, que associado ao discurso opressor maximiza o desconhecimento acerca da loucura e a coloca como um dos reflexos da criminalidade. A obrigação do louco está no cumprimento da pena que tem como finalidade a exclusão, a marginalização e a prisão dos indivíduos alienados nas “casas de correções”.

A legitimação da avaliação médica se encontra na potencialização do discurso que, permeado de interesses e preconceitos de um determinado grupo, passa a estabelecer o que é loucura e o que é sanidade. O controle que a sociedade busca em relação à loucura e ao louco, se evidencia pelos meios que ela se utiliza para dominar, julgar e condenar aquilo que se apresenta como diferente, que proporciona uma subversão ao meio em que estão inseridos.

Para Foucault, esse exame, utilizado como fator penal no âmbito judiciário, minimiza o conhecimento do médico e da psiquiatria. Segundo o autor, “Ele não é homogêneo nem ao direito nem à medicina” (FOUCAULT, 2010, p. 35). Ele não consegue abranger o todo com os campos mais complexos, e se torna frágil em sua concepção. Com isso, seria indevido utilizar essa técnica para avaliar os diversos tipos de conhecimento.

Com o nascimento do hospício e dos hospitais psiquiátricos, entre os séculos XVIII e XIX, segundo Foucault (2007), com a utilização dos antigos leprosários para que as pessoas consideradas “insanas” fossem retiradas do convívio social, a medicina inicia assim com o aval da sociedade a busca pelo o controle da população “insana”.

Entretanto, pelo desconhecimento sobre a loucura, acabaram produzindo a loucura nesses locais, por intermédio de relações disciplinares de poder. Esses

métodos atuam no corpo como forma de controlar seu comportamento, impondo as relações de subserviência. Com isso, o poder, por intermédio do discurso, não elimina o indivíduo, mas o produz.

A normalização dos indivíduos insanos ganhou contornos nas aplicações das relações disciplinares de poder. O “louco” passou a sofrer com as técnicas que perpassava a violência física, para que se adequassem ao plano da sanidade. As medidas utilizadas pelos médicos, apoiadas no discurso social, visavam não só ao controle, mas também ao silenciamento da loucura que assombrava e incomodava os seres razoáveis. Assim, o interesse do poder de normalizar o indivíduo passou a ser priorizado nas diversas instâncias da sociedade, principalmente nos setores hospitalares. Para Foucault (2010),

Essa emergência do poder de normalização, a maneira como ele se formou, a maneira como se instalou, sem jamais se apoiar numa só instituição, mas pelo jogo que conseguiu estabelecer entre diferentes instituições, estendeu sua soberania em nossa sociedade (FOUCAULT, 2010, p. 23)

Assim, o poder de normalização do indivíduo avançou não apenas nos setores de saúde, como uma aparente preocupação da sociedade com os seus “loucos”, mas também nas diversas instâncias que apresentassem algum conflito ou se desviassem dos valores e dos ideais que eram colocados como fatores essenciais para o desenvolvimento e crescimento do coletivo.

Atribuído principalmente ao âmbito patológico, o conhecimento do médico configura-se como um reforço ao discurso do dominante em oprimir e excluir os seres que destoam daquilo que é considerado normal e aceitável dentro dos padrões sociais. O médico é o ser que detém o poder de analisar e diagnosticar a loucura, entretanto, o seu conhecimento estava restrito às camadas superficiais da insanidade, fazendo com que apenas alguns vestígios da loucura fossem identificados.

Assim, o clínico é colocado como instrumento de caráter científico, que propaga o discurso vigente, de que a loucura é uma doença que bloqueia a razão no sujeito, incapacitando-o de raciocinar e interagir com o meio. Segundo Foucault (2010, p. 123), “O poder do médico lhe permite produzir doravante a realidade de uma doença mental cuja propriedade é a de reproduzir fenômenos inteiramente

acessíveis do conhecimento.” Com isso, como foi ressaltado anteriormente, o conhecimento do médico se torna limitado, e o seu “domínio” sobre a loucura abrange apenas a extensão do seu saber em relação à mesma.

Para Frayze-Pereira (2007),

Em suma, através da instituição do internamento, que nasceu de uma inquietação com a pobreza, a loucura é percebida no campo formado pela própria miséria, pela incapacidade para o trabalho e pela impossibilidade de integrar-se no grupo (FRAYZE PEREIRA, 2007, p. 67-68).

Fomentando a desigualdade entre os seres, a sociedade, com seu discurso dominador e segregador, conduziu o ser “louco” ao internamento, fazendo com que este ficasse dependente da prática, como sendo a única forma de sobrevivência dentro do seu meio. O “louco”, por estar no patamar do “des-humano” e “des-culturado”, segundo Frayze Pereira (2007), não se encaixa nas malhas sociais, tornando-se miserável nos aspectos sociais e morais.

Dentro da perspectiva do poder, o sujeito se torna alvo e vítima dos seus próprios desejos, ambições e sonhos. De acordo com Foucault (2007) o elemento que identifica a ação do poder sobre a massa é o discurso. O poder delimita não só a identidade de uma pessoa, mas também o molda, transformando o conhecimento que o ser possui em detrimento das suas vontades.

Com isso, as análises do médico são monitoradas e filtradas de acordo com a conveniência social, pois ao diagnosticar de uma maneira superficial a loucura como resposta para todo e qualquer tipo de atitude que confrontasse a normalidade pueril da sociedade ou dela fugisse, colocava em prática o controle e a restrição dos loucos em meio a uma atividade tirana e violenta, que corroborava com o desenvolvimento de sequelas irreversíveis no indivíduo.

Segundo os estudos de Foucault (2010), o grupo social, manipulando o meio a que pertence para conseguir manter uma superioridade e a diferença de classes, vale-se do discurso como elemento que possibilita essa forma ativa de agir com os componentes da estrutura social. A necessidade de excluir os indivíduos considerados loucos reflete não só essa manipulação, mas também a cegueira moral e científica que impossibilitava uma compreensão do que seria a loucura.

A loucura, que por muitos era trabalhada como um desvio de comportamento ou um surto psicótico vai além dessas definições. Por ser estudada como doença e pelo desconhecimento que se tem a seu respeito, a loucura passa a ser aprisionada pelas paredes hospitalares, reforçada pelas “internações”, como uma forma dominadora e opressora da sociedade que se valia da intenção de uma possível cura para os loucos, para justificar seus atos desumanos e perversos.

Essa cura era utilizada como resposta para os internamentos, pois, para a sociedade, por intermédio dos tratamentos, o sujeito louco poderia recuperar a sanidade.

De acordo com Foucault (2007), com a falta do discernimento em relação ao que seria a loucura e com o surgimento das casas de correção, a sociedade passa a internar todos aqueles seres que apresentavam uma incoerência nas suas ações, uma alteração comportamental, que destoava das ações consideradas normais. Introduzidos em alas de exclusão, trancafiados entre “os muros da realidade e do imaginário” dos detentores do poder, os “insanos” presenciavam o florescimento dos hospícios.

A loucura era utilizada para respaldar a imputabilidade dos indivíduos por seus atos, como forma de escapar da condenação, da responsabilidade de alguns atos criminosos. Segundo Foucault (2007), o importante era saber se a loucura era real e qual o seu grau, pois, acreditava-se que, quanto mais profunda fosse, mais a vontade do indivíduo seria considerada inocente, ou seja, a loucura era associada com o caráter inocente pela pureza de suas reflexões, o que, no entanto, não é tão simples.

Os criminosos ao se declararem loucos, se livravam de toda a culpa, tendo na loucura uma forma de libertação, pelo fato da sociedade enxergar o louco como uma pessoa que não tem domínio dos seus atos. Como esclarece o autor,

(...) Loucura e crime não se excluem, mas não se confundem num conceito indistinto; implicando-se um ao outro no interior de uma consciência que será tratada, com a mesma rationalidade, conforme as circunstâncias o determinem, com a prisão ou com o hospital. (...) (FOUCAULT, 2007, p.137)

O crime e a loucura estavam interligados durante o tratamento que a eles era dado no início. O louco e os criminosos dividiam o mesmo espaço, sendo ambos classificados na mesma linha racional, entretanto, com o passar do tempo e com a

transformação do conhecimento acerca da loucura, ocorreram mudanças em relação ao julgamento de ambos os aspectos, porém, tanto a loucura quanto o crime, mantém o laço do isolamento social.

Segundo Frayze-Pereira (2007),

A distinção do louco e de um criminoso é fundamentada numa irresponsabilidade inocente do primeiro (...) O internamento é compatível com a natureza mesma da loucura: sendo a essência da loucura ausência da liberdade, a restrição material dos loucos torna-se uma prescrição natural (FRAYZE PEREIRA, 2007, p. 82).

Inocentado em suas ações, por estar “desprovido” de uma racionalidade lógica dentro dos parâmetros elencados pela sociedade, o “louco” é incapacitado de responder por atos criminais, diferente de um criminoso que está inserido no meio social e segue a linha de raciocínio empregada pela sociedade como aceitável dentro das suas normas. No criminoso, não existe a ausência da “razão”. Entretanto, o internamento é empregado aos indivíduos “insanos” como um controle dessa população “alienada” que ameaça a estabilidade social.

Assim como o criminoso que infringe as regras do ciclo, o louco rompe com as normas sociais, beirando a razão, ele infringe as regras, quebra tabu, coloca em evidências elementos e fatos que a sociedade tenta ocultar. Crimes monstruosos são muitas vezes analisados pela linha da loucura e por serem considerados insanos, os seres que cometem o ato criminoso passam por análise mental, em que são testados o seu comportamento e o seu raciocínio. A razão é colocada em evidência, para o julgamento social, fator primário para caracterização da loucura.

O crime, segundo Foucault (2007), encontra na loucura um suporte para que o desequilíbrio mental seja analisado dentro da representação do sujeito considerado maníaco, esquizofrênico ou psicopata. As doenças atreladas à mente ganham força por modificarem o comportamento dos seres, expondo algumas ações consideradas pela sociedade como anormais. O criminoso, dependendo do ato criminal que cometeu, tem sua sanidade colocada em questão, passa a ser pesquisado, utilizando o campo patológico como esteio para a resposta ao crime praticado.

A loucura é pontuada com o crime, por ser concebida como algo maléfico para o ser razoável, assim, as atitudes hediondas são associadas à loucura por não

possuírem uma lógica aceitável nos parâmetros sociais, e com isso estão atreladas ao desvio mental, e tendo no sujeito criminoso, as bases para que sua aparente insanidade seja responsável por seus desequilíbrios e suas atitudes violentas contra as pessoas que convivem em seu meio.

Para Foucault (2010), a psiquiatria encontra na análise do crime, um meio para evidenciar a loucura no espaço criminal. Entretanto, para o autor,

Não foi ao cabo desse processo que ela se interessou pela loucura criminal, não foi por ter encontrado essa loucura redundante e excessiva que consiste em matar, depois de percorrer todos os domínios da loucura. Na verdade, ela se interessou imediatamente pela loucura que mata, porque seu problema era constituir-se e impor seus direitos como poder e saber de proteção no interior da sociedade (FOUCAULT, 2010, p. 103).

Essa proteção em que o estudo, direcionado pelo ciclo social, se propõe desenvolver, configura-se como um meio controlador, porque detém o saber oriundo do conhecimento, ainda reduzido da medicina, e limita o estudo no campo patológico, impondo as regras sociais como caminho a ser seguido.

No decorrer dos séculos XVIII e XIX ocorreram mudanças no que se refere à loucura, entre elas, o número de loucos nos asilos reflete essa fase de acontecimentos, pois a quantidade diminuía, fazendo emergir uma nova visão em relação ao louco. Segundo Foucault (2007. p. 386), “o desatino torna-se cada vez mais um simples poder de fascinação; a loucura, pelo contrário, se instala como objeto de percepção.” Certas categorias como alienação, fraqueza de espírito, furor, já não são suficientes para representar a loucura.

O discurso médico não mais detém o poder de julgar o que é ou não loucura, ele representa apenas o meio em que a loucura é diagnosticada, como ressalta o autor, se o ser está acometido por algum desvio mental, mas seu papel é, nessas condições, limitado.

Para Foucault (2010), em sua evolução na história, a loucura assume outros posicionamentos, deixando a noção limitada em que foi direcionada, em que englobava fragmentos da mente e consequentemente as ações comportamentais dos seres considerados loucos.

Com uma reunificação da loucura, ainda nas bases da psiquiatria, segundo Foucault (2010), verifica-se que “Não há loucura parcial, mas sintomas regionais de

uma loucura que é sempre fundamental, muitas vezes inaparente, mas que sempre afeta o sujeito inteiro" (FOUCAULT, 2010, p. 134). Ou seja, existem na loucura múltiplas formas de ação, ela se fixa não só nas teias da mente, mas perpassa o sujeito como um todo, evidenciando suas fragilidades, seus desejos, suas memórias e suas relações internas, com ele mesmo, e externas, com o meio.

Segundo o autor, "O louco é aquele em que a delimitação, o jogo, a hierarquia do voluntário e do involuntário se encontram perturbados" (FOUCAULT, 2010, p. 134). O louco se encontra em uma linha tênue, em que a perturbação se faz presente nas diversas formas comportamentais e relativas do ser.

A ordem, a escala das classes e o controle social, ficam à beira do indivíduo insano. Suas atitudes são expostas como repressão e denúncia aos tratamentos a que são submetidos. Assim, para Foucault (2010), exemplificando o princípio de Baillarger,

"As alucinações, os delírios agudos, a mania, a ideia fixa, o desejo maníaco, tudo isso é resultado do exercício involuntário das faculdades, predominando sobre o exercício voluntário em consequência de um acidente mórbido do cérebro" (FOUCAULT, 2010, p. 135).

As sensações que corroboram o desenvolvimento da loucura podem ter como ponto de partida o âmbito psicológico, em que as atividades internas, independentes do ser perpassam, em alguns casos, as atividades internas, o voluntário como cita Foucault acima. E tais atividades, desde os delírios até a melancolia, servem como base para que a loucura seja detectada.

Com isso, o que se pode observar, por exemplo, na manifestação do delírio, é o que o liga à loucura, o que faz com que ele seja associado ao campo da insanidade. Para Foucault (2010, p. 135), "O que se vai pedir é qual é, por trás de todo e qualquer delírio, a pequena perturbação do voluntário e do involuntário capaz de possibilitar a formação do delírio". O que interessa, segundo o autor, e o que leva a formação desse delírio se é o meio ou o próprio indivíduo com seus conflitos internos.

O "sujeito louco", elemento de análise da psiquiatria e consequentemente da medicina, une essas duas vias patológicas, para que a loucura ganhe destaque nas pesquisas científicas da humanidade. O hospício, lugar de reclusão, reflete a

sagacidade do interesse do médico pelos campos da insanidade. A mente, como recipiente de conhecimento, possibilita ao indivíduo o repasse de suas impressões, transmitindo seus ideais, fortalecida pelas sensações que administram seu corpo e suas manifestações no campo em que vive.

No contato com o outro, por intermédio de suas relações, o indivíduo louco tem o impacto das diferenças exaltado, suas características são ressaltadas e suas diferenças se expõem, causando mal-estar à sociedade. Seu conhecimento e seu posicionamento são menosprezados pelos seres razoáveis que, além de excluírem e perseguirem, eles condenam violentamente o louco, não atribuindo coerência e dignidade ao individuo insano.

O tradicionalismo arrastado durante os séculos se fixa nas estruturas do “poder”, fazendo com que ele se exponha como algo que exerce uma força excludente e marginalizadora sobre os sujeitos, tornando-se arcaico e segregador. Seus fundamentos se originam no que é apresentado como diferente e tem sua função de normatizar e enquadrar os sujeitos que fogem às regras, pontuando suas ações como loucura.

Segundo Foucault (2007), o ser considerado louco se deparou com o processo de normatização imposta pelo ser razoável que adotou essa ação como forma de administrar a situação em que o alienado se encontrava, fazendo com que a loucura fosse enquadrada e afastada das demais pessoas, isolando as inferências que ela poderia atribuir ao meio.

Com isso, os hospitais psiquiátricos foram sendo povoados por todo o tipo de indivíduo, louco ou não, pois os conceitos arraigados da sociedade, sobre loucura isolavam os indivíduos, com apoio na análise comportamental que era apresentada.

O “alienado” visto alegoricamente e com um desconhecimento que beirava a ausência de um entendimento apurado sobre a loucura, encontrou nas paredes do manicômio e na convivência com os demais seres considerados insanos, seu reconhecimento e seu elo de representação. Pois com o discurso médico, as pesquisas e as relações dos seres anormais com o médico evidenciaram a multiplicidade da loucura, que não tem na patologia seu caminho de existência.

Nos estudos de Foucault, pode-se perceber como o ciclo social age com a loucura, determinando o que era a loucura, buscando também o “controle” sobre o “louco”. Neste viés, o discurso do poder se torna repressivo por impor suas

condições aos indivíduos para que os mesmos se adaptem às regras vigentes no ciclo social.

No contexto da loucura, de acordo com Foucault (2007), alguns papéis se invertem, o “normal” é o causador de mal-estar. O que para muitos não faz nenhum sentido, para os seres ditos insanos tem toda uma explicação. Ao louco era atribuída apenas a representação de um mundo ilusório, em que a fantasia e as alegorias se confundiam, evidenciando-os como seres sem perspectiva e que provocavam desconforto no ambiente em que eram inseridos.

O louco é a parte da engrenagem social que é considerada falha ou supérflua, pois, por não possuir sanidade vive em uma inconstância, na não verdade, no mundo das ilusões e dos sonhos. Ao indivíduo insano é direcionado o esquecimento, o isolamento e a indiferença.

As memórias, para o ciclo social, são inexistentes no espaço da loucura. O sujeito “louco” é indefinido pelo conhecimento, mas analisado e constituído por suas ações. Entretanto as memórias do ser considerado insano, estão em constante movimentação, é pelo exercício da rememoração que o ser formula sua compreensão e possibilita a modificação da visão em relação aos fatos expostos e na ruptura com os valores vigentes.

De acordo com Santos (2008), em seu texto intitulado “*Narrativas da loucura e histórias de sensibilidades*”,

Na literatura mundial, no século XIX, o elemento “fantástico” passou a explorar a dimensão psicológica, sendo o sobrenatural substituído por imagens assustadoras cuja origem está na loucura, em alucinações, pesadelos, sendo a causa da angústia localizada no interior do sujeito (SANTOS, 2008, p. 21).

Ao ser associada a tudo que destoa da “normalidade” social, a loucura passa a ser uma resposta e um significado explicativo para todos os divergentes tipos de comportamentos. Como já foi mencionado, ela, se for caracterizada como fruto do discurso do poder, passa a ser um elemento de identificação do ciclo social machista e da cultura do patriarcalismo vigente, atribuído principalmente às mulheres.

Visto que muitas personagens femininas são apresentadas como loucas ou que possuem características que as associam diretamente com a “insanidade”, durante muito tempo, na história, a mulher foi vista como submissa, que não tinha

outra serventia a não ser procriar e servir ao homem, como um mero objeto sexual com fim reprodutivo. As imagens da mulher dona de casa, angelical, frágil, pura, boa esposa e boa mãe, ficaram por muito tempo arraigadas no conceito social, burguês e machista. Na literatura não foi diferente, a figura feminina é apresentada em vários aspectos, desde a mais pura e submissa até a mais perigosa criatura.

O homem, sujeito masculino, era reconhecido pela sociedade como superior intelectual e fisicamente em relação às mulheres. Assim, era atribuído a ele o foco do discurso. Não era permitido à mulher um lugar social distinto, ser mãe e esposa era como um caminho que deveria ser trilhado por todas. Assim, o casamento, que era arranjado pelo pai, tornou-se o meio em que a mulher passaria a ocupar um lugar reconhecido socialmente.

Com isso, a mulher tinha uma caracterização da sua identidade definida, era considerada boa ou má, pura ou pecadora, não cabia à personagem ser dúbia com relação ao seu caráter e, consequentemente, ao seu comportamento. E quando a mulher apresentava alguma indeterminação no modo de agir, negando assim as normas vigentes, rompendo com conceitos e regras arcaicas, a “anormalidade” se tornava o caminho e a resposta para as atitudes “insanas” desses seres.

De acordo com Zolin (2003), “a dominação do homem sobre a mulher não consiste, absolutamente, em uma questão natural, mas em uma construção social (...)” (ZOLIN, 2003, p. 24). Desse modo, a “opressão feminina” foi algo constituído pela sociedade e se instaurou no espaço social, de modo que o homem já esperava da mulher um comportamento subordinado, causando-lhe uma alienação, em que as mulheres não conseguiam visualizar uma felicidade que não fosse ao lado dos maridos.

Joan Scott ressalta que o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças observadas e identificadas entre os sexos. Assim, são pontos culturalmente simbólicos disponíveis que contribuem para as múltiplas representações. Com isso, para Scott (1995, p. 23), O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Para Scott (1995), tanto as mulheres quanto os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir de estudos separados. Com isso, já se configura uma igualdade entre os sujeitos, em que

a mulher também reivindica os mesmos direitos que são atribuídos ao sujeito masculino.

A loucura, elemento que permeia a vida de homens e mulheres, vai além das dimensões cerebrais, ela engloba as questões materiais, físicas, e o contexto em que o indivíduo se insere é determinante para que a loucura se desenvolva. Com isso, é fraca e inconsistente a definição da loucura como sendo somente uma doença cerebral, pois como foi apontado até aqui, a experiência da loucura é atribuída pelo julgamento social como resposta às imposições, o comportamento e a resistência da mulher em seu meio, submissa ao sujeito masculino, em que a loucura é apresentada como algo que se dá no confronto com o poder social que atribui a ela o perfil de louca.

2 A LOUCURA NA LITERATURA BRASILEIRA

Na literatura, a loucura evidencia a voz do silenciado, como um elo de resistência contra as opressões sociais. A face da realidade surge por intermédio do louco, indivíduo excluído, oprimido e subjugado pelo poder que se vale da cultura como fonte para promover suas regras e padrões impostos como caminhos a ser seguidos.

Para Santos (2008),

A literatura, como uma portadora fiel de um imaginário que se encontra “do outro lado” do concreto, pode constituir-se numa “narrativa do sensível” fidedigna sobre à loucura, no momento em que mostra a voz do paciente revelada pelo personagem. O “louco”, através de um discurso “não-oficial”, mostra o outro lado da realidade (SANTOS, 2008, p. 47).

Com isso, a personagem “louca” na obra, configura-se como a porta-voz, que propicia a denúncia social, em que o autor se propõe realizar. Assim, o outro que se delineia como um campo desconhecido, o diferente, entra em confronto com aquilo que está refletido na sociedade como o correto a seguir. Homens e mulheres que se configuram e se identificam com o diferente, com a desconstrução dos parâmetros sociais, passam a ter como embalagem para o seu eu subversivo, a loucura.

Nas últimas décadas, a loucura tem ganhado cada vez mais espaço no ambiente literário que verte não só os aspectos patológicos, mas também socioculturais. A presença do sujeito louco nas produções provoca rupturas com os parâmetros elencados pelo ciclo social como nortes a serem aderidos, para que os seres subjugados e silenciados possam ser aceitos dentro dos conceitos de normalidade que a sociedade definiu.

Segundo Santos (2008),

Literatura, loucura e História Cultural, todas trabalham com sistemas simbólicos, passíveis de serem interpretados, em ambas as faces do imaginário. Com isto, quer-se dizer que sua inter-relação, no campo mesmo deste imaginário, pode satisfazer a meta de descortinar sensibilidades sobre a loucura, ocultadas pelas práticas sociais da exclusão (SANTOS, 2008, p. 50).

Assim, a “loucura” ressaltada nos textos literários viabiliza o descortinar, como cita Santos (2008) anteriormente, da visão sobre as relações sociais, seus aspectos

dominantes, a marginalização fruto da opressão do poder que se arrasta durante a história e que verte nos aspectos culturais como, por exemplo, a prática do internamento que realiza o fato da exclusão dos indivíduos do meio social.

Então, emerge no campo literário a denúncia que revela aspectos ainda desconhecidos ao que se relaciona com a loucura, como a visão dos seres considerados loucos respaldados por suas escritas “insanas”. Com isso, a ótica do louco passa a ganhar espaço, sendo analisada não só a sua condição psicológica, mas também as suas relações dentro dos hospícios, as formas precárias de tratamento a que são submetidos e principalmente a capacidade interpretativa dos fatos que lhes rodeiam, já que estão mergulhados no mundo da loucura.

De acordo com Santos (2008),

Ler o delírio do louco, em textos literários de gêneros diversos é, de certa forma, um desafio, que orienta uma leitura em direção ao simbólico, pois o que se chama delírio, nada mais é do que conteúdo simbólico do imaginário de uma pessoa (no caso, de pacientes internados, que serão lidos em cada uma das obras), retratando, muitas vezes, um imaginário coletivo (SANTOS, 2008, p. 51).

As imagens, que são enfatizadas por intermédio da leitura que se faz do texto submerso no espaço da loucura, trazem a percepção singular do ser em detrimento do espaço em que ele habita, evocando as particularidades do coletivo, ou seja, dos demais sujeitos, corroborando as relações sociais.

A discussão do simbólico proporciona a desconstrução da normalidade taxativa que a sociedade aplicou em sua prática opressora de controlar a massa emergente. Com isso, o imaginário que serve como palco para o desenrolar da loucura, corrobora também para que os símbolos sejam reforçados na escrita literária.

Segundo Santos (2008), os primeiros pensadores da loucura no Brasil, caracterizavam-na apenas no aspecto patológico,

(...) uma doença que atingia a inteligência (a oposição “clássica” entre razão e loucura), e remetia o louco à animalidade – o que deixaria profundas marcas, em meu entender, em todo o processo de constituição da disciplina psiquiátrica em nosso país, bem como na formação de um “imaginário nacional” a respeito da loucura (SANTOS, 2008, p. 52)

Essa formação de um conceito sobre a loucura que permeia o imaginário no Brasil se baseia, segundo Santos (2008), na irracionalidade em que o sujeito louco se apresenta. Assim, o louco não possui uma racionalidade, é incapaz de apresentar um sequência lógica de raciocínio, um elemento vazio dentro das relações sociais. Com isso, a animalidade passa a representar as ações do ser insano.

A razão marcada pelos anseios sociais serve como pilar para uma segregação das massas, caracterizando os que se desvirtuam das bases fragilizadas da normalidade empregada pela sociedade, como um sujeito insano, irracional, vítima da desordem de suas faculdades mentais.

Para Santos (2008),

As reflexões intelectuais desenvolvidas por indivíduos suspeitos de alienação (ou diagnosticados como doentes mentais) eram vistas, em geral, como estranhas e absurdas e, dessa maneira, consideradas pelos psiquiatras como provas de distúrbios mentais. Muitas vezes, tomando como objeto a própria loucura, tais reflexões que eram pautadas sobre noções bem diferentes daquelas que os especialistas tinham, questionavam o próprio saber alienista (SANTOS, 2008, p. 53).

Com isso, o conhecimento diferenciado apresentado pelo indivíduo caía nas malhas da loucura, que era alimentada por um discurso arcaico e elitizado, que segregava e excluía os seres. Assim, as reflexões que os seres apresentavam, questionando os parâmetros sociais, os conceitos absolutos e engessados sobre determinadas coisas, eram marcados como resultantes de uma falha patológica, ou seja, loucura.

No percurso histórico que a loucura perfaz, mais precisamente nos séculos XX e XXI, sua presença no espaço literário se interliga não só apenas como um elemento que está relacionado ao corpo e as fendas da mente humana, o fator patológico deixa de predominar como a única forma de estudo da loucura e seu conceito passa a ser desmistificado e desconstruído, agregando os aspectos particulares dos seres, impulsionando a visão do sujeito alienado, que até então não era validado.

Segundo Santos (2008),

A transformação da loucura em objeto exclusivo do saber e da prática médico-psiquiátricos passou por um processo que atravessou todo o século XIX no Brasil, desde a década de 30. Porém, sua

apropriação como tema literária permite um outro enfoque, que, às vezes se aproxima e às vezes se distancia do que vemos descritos nos relatos médicos, ou na vida dentro das instituições, ou mesmo nas leis estabelecidas para seu controle (SANTOS, 2008, p. 78).

O louco quebra as regras, propõe novas formas de pensar certos conceitos, não se prende aos pudores e com isso, causa inquietações no grupo dominante, que não aceita a negatividade e o confronto que a loucura estabelece. Assim, o poder se utiliza da loucura como um meio de enquadrar as ações que destoam do que é estabelecido como padrão.

Esse enquadramento passou a ser representado pelo hospício, que dentro da literatura se tornou um personagem veemente e que serviu como esteio para a apresentação das múltiplas faces da loucura. Assim, a exclusão dos indivíduos como forma de libertação da sociedade da presença dos seres que lhes causavam inquietações, fomentou o destaque da visão do sujeito louco em frente ao internamento.

De acordo com Maria (2005), a crítica destacada no meio social por autores da Literatura Brasileira como Machado de Assis, em *O Alienista* (1881); Clarice Lispector em *Laços de Família* (1993) nos contos “A imitação da Rosa” e “Amor”; Alvares de Azevedo em *Noite na Taverna* (1855); Guimarães Rosa em *Sorôco, sua mãe, sua filha* (1962); Lima Barreto em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) é fomentada pela denúncia que visa desconstruir alguns elementos que se direcionam à concepção de normalidade que é entrelaçada às ambições de determinados grupos. Além disso, pode-se citar Maura Lopes Cançado em *Hospício é Deus* (1965) e Maria Firmina Dos Reis em *A escrava* (1887) como exemplos dessa crítica que expõe a forma de tratamento da sociedade com os seus sujeitos.

O padrão a ser seguido pelos seres é questionado pelos autores em suas obras que, além de promover inquietações em seu público leitor, expõem a racionalidade como algo relativo aos sujeitos. O desconhecimento acerca da loucura bem como a forma de tratar o indivíduo louco são apresentados por intermédio das descrições e dos relatos dos personagens que vagam pelas ruas das cidades, como clandestinos, buscando refúgios em suas mentes atropeladas pela opressão e pelo receio da reação das demais pessoas. As ruínas do internamento no estado corpóreo do ser são evidenciadas pela explanação do cotidiano vivido pelos loucos nas casas de correção ou hospícios.

O hospício por ser um espaço destinado ao isolamento ou tratamento dos seres considerados “anormais”, é um dos elementos primordiais que influenciam a descrição e análise que se fazem sobre a loucura, ele é mais um personagem dentro das narrativas literárias. Seus muros não só resguardam a segurança social, mas também retêm em seu íntimo seres que trazem em seu interior os desejos, os temores, as dúvidas, as inseguranças e as frustrações que contribuem para que suas ações sejam consideradas insanas.

A desordem emocional é evidenciada pelos demais indivíduos e até mesmo pelo médico como um fator que evidencia a loucura. Assim, de uma figura alta e imponente, o louco passa a ser um traço borrado em meio às sombras do internamento. Sua imagem esfarrapada pelos maus tratos e por sua descrença nas coisas que lhe são impostas faz com que seu eu entre em um processo de apagamento, reafirmando a exclusão e até mesmo a eliminação de sua presença menosprezada pela sociedade.

2.1 O sujeito louco na história da Literatura brasileira

No campo da literatura, as múltiplas escritas moldadas por vastas concepções e impressões de elementos que vertem entre o aprofundamento e a superficialidade de determinados fatores, apresentam a loucura ao leitor como elemento enigmático que altera o comportamento do personagem, que em muitos casos, causa desconforto no ciclo, servindo de pilar para um vasto emaranhado de ideias que corroboram o fortalecimento do discurso do poder, expondo o indivíduo louco como ser que, por se diferenciar ou romper com as regras calcadas nos interesses dos sujeitos “normais”, sofre as interferências dos grupos sociais dominantes, envolvendo a loucura nas amarras da insanidade, do medo e do perigo.

Na Literatura Ocidental há vários exemplos de autoras que tematizaram a loucura em suas narrativas. Um caso emblemático é o de Charlotte Bronté, com sua obra *Jane Eyre*, publicada em 1847, que já destacava na sociedade patriarcalista de Londres as questões sociais submetidas às mulheres da época. A personagem principal, Jane Eyre, apresentada em meio aos conflitos sociais e internos da época, a submissão ao marido e ao desfecho “insano” ao qual é levada, torna a obra e consequentemente a escritora um dos destaques principais da escrita feminina na literatura, corroborando e influenciando as demais culturas ocidentais.

De acordo com Telles (1988), em seu texto *Sonhos e iluminações das mulheres loucas da literatura*,

A metáfora da "louca no sótão" significa que na literatura feminina a louca não é meramente, como poderia ser na literatura masculina, um desafio ou uma antagonista da heroína. Bem ao contrário, em geral é, em algum sentido, o duplo da autora, uma imagem de sua própria ansiedade e raiva. A figura é evocada para que a escritora possa chegar a bons termos com sua própria fragmentação, com a estranha sensação de não ser bem aquilo que deveria ser. Ela é também a dramatização da cisão da autora entre o desejo de ser aceita por uma sociedade que ela, querendo ou não, está contestando ou desafiando (TELLES, 1988, p. 3).

Assim, a imagem da personagem louca, segundo Telles (1988), torna-se uma representatividade da própria escritora, que mergulha no mundo do "desatino" para que seus conflitos interiores possam ser expostos e com isso o desejo de ser ouvida pelo outro passa a ser objeto principal, questionando os costumes e valores, fazendo com que a inquietação que sente seja refletida por intermédio da sua escrita.

A literatura de autoria feminina no Brasil que contempla a loucura como temática, ainda é, segundo Custódio (2014), restrita e tímida diante das publicações dos demais escritores. Segundo a autora, em seu texto intitulado "*Literatura e loucura: a carnalidade da loucura de Maura Lopes Cançado em Hospício é Deus*",

(...) embora encontremos muitos nomes importantes, com leitores numerosos e vastos trabalhos acadêmicos sobre a produção literária do gênero, a questão da restrita presença de publicações de produções de autoria feminina louca, entretanto, não esconde que são ainda poucas as que têm acesso ao espaço literário (CUSTÓDIO, 2014, p. 23).

Fatores como a discrepância financeira, o patriarcalismo e consequentemente o machismo vigente na época do surgimento dessa escrita, colaboraram para que esse desenvolvimento literário ocorresse lentamente. Também, segundo a autora, a crítica especializada nesse tipo de produção não nutria interesse, fazendo com que a mesma fosse silenciada.

Para Xavier (2012), em seu texto *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória*, a literatura de autoria feminina percorreu o

caminho da evolução histórica que se iniciou em 1840 e perdurou até 1960, baseando-se nos apontamentos de Elaine Showalter.

De acordo com a autora,

Na literatura brasileira, até o presente momento, considera-se o romance *Ursula* (1859) de Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense, a primeira narrativa de autoria feminina. (...) Júlia Lopes de Almeida, nascida em 1862 e autora de uma obra vasta e variada, é, ainda, mais representativa desta fase de internalização dos valores vigentes e dos papéis sociais. Pertencente à alta burguesia, enquanto Maria Firmina dos Reis é uma simples professora do interior, Júlia Lopes constrói sua obra sobre os alicerces patriarcais, sedimentada por rígidas relações de gênero. As *rainhas do lar* coroam os finais felizes deste universo ficcional. Também o romance *A sucessora* (1934) de Carolina Nabuco, embora mais elaborado do ponto de vista psicológico, não escapa do processo de imitação dos valores vigentes, uma vez que a protagonista resolve seu conflito interior a partir do momento em que se percebe grávida; é como reprodutora que ela supera o fantasma da primeira esposa estéril... Ainda estávamos sob o domínio do determinismo biológico. (XAVIER, 2012, p. 2)

Assim, a obra de Maria Firmina Dos Reis, que segue, de acordo com a autora, um estilo “gótico-sentimental”, domado pelos padrões românticos, ressalta os valores patriarcais, apresentando a personagem como frágil e desvalida, disputada pelo mocinho e pelo vilão da história que rompe com os ciclos de finais felizes, terminando com a morte da protagonista, segue como pioneira da escrita literária feminina.

De acordo com Mendes (2015), em seu texto intitulado *A escrava de Maria Firmina dos Reis: Uma identidade fragmentada*,

(...) pode-se dizer que a escritora Maria Firmina dos Reis ousou, escrever dentro das possibilidades que a sociedade machista, preconceituosa, conservadora do Maranhão no século XIX oferecia à mulher, negra, bastarda, pobre, solteira e interiorana. Seus escritos, às vezes ultra-românticos, característica do estilo da época em que ela viveu, considerados, à primeira vista, tolos e açucarados, mencionam assuntos negados por seus contemporâneos e revela a veia abolicionista articulada com o contexto das relações econômicas, sociais e culturais da época (MENDES, 2015, p. 34).

Maria Firmina Dos Reis produziu em meio aos padrões vigentes da época, tornando-se pioneira na escrita feminina por abordar não só as temáticas sociais de

uma forma velada, mas por iniciar esse processo de inserção da mulher nas sendas literárias.

Entretanto, segundo Custódio (2014), quando se destaca a questão da escrita feminina louca no Brasil, Maura Lopes Cançado é apontada como a iniciante dessa temática na literatura brasileira.

Segundo a autora,

Quando se ilumina historicamente a trajetória de Maura como escritora, comprehende-se seu vanguardismo literário feminino, ao reconhecer Hospício é deus – diário I como a obra pioneira da escrita de autoria feminina louca na literatura brasileira (CUSTÓDIO, 2014, p 21).

A experiência de uma pessoa que fora diagnosticada como “louca”, ressaltada pelo próprio sujeito, transponde nas páginas de um diário a sua relação direta com a “loucura”, a vivência diária com pessoas consideradas “insanas”, dentro de um espaço “criado” para tratá-las, como o hospício, dá inicio à produção da literatura feminina louca, mencionada pela autora.

Servindo como palco para o desenrolar da loucura, os amores não correspondidos, a transgressão, a negação da realidade, o grito de uma voz silenciada se intercalam nas produções literárias que por muitas vezes mascaram as críticas direcionadas aos indivíduos que se autodenominam como normais, fomentando horizontes diversificados em relação à loucura.

Com base nas observações dos trabalhos dessa literatura feminina louca, um ponto comum pode ser destacado nesses meios que os autores utilizam para abordar a loucura: uma negação ou por parte do sujeito louco ou pelos demais seres. Assim, a proibição e a negação se fundem em uma desconstrução daquilo que é considerado o padrão de normalidade. Com isso, as histórias ganham contornos diferentes, mas trazem em si questionamentos sobre aquilo que a sociedade coloca como normas a ser seguidas.

O sujeito louco, por sua vez, ganha em algumas obras o patamar de protagonista, como em é o caso de *A escrava* (1887) e *O alienista* (1882) que movimentam a trama com sua forma diferenciada de agir, beirando uma vitimização cometida pelo posicionamento do ciclo social, saindo do anonimato, de um simples figurante.

Segundo Foucault (2007), ao trabalhar a loucura em suas produções, alguns autores priorizam o espaço, no caso o hospício e as relações dos indivíduos loucos com a sociedade. Assim, a narrativa pontua como a sociedade trata seus loucos ou aqueles seres considerados anormais, dentro e fora dos muros hospitalares.

A fome por conhecimento e controle sobre a loucura, faz com que os sujeitos se tornem incapazes de observá-la em suas múltiplas faces e se deparam com o internamento como a única saída para uma possível “cura”. Assim, na literatura se tornou corriqueira a presença dos espaços destinados aos loucos. Entretanto, suas finalidades não se detêm em apenas descrever o ambiente e tecer críticas ao ciclo social, mas também existe o esteio da reflexão sobre a racionalidade, pois, os seres considerados insanos possuem em sua visão sobre o internamento uma compreensão das coisas e dos fatos que lhes rodeiam, apresentando linhas de raciocínio coerentes que evidenciam a não ausência de sanidade.

No âmbito literário, de acordo com Foucault (2007), a loucura se torna um norte para que as relações sociais sejam expostas, evidenciando as marcas dos interesses de um determinado grupo em detrimento de outro grupo. O sujeito louco é caracterizado como a peça que não se encaixa no jogo social. A sua marginalização é reiterada pelos discursos que se baseiam na frágil concepção de normalidade. O louco como personagem literário perpassa a imagem carnavaлизada, cansada e sem norte até mesmo como o porta voz da verdade na qual é bruscamente silenciado pelos demais sujeitos.

Segundo Custódio (2014),

Sabe-se que inicialmente o avanço da escrita feminina no Brasil esteve fortemente vinculado à imprensa feminina. Periódicos como *O sexo feminino*, *Echo das damas*, *A mensageira*, como descreve Constância Lima Duarte em seu trabalho Feminismo e literatura no Brasil, promoveram a divulgação de textos e das ideias libertárias das mulheres (...) Em *História das mulheres no Brasil*, organizado por Mary Del Priore, vários artigos discorrem sobre a contribuição feminina no cenário literário, ressaltando o ambiente das letras como um espaço privilegiadamente masculino (CUSTÓDIO, 2014, p. 27)

Com o advento da imprensa, os periódicos propiciaram à escrita feminina um maior desenvolvimento e reconhecimento. Em meio a um cenário intelectual marcado pela soberania masculina, a produção feminina ganha força e se ramifica no âmbito literário brasileiro.

Com isso, de acordo com Foucault (2007), em seus aspectos gerais, a loucura ganhou destaque na literatura como elemento que intermedia um rompimento e a possibilidade de novas formas de interpretação e de conhecimento sobre determinados fatos. O impacto causado pela verdade do sujeito louco no ciclo social é identificado nas formas de tratamento do processo de internação.

O hospício passa a se delinear como o isolamento em que ao se vir trancado em seus muros, o “louco” passa a divagar, confabulando com suas impressões e suas incertezas, sofrendo inúmeras violências. Entretanto, ele expõe sua forma de pensar e agir mesmo que de uma forma mais íntima e peculiar. Essas ações proporcionam uma análise de lucidez.

O sujeito considerado louco encontra na literatura uma forma de ser escutado e de evidenciar o que se passa dentro das casas de correção. Assim, é possibilitada uma compreensão que seu estado insano não se atrela aos desequilíbrios ou uma desordem mental, mas se torna um diagnóstico elaborado pelo outro de acordo com os seus objetivos.

Segundo os estudos de Foucault (2007), o fato de existir pensamentos e comportamentos divergentes não podem ser considerados as fontes para que um indivíduo seja considerado louco. As diversas formas de expressão e de identificação foram apontadas em algumas obras literárias como elementos suficientes para que a sociedade condenasse o sujeito e atrelasse o seu comportamento à loucura.

Ao fazer o exercício contrário, devolvendo à sociedade toda a sua visão egocêntrica e gananciosa, o louco se torna o perigo, o sujeito sem coerência com suas ideias, aquele em que não se pode confiar. Com isso, é mais fácil excluir esse ser por intermédio da presença do hospício do que permitir as múltiplas visões ou as mais variadas formas de se viver, sem as regras, o comodismo e a centralização de um poder em que a engrenagem já se encontra enferrujada por seus jogos de propensão financeira.

De acordo com a autora Maria (2005), em seu livro *Sortilégios do avesso: Razão e loucura na literatura brasileira*, para adentrar na temática da loucura no aspecto literário brasileiro, é necessário observar como esse fator se apresentou em outros grupos culturais e como as fagulhas dispersadas pela presença do sujeito alienado se apresentam na literatura brasileira. Para Maria (2005),

Brasil – peculiar realidade. Vasto e desconhecido mundo onde as mais diferentes condições de vida se avizinharam e se misturaram; onde as mais diversas crenças convivem em permanente diálogo ou, às vezes, em surdos solidários monólogos, lado a lado soletrando suas particularidades. Espaço onde a linguagem do não-senso se arvora, muitas vezes, em assumir o espetáculo, atropelando em sua marcha insana a dignidade do ser humano. Na capciosa tessitura literária, estão os ecos desse trajeto e, nas sutilezas das metáforas ou no perambular de um insensato personagem, escondem-se muitas vezes os fios que se cruzam construindo o sentido de nossa própria História (MARIA, 2005, p. 14 - 15).

Com a presença de variados discursos, repletos de conceitos e particularidades culturais, o Brasil se delineia em um espaço que possui em seu interior múltiplas identidades e assim, suas características se tornam ricas por possuir um leque de agrupamentos étnicos, raciais e religiosos, que compõem e corroboram a formação sociocultural do país.

Em concomitância com esse vasto aspecto cultural, a literatura evidencia as marcas dessa miscelânea de povos e consequentemente de conhecimentos que afloram as ideias, contribuindo para o delineamento dos aspectos históricos da sociedade, que por sua vez corroboram para as denúncias e críticas elaboradas pelos autores em suas obras.

De acordo com Foucault (2007), os fatores estéticos bem como os elementos morais e religiosos são, em muitos casos, os fios condutores para que determinadas ações e posicionamentos sociais sejam evidenciados no espaço da literatura. O personagem literário, sendo insano ou não, traz em si o ponto chave para o desenrolar da trama, ele subsidia reflexões e serve, em alguns casos, como porta voz para que a crítica ganhe força e seja repassada entre os leitores e no grupo social.

Na figura do louco, a delação se manifesta pelo fato de que o indivíduo insano não se prende às normas sociais e ao possuir uma visão além dos muros da ignorância e do preconceito, os relatos são constantes e passam a incomodar a sociedade.

Segundo Maria (2005), em suas pesquisas fomentadas em um panorama histórico, é detectável a presença do sujeito louco na relação com os profetas bíblicos, entre eles, se destaca Saul (1020 a 1000 a. C.), rei de Israel. De acordo com a pesquisadora, ele era vítima de transtornos mentais e utilizava a música, que

na época era uma forma de tratamento dos enfermos, para tentar se acalmar. Para a autora,

Se relacionarmos o episódio de Saul a outras passagens bíblicas, podemos confirmar a concepção difundida no Mundo Antigo, da loucura como maldição divina. No Deuteronômio, quando Moisés adverte seu povo quanto às terríveis ameaças divinas que pesam sobre o pecado da desobediência, encontramos: “...se não ouvires a voz de Jeová, teu Deus, ele ferirá de loucura e de cegueira e de desnorteamento de espírito” (MARIA, 2005, p. 29).

Assim, havia na antiguidade a concepção de loucura como castigo. Um mal que se abatia sobre o sujeito, que era subjugado por um ser supremo e encontrava na loucura a punição resultante das consequências dos seus atos transgressores. Deus representava a força que mantém o indivíduo em uma linha considerada correta a ser seguida, agregando a insanidade como reflexo de uma atitude considerada errônea perante a religião.

O fator religioso mascara concepções arcaicas que se apresentam como valores singulares no cotidiano de uma determinada cultura. Para a sociedade antiga, os seres que eram castigados com a loucura, apresentavam uma possessão, em outras palavras, o ser insano era controlado por um espírito inferior, maligno, e na época da inquisição, os sujeitos que apresentassem algum tipo de comportamento compatível com a loucura, tinham na fogueira, por estarem “possuídos” por demônios, as suas sentenças.

De acordo com Maria (2005, p. 35), para os gregos “A loucura tem, portanto, o caráter de pena impingida pelo Deus aos mortais, para que fique clara e incontestável supremacia”. Assim, tanto os gregos quanto os profetas bíblicos encaravam a loucura como um castigo para aqueles que ousassem desobedecer às regras, reafirmando assim o caráter dominador da religião e do discurso controlador que se abatia sobre aqueles que discordavam ou apresentavam algum tipo de comportamento ou ideais que se distinguissem da maioria. Apesar do politeísmo grego, a loucura era um dos castigos ao qual todos os deuses direcionavam os mortais que contrariasse as suas vontades.

Segundo a escritora,

Pelas inúmeras circunstâncias em que nas tragédias gregas os deuses lançam sobre os homens o castigo da loucura, confirma-se

que, na concepção do antigo grego, uma mente transtornada está à mercê da interferência dos deuses, expiando uma possível culpa. Mas não deixa de ser, de algum modo, um recurso cômodo de que pode lançar mão o autor para explicar certas atitudes dos personagens que pareceriam ao espectador absurdas ou inverossímeis (MARIA, 2005, p. 36).

Além de expor a colocação religiosa, o castigo da loucura direcionada pelos deuses, o autor aponta em suas produções as respostas para os variados tipos de comportamento, que o público que se denomina como “normal”, que prioriza os valores vigentes e o senso comum marcado pelas ambições de uma determinada classe se depara, com a inusitada encenação de múltiplos olhares acerca de um determinado fato, criando e recriando para esse tipo de interpretação diversas formas de concepção, encontrando assim na loucura, na vertente da culpabilidade do indivíduo, o meio para analisar a relação social e religiosa dos gregos.

A culpa inserida no ser considerado insano advém da ruptura que o mesmo subsidia a não se propor a seguir as normas do grupo e por contestar as regras das divindades. Assim, o louco passa a sofrer com a falta da sanidade, suas tormentas ganham proporções gigantescas, os enlaces familiares começam a ruir, o espaço ao seu redor ganha outras conotações, seus medos e suas angústias se sobrepõem às suas conquistas e seus desejos passam a ser reprimidos. Assim, vagam pelas cidades, perdem o prestígio pelo que outrora era glorificado como herói, o peso do aparente erro assume as marcas da anormalidade, suas ações são de uma profunda inconstância que, sem saída, o desfecho trágico o espera como a salvação para o seu martírio.

Segundo Maria (2005), Platão aponta algumas formas de loucura que são acometidas ao ser humano, entre elas,

a *loucura profética*, sob cujo poder as sacerdotisas de Delfos e de Dódonia, ou a Sibila profetizam e indicam caminhos para os homens; a *loucura ritualística ou iniciática*, através da qual – por meio de preces e cerimônias religiosas – alguns predestinados, por assim dizer, fogem do que poderia ser loucura maligna e orientam suas vidas sob a proteção das divindades; a *loucura poética*, inspirada pelas musas, sob cujos auspícios o homem se faz criador; e a *loucura erótica*, enviada pelos deuses que desejam a suprema ventura daqueles a quem foi concedida a graça da loucura (MARIA, 2005, p. 41-42).

Aqui se depara com as variadas faces da loucura apontadas por Platão, acometidas ao sujeito. Observa-se que os múltiplos discursos fomentam a caracterização da loucura que perpassa desde o fator profético, passando pelos rituais religiosos, a visão poética até desaguar no campo erótico. Todos são direcionados por um poder maior que aplica a loucura para os divergentes tipos de comportamento e de ideias.

Assim, segundo a autora, o discurso dos filósofos, corrobora a distinção clara e objetiva do que seria algo ruim e o que poderia ser evitado pela sociedade. Entretanto, tal distinção, na prática não ocorre dessa maneira. O louco encontra-se rodeado de mistério e curiosidade em relação ao seu posicionamento. Os campos da loucura estão permeados pelo imaginário popular e pelo desconhecimento do que ela apresenta em seu interior.

A loucura é encarada não apenas como algo considerado um castigo divino, mas também como resultado dos caminhos seguidos por aqueles indivíduos que buscam a transgressão e a desconstrução dos conceitos arraigados como elementos que se sobrepõem às verdades e aos objetivos dos grupos sociais que se intitulam normais.

Com isso a autora afirma que,

Assim, buscando acompanhar o modo como a loucura foi encarada durante os séculos que compuseram a chamada Idade Média, nos deparamos com o conflito entre duas posturas com que o homem se protege diante daquilo que o transcende: o conhecimento e a fé. A partir do século XIII, o fio subterrâneo da experiência grega parece lutar por um renascimento. O cristianismo se vê na defensiva e, para tal, lança mão da mais violenta das práticas (MARIA, 2005, p. 50).

Na dualidade do conhecimento e da fé, a loucura é transposta aos seres por intermédio dos discursos que inserem os conceitos da burguesia fomentada pelas sendas do desconhecimento, mistério e medo que envolve o sujeito insano. Assim, ao se depararem com a névoa em que se encontrava a loucura na antiguidade, os sujeitos normais, detentores da razão, elegiam formas severas para barrar o louco de suas fronteiras sociais.

O conhecimento dos povos antigos se estabeleceu em zonas periféricas, como já foi ressaltado no capítulo anterior, a concepção que a sociedade tinha da loucura ficava à margem do aprofundamento e os discursos se apoiavam na frágil

avaliação do médico, que se baseava consequentemente no discurso social. Com isso, esse ciclo subsidiou inicialmente uma cegueira do que concerne à loucura e principalmente ao louco, um indivíduo que sofreu drásticas intervenções e violências, frutos da ignorância do ser.

A fé passou a ser utilizada como escudo contra a insanidade, era o pilar central do discurso religioso que, como se viu anteriormente, apontava a loucura como um castigo divino. Segundo Foucault (2007), o sujeito louco perante a sociedade não tinha o controle de suas ações, não raciocinava e nem tão pouco poderia fazer parte do convívio dos seres que temiam e acatavam as leis divinas. A sua imagem refletia as escolhas erradas que foram feitas por ele, e por desafiar Deus e consequentemente ser possuído por demônios, o indivíduo insano encontra na loucura o afago para suas atitudes controversas.

Com isso, a culpa pesava sobre o louco não apenas por ele burlar ou romper com os discursos, principalmente com o discurso religioso, mas por apresentar um comportamento ou um pensamento que se distingue dos demais, e assim, ao ser mergulhado nas camadas sociais, o insano poderia incitar os outros seres a questionar e refletir aquilo o que está sendo imposto pela sociedade. Ao se deparar com essa culpa, que é aplicada como uma carga negativa pelo grupo racional, o louco é reprimido e passa a sofrer com as suas angústias, pois suas ações são apontadas como errôneas e maléficas tanto para a família quanto para a sociedade.

A relação do indivíduo louco com a sociedade permanece rodeada pelos discursos sejam eles religiosos ou não, os resultados de suas inferências no campo da loucura faz com que o ser entre em conflito com seu próprio eu, corroborando o desenvolvimento de um desequilíbrio mental e assim, a loucura se faz presente no sujeito como resultado da ação do outro. Para Maria (2005),

Nesta ênfase aos impulsos, desejos e sentimentos que fazem do homem, não um deus ou um santo, mas uma criatura consciente dos seus limites e que ainda assim busca situar-se no centro do universo, repousa a significação histórica do humanismo que dá a ele sua verdadeira dimensão. No âmago deste homem se instala a Loucura, é exatamente a multiplicidade de faces sob as quais se pode discernir o permanente caráter da humana condição que constitui a inconfundível morada da Loucura (MARIA, 2005, p. 55).

Foucault (2007) aponta a presença da loucura nas relações entre o sujeito e a sociedade, com suas aflições, angústias, medos e frustrações. Pode-se perceber que

a autora ressalta as múltiplas faces como a loucura pode se apresentar e se desenvolver no ser humano. A base seria não só algo patológico, mas a construção e o delineamento das relações do ser considerado insano e o meio em que ele habita, na tentativa de se posicionar no ciclo social.

Nas relações dos indivíduos se ressalta não só a caracterização do sujeito, mas as suas inferências dentro do grupo, o seu posicionamento e suas reações perante aquilo o que é imposto como padrões de convivência. O desejo do outro bem como as suas ambições se sobrepõem às vontades dos demais sujeitos, vistos nesse viés como um jogo de interesse, colaborando com a imposição da máquina do poder.

Assim, os seres considerados loucos, retirados dos centros urbanos e silenciados em hospícios, se deparam com o universo controverso da loucura, preenchido por conceitos contraditórios e preconceituosos, além de este rodeado pelo desconhecimento que fomenta graves lacunas no que tange ao campo da insanidade.

Para a pesquisadora, a loucura é percebida no contato dos seres, estabelecido nas mais diversas formas e em seus variados espaços. A autora destaca em sua obra o pensamento de René Descartes, estudioso que também analisa o louco e seu contato com os indivíduos que se diferenciam deles. De acordo com ela,

O louco é, portanto, para Descartes, aquele que traz a marca da diferença no grupo dos outros, que, por sua vez, é de certa forma universal. Isso escorraça a figura do louco para um espaço distante, ali mantido sem condições de inquietar (MARIA, 2005, p. 59).

O louco para Descartes, de acordo com Maria (2005), se configura como o ser que apresenta uma diferença em relação aos demais. Essa diferença se faz visível quando o sujeito alienado está inserido nos espaços sociais, e suas características destoantes dos demais passam a ser mais acentuadas, carregando em sua forma o novo que causa espanto e medo nos grupos em que o normal seria aquilo comungado por todos.

Diferente do que era defendido pelos povos antigos, que consideravam a loucura como castigo divino, ela se torna fruto do próprio indivíduo, no alvorecer de suas relações, que são, em muitos casos, impregnadas pelo desconhecimento entre

os seres da concepção de loucura bem como o reconhecimento de seus próprios limites. A não aceitação de novas ideias ou de comportamentos divergentes se torna, como já foi ressaltado anteriormente, fator suficiente para se taxar a loucura como resposta para tal situação.

Com base nos estudos de Frayze-Pereira (2007) e Foucault (2007), a razão é colocada como elemento que separa os normais dos anormais ou daqueles considerados diferentes. Com isso, a loucura é lançada ao campo das incertezas, tudo aquilo que destoa ou se destaca como diferente dos demais é atribuído como insanidade. A razão é tratada como fator principal para que o sujeito louco tenha em suas ações consideradas alienadas a ponte para que ele seja lançado ao ostracismo.

Ao ser diagnosticado como louco, o seu comportamento e sua forma de se colocar diante de uma situação passam a ser percebidos como a loucura em sua forma mais coerente, pois, ao buscar em atitudes e ideias as marcas da insanidade, o indivíduo passa a subestimar um espaço que ainda apresenta inúmeras duvidas e mistérios.

O “louco”, por possuir as marcas da intolerância social e assim, marginalizado e excluído das relações de convivência do cotidiano, segundo a autora, torna-se “o personagem ideal para se fazer a denúncia do desrespeito e do ultraje ao ser humano que são postos em prática em tempos de autoritarismo” (MARIA, 2005, p. 306). A presença do personagem louco não só agrupa as produções literárias à denúncia dos ultrajes que a medicina e a sociedade cometiam contra os insanos, mas também ressalta a condição de intransigência, intolerância e monopólio do poder em que se encontrava o país na época do surgimento desse indivíduo misterioso que possui o fascínio e o medo em meio ao ambiente, considerado pelo ciclo social, conturbado e desfocado em que a loucura se apresenta.

Os relatos acerca da loucura na literatura brasileira foram expostos por intermédio da escrita masculina e feminina, ambas permeadas por relatos que denunciavam a forma como a sociedade lidava com os “loucos”. Assim, com a transformação que ocorria dentro da engrenagem social, em que a mulher passa a ganhar espaço e ter os seus direitos respeitados, o silêncio a que as mulheres eram submetidas passou a ser rompido, sendo essa ruptura, vista pela sociedade, subsidiada pela loucura.

A liberdade ecoada nas mais diversas ações que não condiziam com a normalidade empregada pelo ciclo social era considerada loucura pelo poder social, que tinha no sexo masculino a sua centralização. Com isso, a “insanidade” funcionava como espelho que refletia o jogo do poder da sociedade marcada pelo patriarcalismo e pela submissão que sofria em relação ao sexo oposto.

Por ocorrer uma “inversão” de posicionamentos no ciclo social, em que o sujeito feminino assume tarefas e lugares que antes eram destinados aos homens, à loucura passa a ser associada à mulher, como resposta para as suas ações que, buscando a sua independência e seu espaço dentro de um ambiente em que a supremacia masculina isola os seres que destoam de seus objetivos, segregando os sujeitos, principalmente as mulheres que no decorrer da história, tiveram seus direitos negados e seu posicionamento voltado exclusivamente para a família.

Assim, o tradicionalismo arcaico em que o homem era o provedor da situação passa a se deteriorar quando se inicia o movimento de luta para o reconhecimento dos direitos femininos e com ele a massificação da caracterização da loucura representada em personagens literários.

A loucura aparece como forma de libertação em algumas obras contempladas pela escrita feminina, entre elas, as de autoras como Lya Luft, que trabalhou em *As parceiras*, de 1980, a loucura como representatividade dos conflitos familiares, que é subsidiada pela presença da memória, que possibilita resgastes de fatos narrados por uma visão feminina. Também na obra *O quarto fechado*, de 1984, a autora permite a reflexão acerca da loucura e suas relações com o sujeito, em meio a suas frustrações, desejos e anseios, a loucura se configura como um revelar do íntimo do sujeito considerado louco.

Segundo Custódio (2014),

A contestação aos valores patriarcais se revela, em Lya Luft, de forma densa e dramática. A obra desta autora gaúcha, centrada sobretudo na década de 80, tematiza o drama da mulher, educada dentro de rígidos padrões moralistas; como geralmente ocorre com as narrativas de autoria feminina, percebe-se, aqui, o cunho autobiográfico, uma vez que a autora é descendente de alemães, vivendo numa sociedade conservadora. Sua obra compõe um universo feminino marcado pela loucura, pela doença e pela morte. O lúdico e o grotesco desvendam os absurdos de uma sociedade repressora e injusta, onde a mulher é sempre perdedora, o lado fraco, o lado esquerdo; no grande jogo da vida, a mulher, vítima da rigidez das relações de gênero, busca através da arte a sublimação de seus conflitos; as protagonistas, quase sempre sujeitos da

enunciação, se projetam especularmente na escrita, buscando sua identidade existencial (CUSTÓDIO, 2014, p 25)..

Os conflitos interiores são ressaltados na obra de Lya Luft como resultados das relações conturbadas entre a sociedade e suas vítimas, que no caso, são as mulheres que sofrem dramaticamente com as ações do meio no qual estão mergulhadas

Lygia Fagundes Teles é outra autora que insere a loucura em sua escrita, mesclando o suspense e o humor, para que se crie um ambiente “insano” para os personagens.

Segundo Matos (2011),

Na contemporaneidade, temos através de Lygia Fagundes Telles a paródia macabra e moderna de Poe, considerando que os contos da autora, a começar pelo título é um convite ao deleite. Avaliando que os títulos de seus contos como também seus romances apresentam, de forma dissimulada, uma armadilha para usurpar o leitor que procura uma história sutil, moralizante ou talvez induzido pelo lirismo apresentado através da nomeação (título) de suas histórias. A priori, o leitor iniciante de Lygia Fagundes Telles é tentado a presumir, principalmente, em seus contos, uma história de amor com final feliz. Entretanto, a autora compõe dentro dos meandros interpretativos da literatura, a figura feminina dotada de uma psicopatia assustadora. (MATOS, 2011, p. 02).

A loucura é utilizada como instrumento para causar e movimentar uma inquietação no leitor, desviando do comodismo literário de uma história pronta e acabada, com início, meio e fim pré-determinados. Assim, a “psicopatia” empregada descortina a visão moralizante que o leitor traz em sua bagagem, influenciado pelo “ciclo social”.

Clarice Lispector traz em suas produções, em obras como *Laços de Família* (1993) e *A legião estrangeira* (1998), a “loucura” como uma forma de romper o silêncio em que o sujeito feminino se encontrava. A loucura possibilita, segundo a escritora, uma revisão de posicionamentos sociais. Essas autoras inserem em suas produções literárias personagens que se encontram envolvidas pelo véu da loucura, suas atitudes insanas passam a ser consideradas as respostas para a insatisfação familiar e social, apresentando críticas ao posicionamento elitista e machista da sociedade, que aponta as mulheres como seres frágeis, dependentes e

sentimentais. Assim, as autoras criam personagens que questionam os valores vigentes e se mostram transgressoras no ciclo a que pertencem.

Segundo Cruz (2012),

É ousado falar em mudança no que diz respeito à mulher na narrativa ocidental. Contudo, por tratar-se de Clarice Lispector, observamos que a sua narrativa tem por função primordial fazer eclodir as sensações que há muito não eram demonstradas, ou por que não dizer, ousadas. Essas sensações reprimidas pertencem a uma construção histórica que nos legou a herança do medo e do silêncio (CRUZ, 2012, p. 02).

Essas sensações que Clarice Lispector faz eclodir têm como sustentáculo a loucura, que é estabelecida com o avesso daquilo o que se conserva como normalidade dentro do meio social. As múltiplas formas de apresentação do indivíduo que contesta as normas sociais são pautadas dentro do esteio da loucura.

Para Xavier (2012),

A obra de Clarice Lispector rompe com esse estado de coisas, pondo em questão as relações de gênero. Os contos de Laços de família (1960), – o próprio título é muito significativo -, tornam visível a repressão sofrida pelas mulheres nas cotidianas práticas sociais. O feminismo já havia desencadeado um processo de conscientização e a narrativa de autoria feminina vai incorporar as questões polêmicas contidas em O segundo sexo (1949) de Simone de Beauvoir. Chamar esta etapa de feminista não significa dizer que ela é panfletária; ninguém discute o valor estético da obra de Clarice e, no entanto, ela traz nas entrelinhas uma pungente crítica aos valores patriarcais. O mesmo acontece com a obra de outras tantas autoras desse período que se estende, aproximadamente, até 1990 (XAVIER, 2012, p 3).

A autora Clarice Lispector traz em suas produções as relações entre os sujeitos, em uma vertente em que o feminismo desponta as polêmicas das reivindicações da mulher, criticando os valores atenuados na época, em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo resultando em uma escrita que aponta algumas diferenças nos desfechos dramáticos sofridos pelas personagens.

Outra autora que também se destaca nessa linha da escrita feminina brasileira é Adélia Prado, Para Xavier (2012),

Adélia Prado, mais conhecida como poetisa, é autora de quatro narrativas sendo a última, O homem da mão seca, datada de 1994, enquanto as demais são da década de 80. As protagonistas, sempre mulheres, vivem crises existenciais, em busca de uma plenitude inalcançável; casadas, com filhos, cujos maridos – figuras inteiras,

sem conflitos – contrastam com o dilaceramento interior das protagonistas (XAVIER, 2012, p.4).

Mesmo com o enfraquecimento e a consequente decadência do patriarcalismo, essas autoras, assim como Adélia Prado, segundo Xavier (2012), expõem as figuras femininas ainda entrelaçadas com o ciclo familiar, suas relações interiores, seus conflitos, o sonho de uma liberdade abafada pela dor e pela angústia.

Na escrita de Hilda Hilst, o destaque está na forma como a autora desestabiliza os conceitos predefinidos, uma produção com um aprofundamento nos interiores dos personagens, enfatizando os seus lados mais obscuros. Segundo Moura (2012), em seu trabalho *A loucura em obscura Senhora D.*,

A negação de Hilst frente à subjugação da individualidade, por meio de laivos de perversão, loucura ou obscenidade, é, talvez, o que move tantas polêmicas em torno de sua literatura (tomemos O Caderno Rosa de Lori Lamby como exemplo, que causou grande desconforto literário quando foi lançado, em 1990). Pensamos, no entanto, que o brilhantismo da obra hilstiana provém exatamente dessa radicalidade visceral em romper padrões que já estavam tranquilamente estabelecidos (MOURA, 2012, p. 9).

Assim, por intermédio da sua escrita, Hilda Hilst expõe os elementos que a sociedade busca esconder, de uma maneira radical, visceral, trazendo à tona os sentimentos, desejos, frustrações que afetam os indivíduos e acabam se tornando a base para que a loucura possa ser constatada.

Na escrita feminina que explana a loucura em suas produções, é visível que os conflitos interiores sobressaem, por ser esta a escrita, o meio que essas mulheres encontraram para ser ouvidas e assim ganhar voz e consequentemente denunciar o modo como viviam e sofriam com o tradicionalismo vigente na época, submetidas ao jugo masculino.

2.2 O caso da loucura na escrita literária brasileira produzida por mulheres

Assim como Maura Lopes Cançado (Ver anexo 1.), que foi considerada louca e internada em hospícios, Hilda Hilst também foi apontada como louca e utilizou a escrita literária como uma maneira de expor a sua visão e seus conhecimentos acerca dos fatos que lhe atormentavam. Obras como *A obscura senhora D* (2011),

visto anteriormente, e *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990) destacam a loucura e a razão mescladas, confrontadas com o conceito de normalidade. Assim, a autora promove um desnudar do conservadorismo arraigado no tradicionalismo dominante e segregador dos indivíduos.

Maura Lopes Cançado, diferentemente do que as outras autoras apresentam em suas obras, que se direcionam aos fatores externos das relações do sujeito alienado e o meio social, em sua obra *Hospício é Deus* (1965), (ver anexo 2.), a autora que é narradora-personagem, apresenta uma visão íntima sobre a loucura e o hospício, espaço que a sociedade destinou para ela, pois Maura foi considerada louca por seu comportamento transgressor em meio a uma sociedade conservadora, fazendo com que a mesma buscasse no hospício um refúgio e também respostas para as suas ações.

Elá era uma mulher que apresentava um comportamento dúbio, “bipolar”, que lhe causou grandes transtornos sentimentais e sociais que, por causa do jugo social, essas características foram tomadas como loucura. Segundo Maurício Meireles (2015),

Maura Lopes Cançado era uma figura ambígua. Ao mesmo tempo em que inspirava cuidados – seu tom de voz, dengoso, era uma de suas características –, a moça de cabelos volumosos era dada a arroubos. A fama de excêntrica crescia junto a reputação de escritora brilhante. Também era tomada por uma sensação de onipotência – o que se refletia em sua figura boquirrota, que se dizia a maior escritora da língua portuguesa. Pelo menos era o que andava falando pelo Rio de Janeiro da época (MEIRELES, 2015, p. 204).

Ao passo em que a autora transparecia uma imagem dócil e calma, ela tinha em si um caráter forte, determinado, firme, que apontava os seus conflitos em momentos de rompantes, em que aparentemente ela perdia o controle e discutia com qualquer sujeito que ousasse desafiá-la. Era uma mulher atraente, que tinha a certeza de que conseguiria tudo aquilo que objetivasse.

A escritora nasceu em São Gonçalo do Abaetá, cidade de Minas Gerais, em 27 de janeiro de 1929. Com a saúde debilitada, quando criança, teve alguns distúrbios, entre eles aos sete anos de idade, seu primeiro ataque epilético. Filha de uma família tradicional, a autora não conseguia lidar com as colegas do colégio, no sentido de competitividade, pois na sua casa, ela tinha a visão de ser a pessoa mais importante.

De acordo com Meireles (2015),

Aos sete anos, dizia às outras crianças ser filha de russos, ter uma irmã chamada Natacha e que seu tio nascera na China. Aos treze, encantada com a Segunda Guerra Mundial, quis estudar alemão para ser espiã nazista. No depoimento que deu a Justiça, após o crime que cometeria décadas depois, a escritora descreveu sua infância como “superangustiada”

Não era para menos. Como relata em *Hospício é Deus* – e reafirma à justiça –, a menina foi abusada sexualmente três vezes por empregados da família. A cada episódio desses, uma cena se repetia: Maura sentia-se culpada, pecadora e passava as noites chorando, com as luzes do quarto acesas. Tinha nojo ao imaginar que seus pais faziam sexo – mesmo assim, pagava a uma empregada para lhe relatar as intimidades com o marido. A menina começou a sentir-se “muito sensual” – e seus primeiros contatos sexuais foram com amigas (MEIRELES, 2015, p. 208).

Quando menina, Maura Lopes Cançado criava um contexto diferente para o seu mundo, sinalizando que a realidade que lhe era imposta causava um incômodo e um vazio que a fez denominar a sua infância de “superangustiada”, ou seja, as angústias e seus conflitos promoviam uma exaltação maior dos seus anseios, refletindo uma criança insegura que buscava em suas invenções uma fuga para aquele mal-estar que lhe acometia.

Em meio aos abusos sexuais que sofreu quando criança, o sentimento de culpa que a menina sentia a tornava mais contida em um “mundo ficcional” criado para bloquear aquele fato que lhe proporcionava tristezas e frustrações. O sentimento pueril que a menina nutria pelos pais e principalmente, seu amor e admiração pelo pai, despertava a repulsa quando ela imaginava o que acontecia entre eles.

Entretanto, os abusos não impediram que Maura se fechasse para o campo sexual, além de buscar saber sobre as intimidades dos empregados e ter relações com as amigas. Maura não se deteve às regras sociais da época, passando a ser vista como libertina, manteve caso com homem casado, fazendo com que todo esse seu comportamento fosse considerado inapropriado para os padrões da época.

Como escritora, Maura Lopes Cançado contou com o apoio de seus amigos do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, um dos veículos culturais mais importantes do país, entre eles, autores como Reynaldo Jardim, Assis Brasil, Ferreira Gullar, Carlos Heitor Cony, entre outros que segundo Meireles (2015),

revelaram a autora em 24 de agosto de 1958, por intermédio de um poema em que Maura enviou para Ferreira Gullar, que recomendou para Reynaldo Jardim publicar.

Em meio aos seus rompantes, a moça tinha momentos de “fúria” e “tranquilidade” e, com isso, segundo Meireles (2015), entre arremessar um armário de aço em um colega de trabalho e fazer um escândalo com outro por fechar a porta do elevador sem que ela tenha entrado, a moça se mostrava desequilibrada, e mesmo assim não reconhecia suas alterações de humor. Ela não percebia que as atitudes de revolta e indignação, se tornavam “absurdas” e “incoerentes” para quem convivia com ela.

Assim,

Louca ou excêntrica – no começo, ninguém sabia direito –, Maura continuou por ali. Depois de publicar seu poema, começou a escrever um conto chamado “No quadrado de Joana”, sobre uma paciente catatônica. Sem máquina de escrever, ela entregava o manuscrito para a escritora Maria Alice Barroso datilografar. O texto saiu em 16 de novembro de 1958. Na capa do SDJB (MEIRELES, 2015, p. 205).

A dúvida das pessoas que conviviam com a moça, em relação à sua sanidade, não a impediu de trabalhar inicialmente no jornal, produzindo contos, poemas, que futuramente iriam subsidiar mais uma obra em sua carreira de escritora. E suas excentricidades fizeram de Maura um ser à frente do seu tempo, pois ela enfrentava o que estava sendo colocado como normas, e se deleitava em satisfazer suas vontades e seus caprichos, sem se importar com o que o outro ou o ciclo social iria pensar em relação as suas atitudes.

Em seu primeiro casamento, Maura engravidou e teve o filho a quem batizou de Cesarion. O curioso nessa fase da vida de Cançado é que a escritora revelou anos mais tarde, ter se casado com o filho de um homem em que ela desejava. De acordo com Meireles (2015),

Do curto período em que esteve casada, Maura guardou na cabeça um “homem lindo, maravilhoso, alto, imponente e importante” – o coronel Praxedes, pai de seu marido. “Pensava sexualmente no meu sogro”, diria Maura anos mais tarde. “Acho que casei com meu sogro, e não com meu marido.” José faleceu pouco depois de ela se separar de Jair. Este, por sua vez, morreria daí a alguns anos – em um acidente aéreo, a caminho da fazenda em que estava seu filho Cesarion (MEIRELES, 2015, p. 211).

Maura sentia desejo pelo sogro, reafirmando assim seu comportamento contraditório em relação àquilo o que a sociedade puritana defendia na época. Dentro dos parâmetros sociais, era um escândalo estar casada com um homem e pensando sexualmente em outro, o seu sogro. Mas, isso não causava em Maura uma preocupação muito grande. Esse fato revelava o seu íntimo bem como suas sensações e desejos.

A escritora procurou o internamento como refúgio para os seus conflitos, em um mundo que a reprimia e causava-lhe transtornos, o sanatório parecia sua saída mais emergente. Assim, segundo Meireles (2015), em 20 de abril de 1949, Maura se internou na Casa de Saúde Santa Maria, em Minas Gerais, “diagnosticada com “mal comicial” (epilepsia)” (MEIRELES, 2015, p. 213), iniciando assim o seu caminho pelos hospícios, os internamentos e os mais variados tratamentos que beiravam a tortura e o isolamento.

Segundo Meireles (2015), a obra *Hospício é Deus*, publicada em (1965), que teve outras quatro edições: 1979, 1991, 1995 e 2015, é consequência da internação de Maura Lopes Cançado no Hospital Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, entre 1959 e 1960. “Onde, ao todo, a autora foi internada pelo menos doze vezes; sem contar outras clínicas” (MEIRELES, 2015, p. 218).

A autora também passou pela Clínica de Saúde Dr. Eiras, localizada em Botafogo onde, segundo Meireles (2015), foi internada pelo filho Cesarion, que cuidava da escritora. Maura Lopes Cançado passou por prisões e manicômio judiciário, até chegar à clínica Renauld Lambert, em Jacarepaguá, sua última internação.

Dona de uma personalidade forte, a autora falava para os amigos que se preparava para ser uma das maiores escritoras de língua portuguesa. Segundo Meireles,

Nada lhes devo literariamente, a não ser talvez o fato de terem adotado uma atitude humilde, reverente de meu talento. Tudo o que fiz devo a mim mesma.” Esta era Maura Lopes Cançado, no artigo na revista *Leitura*, no qual ainda completava: “Detesto grupos e considero melancólico a decadência de quem não se sustenta sozinho”. Depois de lançar dois livros com sucesso de crítica, ela agora tinha a audácia de virar as costas para Reynaldo Jardim, Carlos Heitor Cony, Ferreira Gullar e Assis Brasil, de quem tivera apoio dez anos antes, quando estreou nas páginas do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* (MEIRELES, 2015, p. 217-218).

Pode-se perceber que a autora tinha uma autoconfiança em relação as suas virtudes como escritora. Não reconhecia o auxílio dos demais, menosprezava aqueles seres que não tinham uma autonomia ou eram dependentes de outros para realizar as atividades. O seu estrondoso talento era acariciado por seu gigantesco ego, como um ser suficientemente capaz de desenvolver suas ideias principalmente ressaltando o seu intelecto que era reafirmado por suas colocações em rodas de bate papo.

Hospício é Deus, como foi citado anteriormente, foi escrito por uma das passagens de Cançado pelo Hospital Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, (ver anexo anexo 3.) A obra além de trazer relatos da vida da autora, destaca a loucura no espaço do internamento, o meio que a sociedade encontrou de isolar e “tratar” seus loucos. Entretanto, um dos pontos mais instigantes dessa obra é que não possibilita apenas uma reflexão do que a psiquiatria e o sistema social conceituavam como loucura, mas a obra traz em si a visão de um indivíduo considerado louco, o íntimo ganha destaque não ficando apenas em meras suposições, mas o relato de Maura Lopes Cançado possibilita um maior conhecimento e aprofundamento daquilo que se conhece sobre a loucura.

De acordo com Meireles (2015),

Uma declaração de Jardim, aliás, foi para o anúncio de uma edição do diário em 1991, feita pelo Círculo do Livro: “Este é um livro perigoso, feito para comprometer irremediavelmente sua consciência. A tranquilidade dos que se julgam impunes e lúcidos, dos que ainda não sabem, porque ainda não olharam para dentro de si mesmos, que Deus também pode ser o Inferno, ou o Hospício”. José Carlos Oliveira, O Carlinhos Oliveira, diria no *Jornal do Brasil* que a obra era um “livro desesperadamente honesto”. Assis Brasil, por sua vez, via na linguagem de Maura um primitivismo, uma arte espontânea, que de seu mundo particular retratava a condição humana (MEIRELES, 2015, p. 218).

Assim a obra de Maura possibilitava não só uma reavaliação do conceito de loucura empregado pela sociedade, mas ressaltava uma nova visão sobre aquilo que é considerado insanidade. A visão de uma escritora “louca”, mergulhada em um ambiente em que a razão e a insanidade duelam para que o predomínio de uma sobre a outra se massifique, subsidia uma análise mais detalhista e aprofundada do próprio eu, do sujeito e seus conflitos internos.

É questionável a escrita de um ser que é considerado louco pelo ciclo social, expondo seu ponto de vista e sua vivência em um espaço destinado ao “indivíduo insano”. A autora vai mais longe do que só relatar a sua vida e consequentemente a sua experiência nos hospícios, ela provoca, questiona, insinua e desconstrói as normas e regras tidas como verdades pela sociedade.

Em 1968, Maura Lopes Cançado lança seu segundo e último livro intitulado *O sofredor do ver*, que reunia contos que a autora publicou no *Jornal do Brasil*. Para Meireles (2015),

O tema da loucura continuava lá, como em “Introdução a Alda”, sobre a paciente catatônica do Engenho de Dentro, mas Maura parecia tomar um novo caminho literariamente. Quem aponta a transição é Assis Brasil, no *Correio da Manhã*: “A segunda parte [do livro] traz uma espécie de libertação da escritora em relação as suas ‘confissões’”. Para o crítico, a passagem entre “confissão” e “criação” começa no conto “O sofredor do ver” – no qual o protagonista é um homem – e já está completa em textos como “São Gonçalo do Abaeté” e “Pavana” (MEIRELES, 2015, p. 218)

Assim, em *O sofredor do ver*, Maura passa por uma transição. Inicialmente, ela ainda produz com as marcas da loucura, mas no decorrer da escrita dos contos, ela vai se delineando e assim, modifica o seu ato de confissão para o ato de criação. Ela inicia uma nova etapa, saindo de seus relatos íntimos dos momentos de suas internações, entrelaçada em seu cotidiano e começa a criar novos elementos e acontecimentos, já inserindo uma mudança no foco de sua produção, em que ela sai de cena como protagonista, como é o caso de *Hospício é Deus*, subsidiando novos acontecimentos que lhe proporcionariam um desenvolvimento maior como escritora literária.

Em 11 de abril de 1972, um fato marcou a vida de Maura Lopes Cançado. A escritora matou estrangulada a paciente Maria das Graças Queiroz, uma jovem com dezenove anos, negra, e que estava grávida. A escritora alegou que

queria mudar de clínica e chegara à conclusão que, matando alguém, com certeza iria para um manicômio judiciário. Sentia raiva da Dr. Eiras porque, em outra internação, havia sido submetida a eletrochoques que “pioraram em muito” seu estado, fazendo-a falar durante “24 horas seguidas” (MEIRELES, 2015, p. 221).

A autora buscou esquecer o crime, relembrando-o apenas após um ano, quando fora interrogada por peritos responsáveis pelo caso, que submeteram a escritora a exames psiquiátricos e constataram o “surto psicótico”. Assim, Maura Lopes Cançado seguia em seus internamentos, que fizeram com que, ao passar do tempo, sua imagem altiva e sedutora fosse se deteriorando.

De acordo com Meireles (2015), a repórter do jornal *O Globo*, Margarida Autran foi visitar a escritora na Penitenciária Lemos Brito e se deparou com uma mulher que definhava em sua imagem, a dor e o sofrimento já se manifestavam em profundas degradações corporais e emocionais. A repórter afirma que presenciou um cenário decadente, com bichos passeando pelo local, a grande quantidade de sujeira que se acumulava no espaço e “a escritora, do alto de um salto plataforma, com a tintura do cabelo envelhecida, fuma, chora, afirma que seu único contato com o mundo exterior é um radinho de pilhas” (MEIRELES, 2015, p. 222). Com isso, em meio à solidão e o ostracismo, Maura se encontrava perdida em seus pensamentos e desacreditada pela sociedade como uma pessoa capaz racionalmente.

Por intermédio da visita da repórter, o relato do sofrimento de Maura veio à tona, fazendo o caso da escritora chegar aos veículos de comunicação, servindo de alerta sobre o estado em que a autora se encontrava. Assim, o Sindicato dos Escritores arrecadou fundos para transferir Maura para um lugar melhor.

Para Meireles (2015),

Para ser considerada doente aos olhos do juiz, a escritora passou por exames psicológicos. O exame de sanidade mental, anexado ao Processo nº 5.316/1972, arquivado no Tribunal de Justiça do Rio, é um dos documentos mais valiosos sobre a biografia de Maura. Com seu estilo por vezes boquirroto, outras vezes teatralizado, a escritora conta toda sua vida aos peritos – que veem em sua história “núcleos psicóticos profundos” (MEIRELES, 2015, p. 223).

Por causa do seu comportamento oscilante, a personagem passa a sofrer com as intercessões da sociedade em sua vida. Maura que ora fantasiava acontecimentos, ora se tornava vítima de um meio machista e opressor, confrontava seus carrascos com ironia, sarcasmo e inteligência. Não se rebaixava perante uma situação que lhe desagradava ou lhe punia por apresentar o comportamento que não se encaixava nos moldes do seu tempo. Com isso, em 1974, é verificada a imputabilidade da escritora, que foi sentenciada pelo exame de sanidade.

Em meio a problemas respiratórios, um enfisema pulmonar que se agregou ao fumo, a escritora veio ao óbito em 1993, na clínica Renauld Lambert. Com isso, a escritora que no passado era apaixonada por aviões, sentia-se livre para pilotar, e transferiu essa liberdade para a sua vida, não se adequando às regras sociais, deixando sua marca na escrita literária, não só um registro histórico da loucura na literatura, mas corrobora novos caminhos para que as múltiplas visões sobre a insanidade, tanto do fator externo quanto interno, que se liga ao indivíduo, sejam consideradas em suas mais diversas formas.

3 NAS TRILHAS DO INTERNAMENTO: A LOUCURA NA TESSITURA NARRATIVA DE MAURA LOPES CANÇADO

A experiência que o indivíduo passa com as suas relações com o outro no cotidiano, impulsiona o processo de rememoração, assim, as teias memorialísticas são reconstituídas, funcionando como um caminho para que as lembranças sejam resgatadas.

Segundo Izquierdo (2004), a experiência é

[...] um mecanismo que tem sempre algo de misterioso por trás, algo que diz respeito a quem somos. Somos indivíduos porque temos memória. Somos exatamente aquilo que lembramos (IZQUERDO, 2004, p. 16).

Com isso, são as memórias que irão conduzir e dar o sustentáculo para as reflexões sobre o sentido da existência do sujeito, bem como suas atitudes, seu lugar e sua relação com o meio. Desse modo, o passado contribui para as reflexões sobre algum tipo de comportamento ou ação que possam interferir na atual situação em que o indivíduo se encontra. Com isso, o sujeito constitui suas relações e sua identidade, por intermédio de suas reminiscências, para que se façam ajustes sobre as impressões que se tem da realidade.

Os emaranhados memorialísticos incorporam o meio em que o sujeito está inserido, refletindo as relações sociais e afetivas. O campo memorialístico serve como ponte para o entrecruzamento de sentimentos, sensações, desejos e medos. Assim o ato de narrar, faz com que o indivíduo exponha seu raciocínio em concomitância com os atos e as experiências vivenciados ou criados, em função de sua memória, que modela e possibilita a ligação entre passado e presente, evidenciando marcas e transformações do indivíduo, que contribuem para a sua existência.

Segundo Custódio (2014), em seu texto intitulado “*Literatura e loucura: Carnalidade da loucura em Maura Lopes Cançado em Hospício é Deus*”,

O processo de escrita de Maura, pelo seu caráter autoficcional, transformam suas vivências pessoais em matéria literária. Por este motivo, sua ficção é atravessada pelo contexto sócio-histórico em que a própria escritora está inserida, onde se abarcam os códigos da instituição manicomial do seu tempo (CUSTÓDIO, 2014, p.68).

Em *Hospício é Deus*, a autora se utiliza das memórias para iniciar a sua escrita, mesclando passado e presente, pois a mesma, como foi destacado anteriormente, narra em seu livro o cotidiano dos hospícios, suas internações, as relações com as demais componentes dos hospitais psiquiátricos pelos quais passou e seus conflituosos questionamentos, em meio a relatos que ocorreram na sua infância, período apontado pelos médicos e reconhecido pela própria escritora, como fonte da “loucura” a que era acometida.

Com isso, a autora se utiliza da autoficção para expor as suas experiências, os fatores que perpassaram a sua vida, em um caráter literário, fazendo do seu diário, um fator de denúncia social e de reflexão acerca da loucura. Assim, utilizando o discurso de uma pessoa que esteve mergulhada no espaço da loucura, os fatores que se enfatizavam na vida do “louco” foram pontuados, por intermédio de uma linguagem forte, detalhista e “racional”.

Segundo Custódio (2014) citando Deleuze e Guattari com a obra “*Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*”, publicado em 1995, “Toda linguagem pressupõe um marcador de poder, uma função coextensiva a ela, a palavra de ordem, na qual há sempre uma sentença de morte”. Essa morte, configura-se na invisibilidade do sujeito perante o discurso do outro, ou seja, o indivíduo “louco”, quando internado, passava a não existir para a sociedade. Maura Lopes relata as tentativas que fazia para se comunicar e era frustrada pelo silêncio dos funcionários do hospício.

Assim, para Custódio (2014),

Maura constata que a barreira a transpor constitui-se de discurso. Uma modalidade de produção de verdades se utiliza de dispositivos de poder que subvertem a realidade com discursos persuasivos de que não há perigo ou inimigo iminente (CUSTÓDIO, 2014, p. 69).

O discurso social subverte a realidade, fazendo com que os interesses ressaltados sejam daqueles que participam de uma classe majoritária, que se autodenomina “normal”. Com isso, é nesses discursos que a escritora se reporta, tecendo críticas e apontando falhas.

3.1 O discurso memorialístico e o alvorecer da loucura no contexto enunciativo de *Hospício é Deus*

Maura Lopes Cançado constitui a produção do seu livro por intermédio da tessitura memorialística presente na sua escrita, com isso, o diário é subsidiado pelas memórias da autora e também o relato de sua experiência com a loucura, beirando assim, contornos de autoajuda, pois, a autora questiona valores morais e sociais, enfatizando momentos importantes vivenciados não só nos hospícios, mas também durante toda a sua vida.

Pela mediação do discurso fomentado pela memória, Cançado (2015) denuncia as formas de tratamento dos indivíduos considerados “loucos”, consequentemente os métodos arcaicos adotados pela medicina e a sociedade do século XX. De acordo com Silva (2011),

Hospício é Deus é escrito em forma de diário, cobrindo o período de 25 de outubro de 1959 a 7 de março de 1960. A narradora-personagem projeta-se no texto como uma mulher adulta, exercendo a profissão de jornalista, com textos publicados no periódico carioca Jornal do Brasil, e com o propósito de tornar-se escritora, especialmente de contos (...) Como num prólogo, as páginas iniciais do diário apresentam um mergulho no passado da personagem, realçando fatos de sua infância e seus sentimentos em relação a eles. No relato de sua formação pessoal, atribui à remota infância – de onde recompõe sua formação psicológica – a gênese de sua loucura. A imaginação exacerbada, a insegurança e o medo constante da morte, do escuro, das chuvas e das pessoas ocupam papel central em sua formação psíquica, que remonta às concepções morais íntimas em choque com dificuldades e obstáculos que enfrenta a fim de chegar à maturidade. A sexualidade reprimida e o temor religioso levam-na a um profundo complexo de culpa que lhe provoca atitudes extremas, como a de deitar-se no chão e gritar desesperadamente (...) (BARRAL, 2011, p. 02).

A escritora inicia o livro se reportando ao passado, onde descreve a sua vida na fazenda com sua família, sem registrar a data específica da chegada da irmã à fazenda. Saudosa e também com um sentimento de culpa, Maura transpõe para o diário as impressões da sua infância ao descrever sua rotina.

A descrição feita por Maura Lopes Cançado da mãe na janela esperando a irmã mais velha Didi chegar da cidade, no caso Belo Horizonte, é o ponto inicial que abre as portas da obra, seguindo desde a infância até a idade adulta, descortinando assim, a vida da autora,

Mamãe estava na janela de seu quarto olhando a estrada por onde chegaria o automóvel, trazendo papai e Didi. Era de tarde. Continuei deitada em sua cama grande, perguntando a todo instante: “Ainda não vê nada?”. Respondia sempre que não. Didi é Judite, minha irmã

mais velha, eu a achava linda como uma estrangeira. Verdade que não conhecia nenhuma estrangeira, mas sabia como eram, pelos livros e revistas que folheava. Pensava num lugar bem longe chamado Estranha, onde viriam os estrangeiros (CANÇADO, 2015, p. 07).

A imaginação da autora era bastante fértil, criava coisas, pessoas, lugares, preenchendo as lacunas que seus questionamentos interiores formulavam, forjando assim um mundo a que só ela tinha acesso, e com isso, a inteligência e a desenvoltura que a menina possuía, chamavam atenção de todos que estavam ao seu redor.

Nas primeiras descrições, a autora, narradora-personagem, apresenta-se como uma menina que conservava um apego profundo à família, admirava a irmã mais velha e se refestelava com a liberdade que tinha na fazendo dos pais. Seus medos, anseios e angústias também foram citados logo no início, apontando para um desequilíbrio emocional que era fomentado pela proteção e os mimos feitos por seus pais.

A proteção exacerbada dos era resultado do estado de saúde que a menina apresentou até os sete anos de idade, que levou os pais a fazer uma promessa para que a filha fosse curada “Só me restava ficar com o branco, pois me vestiram de azul e branco até os sete anos (promessa feita a Nossa Senhora, quando estive muito doente)” (CANÇADO, 2015, p. 08). A escritora sofria, quando criança, ataques epiléticos que se estenderam até a adolescência e lhe causavam desconforto e receio.

Além de Judite, Maura Lopes Cançado tinha ainda outros irmãos, era um total de treze, entretanto, na obra, a autora só destaca Helena, Selva e João, que a escritora afirma ser louco, tinha ficado doente aos quatro anos, por ter contraído meningite e falecido com quatorze anos de idade.

Quando criança, a escritora, por chamar atenção por sua beleza e inteligência, alimentava a sua vaidade comparando-se em relação aos seus irmãos:

Depois de mim nasceram mais duas meninas: Selva e Helena. Mas nenhuma conseguiu me tomar o lugar, nem fez diminuir o brilho do qual vim revestida e me impôs à admiração dos que me cercavam. As pessoas, mesmo as desconhecidas, jamais deixavam de me prestar atenção, ainda quando papai se esquecia de me mostrar, glorioso, como era seu costume. Eu era morna, doce e presente – o que se toma no colo deixando o coração macio e feliz. Sobretudo em mim havia a surpresa: esperavam apenas uma menina, e subitamente me mostrava mais. Creio que em nada desapontei. Ao contrário, como criança fui excessiva (CANÇADO, 2015, p. 09).

Maura Lopes se deleitava com a sua imagem e presença em relação aos irmãos. Ao ser exibida pela família, principalmente pelo pai, a menina aumentava a sua presunção, sabia que chamava atenção e para ela isso tinha uma grande importância. Ser o centro das atenções, fazia-a sentir-se querida e amada por todos.

A autora tinha uma grande ligação com o pai, afeto que se estendeu durante toda a sua vida, apontado pelos médicos como a representatividade de amor de Maura Lopes pela imagem masculina. Para a escritora, seu pai era de família rica, que tinha gastado a herança quando ainda era jovem. Mas, após se casar com a mãe de Maura Lopes, conseguiu se refazer no sertão de Minas Gerais.

Antes de tudo meu pai foi um bravo. Mas também um romântico, um sentimental. Vivia cercado por homens que matavam, junto aos quais cresci. Mamãe conta que não lhe agradava a fama de estar cercado por jagunços, mas estes homens permaneciam na fazenda, eram leais a meu pai, matariam a um gesto seu, de mamãe e de meus irmãos. Hoje reconheço-lhe um temperamento paranoide. Além de sua sensibilidade e inteligência herdei-lhe este temperamento. Costumavavê-lo em crises de grande agressividade, mamãe e outras pessoas segurando-o, enquanto ele gritava com um fuzil na mão – e alguém fugia em disparada pelos currais da fazenda (CANÇADO, 2015, p. 09-10).

Ela apresenta uma profunda identificação com a figura paterna. A menina via no pai uma base sólida, um refúgio para quando fosse necessário se abrigar. Sabia que ele poderia defendê-la, admirava a sua bravura e seu jeito de ser, tanto que afirma ter “herdado” do pai o temperamento, que ela classifica como “paranoide”, ou seja, um transtorno na personalidade, que tinha oscilações comportamentais. Assim, o pai sensível, tornava-se agressivo e perigoso.

A escritora afirmava que o pai era honesto, bondoso, lúcido e que teve uma vida incompreendida. Ele não aceitou o casamento de uma de suas filhas, rejeitando a moça e passando a ficar isolado em sua dor. A menina nutria pelo pai um sentimento de reconhecimento e identificação.

Estava constantemente em grandes demandas de terras. Eu o ouvia na sala, falando a pessoas que o escutavam atentas e sérias. “Eu faço e aconteço. Para isso tenho dinheiro e coragem”. Aquilo me soava familiar, sabia exatamente o significado de “fazer e acontecer” (CANÇADO, 2015, p. 10).

O “fazer e acontecer” soava como algo além do limite para a menina, a liberdade que ela prezava se constituía nessa frase dita pelo pai. Com isso, a autora se via representada na figura arrogante e centralizada, que conseguiu manter o poder em relação aos outros sujeitos. A família do pai de Maura Lopes tinha muito respeito político e ostentava financeiramente. Para a autora era “chata, conservadora, intransigente, como todas as famílias mineiras. Brrrrrrrrrr” (CANÇADO, 2015, p. 11). O dinheiro facilitou esse posicionamento e fez com que a família de fosse ainda mais respeitada.

Em uma terra em que o dinheiro e a “coragem” entrelaçada em armas do patriarca da família, a “palavra” do homem era a representação máxima da sua honra. Assim, Maura Lopes Cançado se mantinha altiva, acolhida e protegida no ciclo familiar, principalmente, por ter o pai como seu protetor.

Depois da morte do pai, os bens foram divididos, e de acordo com ela, a herança não era correspondida ao merecido para cada um. Alguns ficaram ricos e outros ficaram pobres, no caso ela e sua mãe.

A mãe de Maura Lopes se chamava Santa, uma pessoa calma, de família abastarda e muito conhecida. Segundo Cançado (2015),

É modesta, generosa e quieta. Talvez a mais modesta pessoa que conheço. Jamais em minha vida ouvi mamãe julgar alguém. É Álvares da Silva, família aristocrata, de sangue e espírito (ainda se pode falar sem constrangimento em aristocracia?). Descende de barões e coisas engraçadas. Possuo pouco conhecimento de nossa árvore genealógica. Sei que sou descendente de Joaquina de Pompéu, mulher extraordinária – que durante o Império manteve o poder político em Minas, entretendo com Dom Pedro II relações políticas e amistosas (CANÇADO, 2015, p. 11).

Santa, mesmo sendo de uma família de posses, mantinha seu comportamento humilde. Cuidava da família e do marido, teve uma educação tradicional e consequentemente de submissão ao marido. Tinha uma forma caridosa de tratar e ajudar os demais indivíduos.

Maura Lopes ressaltou em sua escrita que desenvolveu o medo da morte devido a uma dúvida de sua mãe em ter enterrado um homem que não mostrava sinais de que estava realmente morto. O sujeito em questão era Antônio, um rapaz que foi criado pelos pais de Cançado (2015), e que tinha se tornado padrinho da escritora. A escritora ressaltou também que seu irmão José, teve um sonho com o

defunto e que o mesmo havia dito que voltaria para buscá-la. Assim, ela achava que morreria logo.

Esse medo da morte somado à proteção exagerada por parte dos pais devido ao seu estado de saúde, fizeram com que a menina começasse a dar vazão às angústias, inseguranças, e a um aspecto solitário. Para Cançado (2015, p. 12), “De certa forma isso me trouxe grande solidão – por não me sentir bem uma menina”. Com isso, a liberdade que Maura desfrutava e prezava, passou a ser limitada causando desconforto e tristeza.

Para Halbwachs (2006), a lembrança, elemento essencial que impulsiona a memória, é acionada quando interligada a uma imagem e a sua importância se acentua, quando a imagem provoca algo no interior do indivíduo. Assim, as lembranças de Maura, como um choque da realidade, a fez modelar seu comportamento, sendo delineada no presente, influenciando o seu comportamento instável.

A autora ressaltou que sentia desde o início que algo lhe era devido, tinha algo para ser concretizado, existia um vazio a ser preenchido:

Muito cedo aprendi que tudo me era devido. O julgar que tudo me era devido deve ter o nome frio de egoísmo (ainda mais que exerci sobre minha irmã menor, Selva, grande tirania). Por algumas pessoas sentia-me excessivamente amada: papai, mamãe, Pabí, Didi etc. Por uma pequena minoria, antipatizada. Sim, costumava mostrar-me demais manhosa, ninguém ousava contrariar-me, o que seria contrariar papai (CANÇADO, 2015, p. 12-13).

Com essas oscilações em seu comportamento, a menina percebia o efeito que causava às pessoas. Algumas a amavam e outras já não aprovavam as suas manhas, e principalmente a forma como ela se portava com a sua irmã mais nova, refletida na competição que a menina alimentava com as suas irmãs.

Ela não admitia que as outras meninas ofuscassesem de alguma maneira o seu “brilho” ou lugar na família. As atenções deveriam estar todas voltadas para ela. Principalmente, a do seu pai. Entretanto, mesmo com a proteção maciça que ela tinha e que lhe causava solidão, a menina tinha a necessidade de ter mais atenção. Na obra, a personagem afirma que,

Ainda o que me davam parecia pouco. Formou-se no meu ser séria resistência às pessoas e coisas conhecidas. Então inventei o

brinquedo sério do FAZ DE CONTA. E me elegi a rainha. Muito tímida, costumava passar os dias brincando pelos quintais, travei relações com uma árvore, a qual considerava comadre e maior amiga. Visitava-a diariamente, perguntando pela saúde dos filhos, uns galhos secos, sedentos, mas todos meus afilhados. Os diálogos corriam animados. Não havia agressão de parte alguma, já que eu formulava as perguntas e dava as respostas. Agora que escrevo tenho em mente a árvore minha amiga: perto do chiqueiro, completamente despida de folhas, mas rica de rolinhas cantadeiras – que, como eu fazia dali seu local de extravasão (CANÇADO, 2015, p. 13).

Mesmo rodeada de todos os mimos e cuidados, a menina sentia necessidade de buscar novas coisas que suprissem as suas necessidades. Assim, o que já estava a sua disposição e por ser de fácil acesso, ela passou a rejeitar, havendo uma resistência em aceitar aquilo o que lhe estavam dando.

A escritora fez da fantasia seu brinquedo mais estimado. Ganhando contornos de criação, o “faz de conta” foi o meio que Maura Lopes Cançado encontrou para satisfazer seus anseios e suas curiosidades, uma forma de “extravasão” como ela coloca no seu texto. Pode-se perceber também a análise que a escritora faz da árvore, correlacionando com ela própria, pois, assim como a árvore, sua “amiga”, que estava perto de um chiqueiro e despida de folhas, ela também se via em um lugar que já causava um desconforto para ela e com isso, fazia daquele ambiente um lugar para extravasar as sensações.

Maura Lopes reconhece nas primeiras páginas de sua obra, que não foi uma criança normal, tinha medo da noite, mesmo se considerando uma “menina da noite”.

Não creio ter sido uma criança normal, embora não despertasse suspeitas. Encaravam-me como a uma menina caprichosa, mas a verdade é que já era uma candidata aos hospícios onde vim parar. O medo foi uma constante em minha vida. Temia andar sozinha pela casa, ainda durante o dia. Sofria mais que o normal se me via obrigada a separar-me de mamãe ou papai, ainda que por alguns dias. Temia ser enterrada viva. (...) Meu pavor às chuvas acompanhadas de trovões. Se não chovia, eu olhava o céu a todo instante, o dia inteiro, indagando de alguém: “Acha que vai chover?” (...) O pior eram as noites. À tarde começava a minha angústia. E à noite me encontrava, pequena e branca de olhos escuros, ardentes, um pedaço trêmulo de medo cintilando pela casa imensa, onde os lampiões iluminavam um pouco de cada aposento, deixando indefinido o espaço entre a luz e o escuro. Sentia-me vaga, perdida, pronta a ser tragada pela noite que estava lá fora (CANÇADO, 2015, p. 13-14).

Assim, Maura descreve o medo que sentia do ambiente e das coisas que preenchiam o lugar onde morava. Sentia medo e essa circunstância, se sobressaia em seu comportamento, que se afugentava e se retraía cada vez mais, fazendo com que a sua forma de lidar com aquela situação refletisse como “anormalidade” e com isso, a escritora já cogitava a possibilidade de que o medo que nutria pela noite, pela chuva, pela ausência dos pais em algum momento de sua vida e também os seus caprichos fomentassem a consequência do internamento.

A menina queria crescer e deixar a infância com todos os medos e receios para trás. “Então ansiava ardente por crescer, viver um pouco cega e surda como as pessoas grandes: que não percebiam rumores, não enxergavam o escuro, na sua densidade e perigo” (CANÇADO, 2015. P. 14). Talvez, segundo a escritora, adulta e sem o fluxo gigantesco da fantasia, ela pudesse viver “normalmente”, sem aquelas sensações sufocantes que predominavam as suas noites.

Com isso, para Ricoeur (2008), o ato de recordar está intimamente ligado ao grau de identificação com as coisas. Assim, quanto maior o grau de percepção da lembrança, das marcas que determinada imagem transmite, maior serão os impactos. Assim, a recordação da infância de Maura Lopes Cançado, configura-se como uma resposta para a constituição de uma personagem dúbia, expressiva, insegura e atormentada.

O brinquedo do “faz de conta” que Maura Lopes usou bastante na infância, corroborou na construção da sua identidade, possibilitando os questionamentos poéticos empregados na sua produção, pois, quando criança, além de conversar com árvores e animais, criar lugares, ela também adorava passar horas deitadas na sua cama pensando, criava pessoas, “um irmão loiro, de olhos azuis, um menino lindo, maior e mais forte que eu, com quem brincasse e despertasse inveja e admiração” (CANÇADO, 2015, p. 15). A beleza física era algo que chamava bastante atenção da escritora. Por ser muito vaidosa, ela despertava o interesse das pessoas e com isso conseguia a atenção de todos.

Em seus relatos, a escritora enfatiza que, aos cinco anos de idade, aprendeu a ler. Não atribui a ninguém esse feito, apenas ao esforço e vontade de ler os livros de contos de fadas. As pessoas, segundo Cançado (2015), não queriam ler as histórias para ela, assim, buscou o mundo das letras sozinha.

Com a mesma faixa etária que iniciou suas leituras, Maura Lopes também teve conhecimento sobre sexo e Deus. A autora relata que aos cinco anos, escutava relatos das empregadas da fazenda sobre sexo e também visualizava os animais praticando o ato, aquilo lhe chamava atenção, entretanto, foi levada a acreditar que o sexo era algo pecaminoso. De acordo com Maura, ela sentia prazer “nas coisas feias” (CANÇADO, 2015, p. 16). Assim, esses depoimentos e a visão dos animais praticando o ato sexual despertavam interesse e curiosidade na menina.

Segundo Cançado (2015), na mesma época apareceu na sua vida a figura de Deus, imposto como um ser implacável, poderoso e que não poderia esconder nada dele,

Mais ou menos nesta época me impuseram deus, um ser poderoso, vingativo, de quem nada se podia ocultar. A resistência em me preocupar com a imortalidade da alma. Por que temia ser enterrada viva, ao invés de temer algo mais sério, o Julgamento Divino? O inferno me estava reservado, tinha quase certeza, entanto meu verdadeiro medo era imaginar-me sob os sete palmos de terra, sem me mover ou respirar. Não fui além de um misticismo biológico, se posso assim dizer. E minha ambivalência. Que dizer dos fantasmas que me povoavam as noites? E os demônios? (...) O céu pareceu-me sempre absurdo e frio, santos e anjos me assustavam quase tanto quanto meus demônios (...) Minhas esperanças e temores brotavam da terra – o céu pesava sobre mim em forma de medo (CANÇADO, 2015, p. 16).

A imagem de Deus para a autora soava como algo impiedoso, um ser que inspirava o medo, algo que ela já sentia, colaborando para o temor da morte. Maura Lopes sentia rejeição por toda a religiosidade e misticismo que o céu e a figura de Deus estavam envolvidos. O espaço santificado pela religião lhe causava mais desconforto do que o próprio ambiente em que estava inserida. Seus “demônios” acabavam sendo sujeitos mais amenos na contribuição na sensação do medo do que os anjos que ganhavam contornos límpidos e estranhos diante da concepção da menina.

Essa relação com a morte causava um extremo incômodo em Maura Lopes que se imaginava enterrada, sem ter como respirar, imóvel, sentia-se ameaçada com a possibilidade de ter contato com os seres que já haviam falecido. Com isso, tanto o sexo quanto Deus foram apresentados de forma distorcida e sem coerência dentro dos aspectos pertencentes ao mundo permeado pelas fantasias de Maura.

Diziam-me que os maus iam para o inferno e sexo era uma vergonha, um ato criminoso. Era sensual, e má, portanto. Então Deus se me afirmou em razão da maldade. Adquiri uma insônia incomum para minha idade (...). Eu crescia e cresciam meus temores: o escuro, a noite, a morte, o sexo, a vida – e principalmente Deus: de quem nada se podia ocultar. Costumava pensar: “Cristo veio à Terra em forma de homem; Cristo teria sexo? Mas sexo? Pensar isto de Jesus? – Já pensei e Deus sabe. Ele sabia, mesmo antes de eu pensar”(...). E foi esta Divindade que me ensinou a mentir: diziam: “Devemos amar a Deus sobre todas as coisas”. Sim, concordava com veemência e mentira. Amá-lo como, impiedoso e desconhecido, me espionando o dia todo? Ia matar-me quando quisesse, mandar-me para o inferno. Amar a Deus? Deus, meu pai? Ora, a meu pai eu abraçava, pedia coisas, tocava. Como podia ser meu pai um ser de quem só tinhas notícias – além de tudo terríveis? Minhas relações com Deus foram as piores possíveis. Deus foi demônio da minha infância (CANÇADO, 2015, p. 17).

Com os relatos que obteve sobre sexo e Deus, a menina passou a assimilar ambas as coisas, como algo negativo, que entrava em confronto com aquilo que pensava. Por se achar sensual, Maura Lopes tinha em mente que era um ser mau, uma figura que iria para o “inferno”, pois era fruto de sua associação com aquilo que lhe era passado pelo conceito que se tinha de sexo e seus desejos, influenciando assim o seu comportamento.

Com isso, seus temores foram sendo multiplicados, seus conflitos interiores iam ganhando proporções gigantescas, ocupando espaço nos pensamentos da menina, tornando-a um indivíduo inseguro, receoso, instável, preocupado com tudo que estava ao seu redor, alimentando o medo que acompanha todo o processo da vida da autora.

Bergson (1999) volta-se para as lembranças que subsidiam a relação entre corpo e imagem, afirmando que o corpo age sobre a imagem e vice-versa. Maura Lopes, correlaciona fatos do passado por intermédio da percepção que tem dos fatos no presente, podemos comparar sua atual posição de vivências sociais com as suas primeiras impressões da infância. Com isso, as sensações que persuadiram a menina, refletiram em sua personalidade, fazendo com que ela se mostrasse no presente como um ser frustrado, que foge aos padrões “normais” da sociedade.

Deus, uma figura ambivalente na concepção de Maura Lopes, passou a influenciar os temores da menina durante a sua vida. A autora não conseguia entender como iria temer um ser que não conseguia ver e que devido à construção social da figura divina, tratava-se de um ser tirano e impiedoso. Assim, isso contribuía para que Maura Lopes, ensinada que deveria amar a Deus, entrasse em

conflito com seu sentimento de culpa, por achar esse dever uma coisa falsa e sem sentido.

A menina, seguindo os ensinamentos da família, concordava com esse “amor”, mesmo que fosse, em seu entendimento, uma mentira, por não sentir afeto pela figura divina e sim receio, medo e insatisfação. Deus representava para Maura Lopes um perigo, pois, sentia-se ameaçada, como se em qualquer momento, ele fosse tirar a sua vida.

A morte era o que incitava o sentimento de “ódio” pela figura divina, que causava em Maura uma instabilidade emocional, fomentando o medo da perda dos pais e da liberdade que gozava na fazenda onde morava. Assim, não tinha a coragem de expor para a família o sentimento que nutria por Deus, revelando um descontentamento e tristeza diante da adoração que se tinha pelo símbolo divino. Tal sentimento se entrelaçava com a ideia de que a representação das coisas negativas durante a infância de Maura Lopes resultava na concepção do demônio, sendo este, tudo aquilo que lhe provocava desequilíbrio.

Os temores de Maura Lopes interferiam de forma significante na composição de seu comportamento. A escritora revela em seu diário que tinha uma satisfação inexplicável em irritar a sua mãe,

Costumava aborrecer mamãe sem nenhum motivo aparente. Deitava-me no chão e gritava com desespero. Arranjava um motivo (ou não arranjava), mas a verdade é que alguma coisa bem íntima levava-me a este comportamento. Uma satisfação inexplicável, desejo de sofrer e fazer sofrer, como a expulsar de mim algo escuro, indefinido e insuportável. Estas cenas eram quase diárias e não sei se viveria sem elas (CANÇADO, 2015, p. 17).

Maura Lopes se satisfazia com seus “ataques” comportamentais, sentindo prazer em chamar atenção e deixar preocupada a sua família. Entretanto, esse tipo de comportamento, era uma válvula de escape para que a menina colocasse para fora, o acúmulo de sensações e os resultados que seus temores causavam diariamente. Também, serviam como mais um meio que a escritora utilizava para obter a atenção de todos.

A autora, além de ter ouvido quando criança que o sexo era algo pecaminoso, sofreu abuso por parte dos empregados da fazenda onde morava. Ela relata em sua narrativa, os momentos sofridos e suas sensações depois do ato violento,

Na fazenda tínhamos uma loja. O rapaz, empregado da loja, sempre se recusava a nos dar balas, a mim e minhas irmãs menores. Uma tarde fui sozinha. Pedi-lhe. Disse que sim. Sentou-me no balcão e teve relação sexual comigo, nas minhas pernas. Não tive nenhuma reação, creio haver sentido prazer e nojo. Sentindo-me molhada, julguei que ele houvesse feito pipi nas minhas pernas (eu devia ter cinco anos). Deu-me as balas e fui para casa. Era de tarde. Todos se achavam sentados na varanda. Mamãe também. Usava um vestido branco, parece-me. Ao ver-me, tentou pôr-me no colo. Recusei-me. Achei-a limpa, inocente e bonita. Corri para casa, deitei-me sob os lençóis, sem me lavar. Mais tarde, durante muito tempo, ao me deitar para dormir, à noite, olhando mamãe andar pelo quarto, lembrava-me do que acontecera e chorava (o rapaz desaparecera na madrugada do dia seguinte, deixando a impressão de que ficara louco. Não compreendi a razão de sua fuga, nadarevelei nada a ninguém). Mais tarde, dois outros empregados repetiram o mesmo. A sensação que me dominava nestes momentos era de náusea e prazer. Porém, não cheguei a ver o órgão genital de um homem até meu casamento (CANÇADO, 2015, p. 17-18).

Em sua obra, a escritora evidencia uma inocência e uma malícia ao descrever o ocorrido. Ela afirmava sentir-se desconfortável com aquela situação, entretanto, ao passo que o abuso lhe proporcionava mal-estar, também despertava um prazer que instigava sua mente e sua libido, subsidiando uma impureza corporal, sensação esta, que lhe provocava dúvidas em relação ao acontecido e consequentemente com a presença do sexo em sua vida.

Nas reflexões da personagem, o que impressionava e despertava uma satisfação em relação ao abuso, era o fato de ser algo escondido, secreto e impuro, o acontecimento por ser violento e extraordinário causava um contentamento e uma realização em sua vida. Assim, desde criança mostrava-se uma pessoa instigante, segundo ela, “O sexo foi despertado em mim com brutalidade. Cheguei a ter relações sexuais com meninas de minha idade. Isto aos seis ou sete anos” (CANÇADO, 2015, p. 18). Com isso, fruto do abuso, a sexualidade foi aflorada violentamente na vida de Maura Lopes, desde muito cedo ela teve que lidar com certas questões e entendimentos sobre sua vida íntima, tanto que, ainda menina, se relacionou com outras pessoas do mesmo sexo, permitindo uma liberdade em suas escolhas, liberdade esta que ela tanto buscava.

A escritora, ao passo que vai adentrando nos emaranhados memorialísticos da sua história, descreve-se como uma pessoa que necessitava de uma afirmação, de um complemento, de justiça, pois nada do que lhe era dado, era coerente com

aquilo que ela merecia. Sentia que estava “salva” dos incômodos e das angústias que a acompanhavam em suas fantasias,

Acredito ter sido uma criança excepcional, monstruosamente inteligente e sensível, perplexa e sozinha. Possuindo muita imaginação, costumava inventar histórias exóticas a meu respeito. Aos sete anos, estudando numa cidade próxima à fazenda, onde morava minha irmã Didi, mentia para minhas colegas: “Sou filha de russos, tenho uma irmã chamada Natacha, e um dos meus tios nasceu na China, durante uma viagem de meus avós”. Ó, aquele tio chinês, eu o via mentalmente, de rabicho e tudo, tal os chineses dos livros que lia. Cresci na ilusão de que o dinheiro me tornava superior. Como meu pai fosse o homem mais rico da minha terra, sentia em relação às outras famílias certo descaso condescendente. (...) Sofria de carência afetiva, era desleixada e indisciplinada (CANÇADO, 2015, p. 19).

Ressaltando sua capacidade intelectual e sua forma de lidar com as mais diversas experiências, Maura Lopes aponta para sua solidão e sua imaginação, como uma disparidade que lhe causava insatisfação, pois a sua inteligência e sensibilidade não supriam, mesmo recorrendo a imaginação, a solidão que sentia.

Assim, a menina criava seres, como já foi ressaltado anteriormente, lugares e ambientes que se tornavam meios fascinantes para mergulhar nas suas fantasias, já apontando para o desenvolvimento aguçado de uma grande escritora, que se lança nas linhas ficcionais para expor a sua representatividade.

O posicionamento social que a família de Maura Lopes Cançado assumia na sociedade proporcionava à escritora e seus irmãos uma vida estável e com isso, a autora, por ter no pai a visão centralizada de chefe da família e assim provedor principal, sentia-se enaltecida, sendo essa mais uma das formas de exaltar a sua vaidade, alimentada como uma competição até mesmo nos colégios em que estudava. Segundo a personagem narradora, não conseguia se relacionar com as demais meninas, para ela, as outras eram suas “rivais”,

Achavam-me bonita nos colégios. Não sei se teria sobrevivido caso este detalhe fosse ignorado – ou negado. Minha necessidade de afirmação se dava nas vinte e quatro horas do dia. Aquela competição anulava-me diante de mim mesma. Não foi jamais do meu feitio competir. Nos primeiros anos de colégio esperava que algum fenômeno se desse comigo (e me elevasse acima do comum), como voar, ou praticar milagres. Não seria, ou podia vir a ser santa? (CANÇADO, 2015, p. 20)

A escritora ressalta que sofria de carência afetiva, por mais que os pais cuidassem e lhe dessem atenção, sempre queria mais, e os exageros dos cuidados familiares por conta de seu estado de saúde, fomentavam o caminho contrário, a menina se encontrava sozinha e com questionamentos que a impulsionavam a um estado de inquietação e aflição.

Percebe-se na autora que a beleza e a sua inteligência foram elementos essenciais para “sobreviver” por onde passasse. Sabia que chamava atenção das pessoas e isso a atraía. Entretanto, a necessidade urgente em ser notada em consequência da sua vaidade, fez com que a menina se deparasse com o isolamento, pois não conseguia se relacionar com as demais garotas.

Para a personagem principal, tendo como base o seu ego elevado fomentado por sua presunção, poderia ocorrer algum acontecimento que a fizesse ser um sujeito diferente dos demais, um acontecimento fantástico que a transformasse em algo maior e significativo. Essa visão demonstra a baixa confiança que a menina nutria em si, decorrente de suas frustrações e dos seus medos.

Aos quatorze anos, a escritora revela que quis tirar o brevet, carteira de piloto de avião, enfrentando a sociedade, pois, naquela época, uma mulher não poderia exercer aquela função. A escritora afirma em sua obra não ter conseguido tirar a carteira, porém, no aeroclube que frequentava Jair Praxedes, com o qual se casou e teve um filho chamado Cesarion.

Durante seu casamento, que durou um ano, Maura Lopes se descobriu apaixonada pelo sogro, a quem respeitou e não revelou o seu desejo.

Evidentemente aquele casamento não podia durar: nossa pouca idade, diferença de educação. Os doze meses da vida conjugal marcaram de modo negativo, mesmo brutal, a fase mais importante da minha existência. Então casamento era aquilo? Me perguntava atônita. Meu marido tudo fez para a nossa separação, mas independente do que fez, havia para separar-nos: minha mansão senhorial, meu ideal soberbo e distante de castelã – e principalmente minha solidão (CANÇADO, 2015, p. 21-22).

A escritora enfatiza que o casamento foi um fracasso, marcou a sua vida de uma forma negativa, não construiu uma família e não podia fazê-la, pois habitava em seu ser uma solidão, que mesmo com todo o conforto e luxo que tinha em seu redor, o “estar sozinha” servia como mais um elemento que contribui para o fim do seu casamento.

Em seus questionamentos, existia uma necessidade em Maura Lopes de fugir das coisas, das situações que lhe causavam mal-estar, entre elas, o casamento. Sua vida com a família do seu esposo era algo fadado ao cansaço, sentia-se atraída por outro homem, e não encontrava no marido uma forma de preencher a solidão que a acompanhava desde menina.

Estarei sendo severa comigo mesma? Teria sido diferente meu modo de ser se meus pais soubessem orientar-me? Naturalmente sim, creio. Eram simples demais para lidar comigo, eu possuía imaginação acima do comum, era inteligente, ambiciosa – e nada prática. Isso os desnorteava. Evidentemente, parece-me, já se manifestava em mim um temperamento paranoide. Uma boa orientação, entretanto, podia ter corrigido esse defeito de personalidade. Ou não? Terei atingido o que eles jamais poderiam alcançar? Estaria deslocada no meio deles? Acredito que sim, e os fatos provam. Verdade que adquiri (não sei como) liberdade total em relação a tudo e todos que me cercavam, desde a mais pequena infância. Faltavam-me meios para fugir àquele clima de asfixia. Então eu sonhava (CANÇADO, 2015, p. 22).

Direcionando a culpa do seu comportamento para os pais, a escritora expõe elementos que em seu ponto de vista poderiam ter influenciado seu modo de ser. Considerando a sua forma de agir em detrimento da dos seus pais, Maura Lopes ressalta que se sentia superior aos demais, por ser ambiciosa, inteligente e por ter uma imaginação descomunal.

Esse sentimento de superioridade era um reflexo de sua vaidade, tanto que a autora, em alguns momentos na sua narrativa, demonstra algumas incertezas, entre elas, a orientação dos pais, pois para ela, se tivesse recebido orientações adequadas poderia ter desenvolvido um comportamento dúbio, “paranoide” ou não, ela seria um sujeito “paranoide” sem receber nenhum direcionamento.

As dúvidas sobre seu comportamento provocavam na escritora uma profunda instabilidade. Sua vontade de alcançar outros lugares e posicionamentos sociais era constante em sua vida. Os pais eram um reflexo de segurança e também de retrocesso. Maura Lopes Cançado sentia-se perturbada com todas angústias que se arrastavam durante a sua vida, faltava-lhe o “ar”, sentia-se “asfixiada”, com isso, buscava em suas fantasias um refúgio daquela situação.

Depois da separação, enfrentando o jugo social da época, apontada como uma mulher “divorciada”, que, para a sociedade era como se fosse um crime, a autora pensou em cometer suicídio, “Não possuindo ainda grande defesa, deixei-me

impregnar de negativismo apenas. Pensei pela primeira vez em me matar" (CANÇADO, 2015, p. 23). Em uma época em que a mulher era submissa ao homem e com isso se via obrigada a calar, não contestar ou separar do marido, Maura Lopes rompia esses parâmetros causando euforia e "revolta" nas famílias tradicionais, que se voltavam contra a moça, fazendo com que ela se sentisse excluída, marginalizada, sufocada e sem perspectivas.

Em meio a um ambiente hostil, Maura Lopes se encontrava à margem da sociedade, por ser, em primeira instância, uma mulher de temperamento forte, que já causava um estranhamento no ciclo social, somado a sua posição de mulher divorciada, sem um marido que pudesse "representa-la", causando reações negativas na escritora.

Procurei retratar-me até os dezessete anos, embora fatos ocorridos dentro desta idade estejam registrados neste Diário, em minhas conversas com o médico. Desde então tudo tomou caráter mais grave e penoso; passei a sofrer com brutalidade os reflexos do condicionamento imposto a uma adolescente numa sociedade burguesa, principalmente mineira – e principalmente quando esta adolescente julga perceber além das verdades que lhe impõem, e tem, ela mesma, sua própria verdade. É, portanto, a metade do meu álbum: apresentei a moça de dezesseis anos, bonita, rica, aviadora; sem futuro – mas uma grande promessa (CANÇADO, 2015, p. 24).

Utilizando-se das lembranças do passado, os primeiros relatos feitos por Maura Lopes Cançado foram de sua infância até a adolescência, em que destaca os fatores que considerava cruciais para a explicação de seus internamentos nos hospícios. Assim, ela ressalta o condicionamento social a que era submetida, as normas e "verdades" impostas, que se confrontavam com as suas ideias.

A escritora julgava ver além das "verdades" colocadas pelo cerco social, pois possuía também as suas próprias convicções. Com isso, VISTA como bonita, rica, mas sem futuro, descrição esta fruto dos pensamentos negativos que existiam em Maura Lopes, a autora faz um apanhado da sua vida na obra, expondo a sua história, e assim, essas "verdades" futuramente seriam entendidas pela sociedade como loucura e pela própria autora que indagava sobre a "insanidade".

Para Éclea Bosi (1994, p. 55), "a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual". Desse modo, no ato de (re)construir o passado, por intermédio do relato, a autora deixa em evidência a origem do desalinho

emocional que se instalava em seu corpo, encaminhando-a para o âmbito da loucura.

Aos vinte e dois anos, ela passa a morar no Rio de Janeiro, onde gastou quase toda a sua fortuna. Viveu durante pouco tempo com bastante dinheiro e sofrendo com um forte desequilíbrio mental, devido aos acontecimentos que lhe vinham ocorrendo nos últimos anos. Ao perceber que estava passando por uma crise financeira devido aos seus gastos, a escritora se encontrava imersa em um estado depressivo, passava dias trancada no quarto do hotel onde morava.

Maura Lopes buscou ajuda médica e descobriu que tinha uma disritmia cerebral generalizada, que é o mesmo que epilepsia, e ocorre quando há mudanças na intensidade e no ritmo das ondas elétricas do cérebro. Quando menina, Maura Lopes tinha ataques epiléticos, como foi ressaltado anteriormente, mas com a situação agravada de seu estado depressivo, foi que a autora descobriu a sua doença e resolveu internar-se em um sanatório.

A autora destaca ter passado por alguns hospícios, o primeiro foi a Casa de Saúde do Alto da Boa Vista, lugar elegante, frequentado por pessoas de alto valor aquisitivo, ela afirma não ter ficado muito tempo no local. Nesse mesmo espaço, ela se deparou com o “tratamento” direcionado para os internos.

16-12-1959

(...) A princípio pareceu-me divertido. Em breve, deixei-me tomar por profunda insatisfação e tédio, passei a desejar mudar-me de sanatório. Insisti para que me fizessem choques insulínicos. Não me atenderam. Um dia tive séria agitação: tornei-me agressiva, tentei despir-me no jardim do sanatório. Aplicaram-me Sonifene na veia, dormi imediatamente, quando despertei, foi para iniciar a fase mais aguda da minha doença, até hoje. Teria sido vítima de um tratamento errado? Desde que tomei Sonifene caí num círculo vicioso: tomava-o para acalmar-me (com grande revolta da minha parte), e ao acordar, voltava tão agressiva, em tal estado de agitação, que se viam obrigados a aplicar-me outra dose. Assim, sucessivamente, e só melhorei mais tarde, quando me fizeram insulina (CANÇADO, 2015, p. 107).

Por sentir-se insatisfeita com o local onde se encontrava e em uma tentativa de ser atendida e trocar de sanatório, percebe-se que procura chamar atenção, como fazia quando menina, só que de uma forma mais séria e mais grave, fica despida, comportamento este, que muitos dos sujeitos internados nesses locais

adotam. Com isso, Maura Lopes tem contato com o “tratamento” ministrado para os indivíduos considerados loucos.

Na obra, a narradora enfatiza que o contato com a medicação desencadeou algo diferente no seu interior, para a escritora, é como se a “loucura” estivesse se originado naquele momento. Ela havia se tornado dependente da medicação, utilizando em todas as suas oscilações de humor. Percebia que tinha ficado viciada em Sonifene e isso lhe causava raiva, mas não conseguia controlar a necessidade de consumir o produto.

Além do Hospital Gustavo Riedel, Centro Psiquiátrico Nacional, do Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, onde se encontrava ao escrever a obra *Hospício é Deus*, Maura Lopes destaca outros locais que serviam para as internações, entre eles, IP (Instituto de Psiquiatria), Hospital Braule Pinto, Hospital Pedro II, o Instituto de Neuropsiquiatria Infantil e também o Serviço de Ocupação Terapêutica do Centro.

25-10-1959

(...) Acho-me na seção Tillemont Fontes, Hospital Gustavo Riedel, Centro Psiquiátrico Nacional, Engenho de Dentro, Rio. Vim sozinha. O que me trouxe foi a necessidade de fugir para algum lugar, aparentemente fora do mundo. (Ou de ----- Era tão grave. Proteção? Mas aqui, onde estou não me parecem querer bem e sofri tanto?) (“Não me querer bem” talvez seja minha maneira única de ser amada.) Havia lá fora grande incompreensão. Sobretudo pareceu-me estar sozinha. Isto faria rir a muitas pessoas: eu trabalhava no Suplemento Literário do *Jornal do Brasil*, onde me cercavam de grande atenção e muito carinho. Reynaldo Jardim é o diretor e me queria bem deveras. Ó, o zelo de todos. O zelo de Reynaldo. Naturalmente, penso, por eu haver antes estado aqui, saindo para trabalhar lá. A curiosidade em torno de mim: “Esta é Maura Lopes Cançado, a que escreveu ‘No quadrado de Joana’? – O conto é realmente bom, mas pensar que a personagem dele é louca catatônica passou a aborrecer-me” (como as pessoas são estúpidas, ainda se pretendem ser gentis). Minha posição me marginalizava. As coisas simples não se ajustavam a nada em que eu pudesse tocar, sentir. Era a impressão (CANÇADO, 2015, p. 27).

O desejo de sair do meio que a sufocava e lhe provocava uma solidão profunda, somado a sua preocupação com a sua saúde, fez com que Maura Lopes buscasse o hospício que se configurava como uma possibilidade de fuga de tudo que lhe causava tristeza. A necessidade em ser amada também impulsionou a autora a aderir ao internamento, entretanto, esse lugar de dor, sofrimento e clausura já lhe dava sinais de que a sua necessidade não seria suprida.

A escritora trabalhava em um lugar movimentado como o *Jornal do Brasil*, e tinha amigos que se preocupavam com ela, tinham “zelo”, cuidados que ela apreciava. Entretanto, quando apresentada aos demais sujeitos, como uma escritora incrível, que cria personagens loucos, causava irritação e desconforto em Maura Lopes que, por estar internada em um hospício, a sua condição mental era considerada duvidosa, causando estranhamento e fomentando assim a marginalização. Isso corroborava com o isolamento interior em Maura Lopes Cançado.

3.2 O hospício como metáfora da loucura

A loucura passa a ser um elemento íntimo de Maura Lopes, inserida no ambiente do hospício. Ambos se fundem como uma marca, deixando a personagem narradora afastada do ciclo “racional” e atribuindo-lhe uma negatividade que, ao passo que lhe permitia extravasar as suas sensações, enclausurava a escritora que se sentia isolada e incapaz de romper com o cerco que criara desde menina.

Ela inicia sua jornada no espaço dedicado ao indivíduo “louco”, descrevendo na obra desde o cenário com que se deparou nos seus internamentos, os tratamentos variados, a convivência com os seres “insanos” e os funcionários, personagens como: Dona Auda, Dona Marina, Isaac, Rafael, Dona Dalmatie, Dona Aída, Diretor Dr. Paim, Dr. A, Dona Júlia, Maria de Oliveira, Dra. Sara Almeida, Dr. J, Dona Georgina, Durvaldina, entre outros, até a sua própria análise sobre a loucura.

O que me assombra na loucura é a distância – os loucos parecem eternos. Nem as pirâmides do Egito, as múmias milenares, o mausoléu mais gigantesco e antigo possuem a marca de eternidade que ostenta a loucura. Diante da morte não sabia para onde voltar-me: inelutável, decisiva. Hoje, junto dos loucos, sinto certo descaso pela morte: cava, subterrânea, desintegração, fim. Que mais? Morrer é imundo e humilhante. O morto é náuseo, e se observado, acusa alto a falta do que o distingua. A morte anarquia com toda dignidade do homem. Morrer é ser exposto aos cães covardemente. Conquanto nos dois estados encontro ponto de contato – o principal é a distância. Ainda que só diante do louco tenha experimentado a sensação de eternidade. Nele não encontramos a falta. Nos parece excessivo, movendo-se noutra espécie de vibração. Junto dele estamos sós. Não sabendo situá-lo fica-se em dúvida: onde se acha a solidão? O louco é divino, na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. É eterno. (CANÇADO, 2015, p. 25).

Nas memórias de Maura Lopes Cançado observa-se que a loucura possui a característica de eternidade, de se perpetuar durante o tempo, bem mais do que os objetos palpáveis da humanidade. Assim, a sua concepção em relação à morte, que era algo que a assombrava, causava medo e desespero, sofreu alterações depois de ter contato com a loucura e os sujeitos que estão presentes em sua volta.

A morte era como algo que aterrorizava Maura Lopes, causava-lhe revolta pela forma como se dava o processo, o enterro, a deterioração do corpo, entre outros, a situação ultrajante que o ser humano fica diante da morte. Assim, para a autora, morrer significava mergulhar em um estado de submissão e de vergonha.

A personagem ressalta que, em ambos os casos, tanto a morte quanto a loucura apresentam um distanciamento. Maura buscava esse distanciamento da morte e já na loucura tinha encontrado o caráter da eternidade, pois no sujeito “louco” não se encontra a sensação da “falta”, para ela, os “insanos” estão em outra frequência, uma visão diferenciada sobre as coisas, a dúvida que paira sobre esses seres, a falta de conhecimento sobre eles reforça a concepção da ausência da solidão.

Assim, na sua tentativa de compreender o “louco”, a escritora ressalta que ele é eterno, podendo se perpetuar e vencer a morte, elemento que Maura Lopes renegava, já que o sujeito “louco” possui um conhecimento e uma realidade que ainda são desconhecidos para os demais sujeitos, detentores da “verdade”.

Segundo Foucault (2007), em seu texto “O louco no jardim das espécies”,

O louco é o outro em relação aos outros: o outro – no sentido da exceção – entre os outros – no sentido universal. Toda forma de interioridade é, agora, conjurada: o louco é evidente, mas seu perfil se destaca sobre o espaço exterior; e o relacionamento que o define entrega-o totalmente, através do jogo das comparações objetivas, ao olhar do sujeito razoável. Entre o louco e o sujeito que pronuncia “esse aí é um louco”, estabelece-se um enorme fosso, que não é mais o vazio cartesiano do “não sou esse aí” mas que está ocupado pela plenitude de um duplo sistema de alteridade: distância doravante inteiramente povoada de pontos de referência, por conseguinte mensurável e variável; o louco é mais ou menos diferente no grupo dos outros que, por sua vez, é mais ou menos universal (FOUCAULT, 2007, p. 183).

Esse sujeito “razoável”, ressaltado na explicação de Foucault é representado pela sociedade que utiliza uma visão “aparentemente” do todo para caracterizar o

sujeito como “louco”. Este, por sua vez, difere dos demais por revelar em suas ações verdades que estavam submersas no mundo dito “normal” e, também, por não seguir a conduta do meio dominante. Já o meio social que engloba os seres considerados, ou melhor, que se consideram normais, é tido como universal por possuir o poder econômico, que lhes serve de base para definir o que é ou não a “loucura”.

Maura Lopes estava imersa no ambiente que se direcionava ao indivíduo “louco”, nesse espaço, ela ia sendo apresentada a uma realidade social ainda desconhecida. Nas páginas de seu diário, a autora delineia não só o aspecto físico do hospício, mas também a sua vivência com o quadro clínico, a sua visão em relação à loucura e os problemas enfrentados por aqueles que são excluídos do convívio social.

Estar internado no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. Lutam contra o que se chama doença, quando justamente esta luta é que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros. Não conseguem transpor o “Muro”, segundo Sartre. É a resistência. Também se luta contra a morte, quando morrer talvez seja realizar-se. Se existe vergonha é na luta: perder o lugar no mundo, afetividade, direitos (direitos?). Então encontramos doença, morbidez, imensa soma de deficiência que se recusa a abandonar. Transposta a barreira, completamente definidos, passam a outro estado – que prefiro chamar de Santidade. A fase digna da coisa, a conquista de se entregar. O que aparecem é a inviolabilidade do seu mundo. Como os mortos, nada fazem para voltar ao estado primitivo – e embora todos tenhamos de morrer um dia, poucos alcançam a santidade da loucura (e quem prova estar o louco sujeito à morte, se passou para uma realidade que desconhecemos?) (CANÇADO, 2015, p 25).

Pode-se dizer que na concepção da escritora, fazer parte do hospício não significa que o sujeito está louco. Ela faz um questionamento do que seria essa “loucura”, do conceito relacionado à doença mental. Segundo Maura Lopes, muitos dos indivíduos internados naquele ambiente, estão deslocados, excluídos do meio social considerado normal e daqueles que encontram na “loucura” a liberdade.

Esse “muro” que a autora se refere em sua narrativa, torna-se a representatividade do desconhecimento e da marginalização social que como foi ressaltado anteriormente, divide o ciclo em normal, correto e verdade a ser seguida e o anormal, erro e falha que representam um perigo e é necessário ser controlado.

Assim, a escritora afirma que, quando se transpõe para o universo daqueles que são deixados à margem, o sujeito ganha uma nova visibilidade, ele passa a ter uma “santidade”, pois se torna inviolável por estar em um mundo desconhecido, apesar da morte se tornar algo de concreto para todos, o “louco” é um indivíduo que alcança a santidade, por estar em uma realidade que escapa às amarras sociais, tornando-se livre.

Segundo Foucault (2007),

A linguagem é a estrutura primeira e última da loucura. Ela é sua forma constituinte, é nela que repousam os ciclos nos quais ela enuncia sua natureza. O fato de a essência da loucura poder ser definida, enfim, na estrutura simples de um discurso não a remete a uma natureza puramente psicológica, mas lhe dá ascendência sobre a totalidade da alma e do corpo; esse discurso é simultaneamente linguagem silenciosa que o espírito formula a si mesmo na verdade que lhe é própria e articulação visível nos movimentos do corpo (FOUCAULT, 2007, p. 237).

Por intermédio do discurso social, a loucura se configura e passa a ser constituída como resultado daquilo que se desvia dos parâmetros apontados como verdade a ser seguida. Com isso, por intermédio da linguagem, que engloba o exterior e o interior, por ser oriunda de um fluxo de pensamento e por representar o sujeito, a loucura ganha expressividade.

O discurso “louco” da escritora expõe os fatores que marginalizavam a “loucura”, enveredando pelo caminho da violência, demonstrando a falta de conhecimento e de preparo da sociedade. A transgressão marcada por esse discurso revela uma mulher que não só transpõe os muros sociais, mas também apresenta de forma íntima os aspectos nebulosos que se constituem ao redor da “insanidade”

O hospício ganha um olhar diferenciado diante das descrições de Maura Lopes Cançado, tanto por estar internada em um ambiente de clausura e de retidão, como por estar mergulhada na “realidade” do indivíduo “louco”, por ser considerada “louca” pela sociedade e elaborar reflexões sobre a própria loucura. Com isso,

Estar no hospício não significa ser superior. O doente, ainda preso ao mundo de onde não saiu completamente, tratado com brutalidade, desrespeito, maldade mesmo, reage. Tenta agarrar-se ao mundo de onde não saiu completamente. Apega-se a seus antigos valores, dos quais não se libertou tranquilo. Principalmente teme: a característica do doente mental é o medo (não o medo das guardas, dos médicos.

O medo de se perder do todo antes de se encontrar). Considero um noviciado, depois do quê as provas perdem a razão de ser. Quem consegue corromper dona Auda? (Não creio que venha a me tornar louca. Sou demais pequena e covarde. Mesmo, não possuo muita paciência e o noviciado é longo.) (Ou serei noviça há muito tempo?)

De novo: o que me assombra na loucura é a eternidade.

Ou: a eternidade é a loucura.

Ser louco para mim é chegar lá.

Onde? – pergunto vendo dona Marina. As coisas absolutas, os mundos impenetráveis. Estas mulheres, comemos juntas. Não as conheço (...) (CANÇADO, 2015, p. 26).

Ressalta-se através da narrativa memorialística de Cançado a forma como o indivíduo considerado “louco” passa a ser “tratado” dentro do hospício e como ele lida com o tratamento que lhe é direcionado. Ao ser reprimido e maltratado, o sujeito encontra a possibilidade de segurança em seus antigos valores que estão presos às normas impostas pela sociedade.

Com isso, a liberdade proporcionada pela loucura ainda não é desfrutada em seu todo, segundo Maura Lopes, o indivíduo ainda permanece preso, inicialmente, ao mundo que o excluiu, deixando-o à margem social, nutrindo o medo de se “perder” do ciclo antes que ele se reconheça na “realidade” da loucura.

No decorrer do texto da autora, vê-se que o sujeito escrito considera essa etapa de como uma possível aceitação de toda aquela situação cansativa, um estágio, um processo em que é necessário cortar os laços que ainda se encontram entre o “louco” e a sociedade. E, de acordo com ela, para completar essa etapa, é preciso o sujeito ser corajoso, pois a mesma se considera fraca e tímida demais para se tornar “louca”.

De acordo com Foucault (2007),

O internamento recebeu sua carta de nobreza médica, tornou-se lugar de cura, não mais o lugar onde a loucura espreitava e se conservava obscuramente até a morte, mas o lugar onde, por uma espécie de mecanismo autóctone, se supõe que ela acabe por suprimir a si mesma (FOUCAULT, 2007, p. 433).

O internamento, após as transformações ao longo dos anos, tornou-se um lugar para a “cura” da loucura apontado pela sociedade. Entretanto, o internamento vai além das concepções sociais, que estão à margem do centro da discussão sobre a loucura, pois o “louco” encontra-se oprimido, confrontado e maltratado no estágio

do internamento, momento este que a escritora pontua, detalhando elementos variados desse método.

Na produção de Maura Lopes, a personagem narradora tem o “medo” que ressalta ser uma das características dos doentes mentais, ela tinha o medo da morte e se via deslocada do meio, fazendo assim, questionamentos sobre a sua “loucura”, tanto que paira a dúvida sobre a mesma, se é “noviça” há muito tempo, ou seja, se faz parte do estágio da loucura, desse desprendimento do “mundo” dos normais.

Eternidade e loucura passam a ser ligadas pela escritora, pois, ao fazer parte de um mundo que foge aos padrões sociais, que apresenta múltiplas visões sobre determinadas coisas e propicia uma liberdade, o “louco” transpõe os muros sociais, vence as barreiras, eterniza-se por fazer parte de uma outra realidade que chega além das fronteiras arcaicas tradicionalistas. Para Maura Lopes, ser “louco” é chegar a outros mundos, espaços, libertando-se dos medos e dos antigos valores.

A sociedade condena os seres que não aceitam as normas que são impostas e os valores que são aplicados passam a ser questionados fazendo com que aqueles que questionam sejam considerados “alienados”. Assim, para Foucault (2007), “o louco tem seus bons momentos, ou melhor, ele é, em sua loucura, o próprio dono da verdade; insensato, tem mais senso comum e desatina menos que os atinados” (FOUCAULT, 2007, p. 211). Com isso, tomando como base o posicionamento social, os papéis se invertem, e é possível perceber que existe uma alienação por parte do meio social, que age de forma “insensata”, “insana”, ou seja, sem pensar sobre suas atitudes, que condenam e chegam a ser desumanas nas suas reações, que pregam normas e regras consideradas corretas, mas acabam agindo de forma incoerente, segregando os indivíduos.

Assim, para Frayze Pereira 2007,

Todo tipo de desvio do comportamento pessoal em relação a uma norma sancionada socialmente. O comportamento é desviante ou louco quando se afasta “do convencional, da rotina, das normas instituídas”. Por exemplo, “uma pessoa é considerada louca quando deixa de admitir e cumprir as funções, obrigações e atitudes que foram aprovadas, elaboradas e cumpridas por todos os indivíduos sãos de sua sociedade” etc (FRAYZE PEREIRA, 2007, p. 09)

Com isso, o “louco” se configura como o erro, a falha, o desvio, seu comportamento incoerente, por não seguir as normas, passa a ser a

representatividade da “loucura”. Com isso, as atitudes dos seres servem como um parâmetro para que a sanidade seja analisada e sua ausência diagnosticada quando se apresentam características que diferem daquilo apontado como “normal” e aceitável.

A personagem narradora descreve na obra como um sujeito que estava além das amarras sociais, tinha conflitos e sempre nutria uma necessidade de autoafirmação. Nada conseguia satisfazê-lo, questionava os valores e as verdades vigentes na época, sentia medo da morte e da solidão, criticava a forma como as pessoas consideravam o sexo e a figura de Deus em suas vidas, e também passava a se questionar sobre seus próprios anseios.

Com isso, Maura Lopes, adentrava os “mundos impenetráveis” da loucura, expondo a sua forma de agir e de se expressar diante dos fatores sociais, lidando com o tradicionalismo da época, em que a mulher era submetida ao homem e ao patriarcalismo vigente. Por intermédio da sua obra, ela relata a sua experiência com a “realidade” desconhecida pelos indivíduos considerados normais, tendo como palco para essa exposição, o hospital psiquiátrico.

25 -10 - 1959

Estou de novo aqui, e isto é -----Por que não dizer? Dói. Será por isto que venho? – Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, enxague – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o quê, porque Hospício é deus (CANÇADO, 2015, p. 26).

Descrevendo como um espaço em branco, em que vai descortinando as pessoas, as coisas e o próprio ambiente, a escritora se questiona por permanecer naquele espaço vazio, sem vida e que lhe proporciona dor, tristeza e múltiplas sensações que lhe ocasionam uma hostilidade por se encontrar perdida, maltratada, perambulando nos corredores sem direção, buscando sanar suas dúvidas, ansiedades e seus medos.

Para a personagem principal, viver em um hospício é ter que lidar diariamente com o inesperado, com as variações de comportamento e de manifestações afetivas e o desconhecimento sobre esse mundo que “eterniza” o indivíduo “louco”. Por ser

ainda o ambiente indefinido, vago, incerto, a escritora associa o Hospício a imagem de Deus, que julgava, quando criança, desconhecer, ser algo impiedoso, tirano, que condenava todos aqueles que “pecavam”. Assim, como se considerava pecadora, Maura Lopes rejeitava a presença de Deus em sua vida, porque não conseguia crer naquilo que não conseguia ver, e todas as informações que tinha sobre ele eram negativas.

Com isso, o hospício é associado a Deus por carregar essa incerteza em sua definição, um vazio, uma incompletude, além de ser tirano com seus internos, pois nas suas descrições, a escritora ressalta como os indivíduos considerados “loucos” eram tratados de forma rudimentar, desde as instalações até a maneira como os médicos e enfermeiras lidavam com os indivíduos.

Para Foucault (2007),

O certificado médico à entrada do asilo, portanto, traz apenas uma garantia duvidosa. O critério definitivo, e que não se pode pôr em dúvida, deverá ser fornecido pelo internamento: a loucura surge aí filtrada de tudo aquilo que poderia constituir uma ilusão e oferecida a um olhar absolutamente neutro, pois não é mais o interesse da família que fala, nem o poder e seu arbítrio, nem os preconceitos da medicina, mas é o próprio internamento que se pronuncia, e no vocabulário que lhe é próprio: isto é, com esses termos de liberdade ou de coação que tocam profundamente na essência da loucura (FOUCAULT, 2007, p. 437).

Seguindo essa consideração de Foucault (2007), o internamento viabiliza a instabilidade em relação às afirmações sobre a loucura. A família, o poder social e a medicina percorrem caminhos autoritários para constituir a loucura, entretanto, perdem o interesse quando adentram no íntimo do sujeito internado, pois este apresenta a loucura imersa no “mundo” criado para ela, espaço que sobressai às relações entre os pacientes e os funcionários, destacando a violência, fruto do desconhecimento que se tem entre ambos os seres.

A sombra de uma educação machista, patriarcalista, como foi ressaltado anteriormente, onde a mulher tinha que seguir as ordens do pai e depois realizar as vontades do marido, onde a figura feminina era um objeto para auxiliar o homem, Maura Lopes Cançado passou a lutar contra todas essas atribuições, queria ter liberdade, procurava aprender bastante, nos trabalhos que iam surgindo, para

desenvolver o seu lado profissional como escritora e, assim, conseguir ser reconhecida, para suprir a necessidade de afirmação que almejava.

Elá não se enquadrava nos padrões vigentes da época, uma jovem mãe, divorciada, que trabalhava e confrontava os ideais da sociedade com as suas verdades, fazendo com que essa relação de confronto fomentasse ainda mais o desequilíbrio emocional em Maura Lopes, que se encontrava injustiçada e marginalizada, mas não mudava a sua concepção e nem deixava as suas verdades, sua visão e seu conhecimento de lado.

Assim, a loucura é relacionada à Maura Lopes, não só por ela apresentar um problema patológico, como foi apontado anteriormente, mas por seu comportamento não se enquadrar nas regras sociais da época. Com isso, para Frayze-Pereira (2007),

loucura é a profunda tomada de autoconsciência. É a rejeição de um mundo preestabelecido e moldado normalmente; os loucos expressam seu verdadeiro ser. Não têm medo de mostrar as verdades para o mundo. Os loucos são os que sabem olhar o mundo com os olhos da realidade. Por isso mesmo são reprimidos pela sociedade. (FRAYZE PEREIRA, 2007, 09).

Assim, a loucura seria, de acordo com Frayze-Pereira (2007), o despertar para uma realidade não ficcional, uma representativa primária do indivíduo, ou seja, uma negação daquilo que é construído e imposto dentro da “normalidade” relativa da sociedade dominadora e desmedida.

Então, a loucura não se configuraria como a ausência de discernimento, pelo contrário, ela proporciona a lucidez ao indivíduo que transpõe os muros sociais já citados. Com isso, o sujeito “louco” se expõe sem máscaras, ele apresenta sua forma de ver e de agir sem receios, não segue e nem tem o comprometimento de seguir os valores sociais, pois em sua realidade, as normas vigentes não são aplicadas.

Os “loucos”, desprendidos das normas e conceitos sociais, conseguem visualizar o ambiente com um olhar livre de preconceitos e ambições equivalentes aos jogos de poder estabelecidos pelas classes sociais, e essa realidade despontada na visão do “louco”, ressaltada por Frayze-Pereira (2007), é resultado da negação do indivíduo considerado insano às construções prontas e impostas pelo ciclo social.

Para Foucault (2007, p. 251), “A loucura, portanto, é negatividade. Mas negatividade que se dá numa plenitude de fenômenos, segundo uma riqueza sabiamente disposta no jardim das espécies”. Assim, a loucura é considerada uma negatividade, uma não aceitação da realidade. Com isso, as ações contraditórias dos indivíduos, até mesmo da própria Maura Lopes, refletindo sua negatividade, em relação à conduta assumida no cenário em que ela se insere, forneceram subsídios para a experiência da loucura.

A personagem continua seus relatos dentro do hospício, suas relações com os médicos, com as companheiras da seção, o dia a dia arrastado e doloroso que proporciona tristeza vão ganhando espaço no diário. Ela segue narrando seus desafios, o desasco que os seres considerados “loucos” sofrem, coisas como, “Não banque a sabida nem valentona. Pensa que por ser bonita vale mais do que as outras? Saiba lidar conosco (guardas) (...). Queixas ao médico não adiantam. Vocês são doentes mesmo (...)” (CANÇADO, 2015, p. 28), trecho em que Maura Lopes é maltratada por Cajé, uma das guardas de sua seção, ganha espaço em sua narrativa, exemplificando as formas como as internas eram tratadas.

Nessa passagem narrada no diário, a personagem destaca que,,

25 - 10 - 1959

Aqui estou de novo nesta “cidade triste”, é daqui que escrevo. Não sei se rasgarei estas páginas, se as darei ao médico, se as guardarei para serem lidas mais tarde. Não sei se têm algum valor. Ignoro se tenho algum valor, ainda no sofrimento. Sou uma que veio voluntariamente para esta cidade – talvez seja a única diferença. Com o que escrevo poderia mandar aos “que não sabem” uma mensagem do nosso mundo sombrio. Dizem que escrevo bem. Não sei. Muitas internadas escrevem. (...) Estou no Hospício. O desconhecimento me cerca por todos os lados. Percebo uma barreira em minha frente que não me deixa ir além de mim mesma. Há nisto tudo um grande erro. Um erro? De quem? Não sei. Mas de quem quer que seja, ainda que meu, não poderei perdoar. É terrível, deus, Terrível. Faz muito frio. Estou em minha cama, as pernas encolhidas sob o cobertor ralo. Escrevo com um toquinho de lápis emprestado por minha companheira de quarto, dona Marina. O quarto é triste e quase nu: duas camas brancas de hospital. Meu vestido é apenas o uniforme de fazenda rala sobre o corpo. Não uso *soutien*, lavei-o, está secando na cabeceira da cama. Encolhida de frio e perplexidade, procuro entender um pouco. Mas não sei. É hospício deus – e tenho frio (CANÇADO, 2015, p. 30-31).

A narradora refere-se ao hospício como uma “cidade triste”, fazendo uma analogia com um dos seus contos, em que afirmava ser o hospício uma “cidade

triste de uniformes azuis e jalecos brancos" (CANÇADO, 2015, p. 30). Uma cidade com muros que estão além do isolamento físico, mas também uma clausura íntima que resguarda em seu interior uma "realidade" desconhecida, que causa curiosidade, receio e sofrimento.

A escrita de Maura Lopes se revela como uma forma de desabafo, não demonstra pretensão e não sabia o que iria fazer com aquilo que estava escrevendo e nem a quem se destinaria, mas escrevia e tinha a certeza de que estava no hospício de forma voluntária, por querer estar ali, naquele ambiente, segundo a própria Maura Lopes, essa era a diferença, estava naquela "cidade" de forma voluntária.

A escritora tinha a consciência de que aquilo que escrevia poderia ser uma apresentação do mundo desconhecido da loucura. Assim, sua narrativa representa não só uma descrição do âmbito da loucura, mas também uma denúncia que servia como um alerta do modo como era tratado tudo aquilo que se relacionava com a "insanidade".

Imersa no hospício, a autora se vê presa, existindo uma barreira, ainda não identificada por ela, o motivo da existência daquele obstáculo que a impede de transgredir. O desconhecido ainda se mantém em sua narrativa, por existir no espaço em que está inserida, muitas incertezas e questionamentos que ela mesma faz de si e sobre os demais sujeitos que habitam aquele ambiente.

Na sua descrição, a narradora enfatiza como é o quarto em que vive, ressaltando a simplicidade, sem nenhum conforto, além da tristeza que paira sobre o local e sobre as personagens que se encontram, assim como Maura Lopes, perplexas, desoladas, sentindo frio, desconfortadas e mesmo assim, buscando um entendimento para os seus conflitos interiores.

Com isso, para Foucault (2007), os problemas da "loucura" giram ao redor da "materialidade da alma". Ou seja, a "loucura" vai além das dimensões cerebrais, ela engloba as questões materiais, físicas, e o contexto em que o indivíduo se insere é determinante para que ela se desenvolva. Com isso, os conflitos interiores somados às experiências dos indivíduos com o meio externo, fomentam o surgimento da loucura.

Assim, é inconsistente a definição da loucura como sendo somente uma doença cerebral, pois como foi apontado até aqui, um dos fatores que corroboram a representação da loucura é o julgamento social, que utiliza o comportamento, a

resistência, a negação dos seres em seus meios, onde nenhum deles apresenta somente a loucura como fruto patológico, mas como algo que se dá no confronto com o poder social. (é que atribuem os perfis de loucos.)

Segundo a personagem principal, os dias no hospício vão passando, e suas dúvidas e questionamentos tornam os momentos no lugar mais complicados, e assim, eles passam a incomodá-la, deixando-a inquieta.

26 - 10 - 1959

(...) Os dias deslizam difíceis – custa. Me entrego. E me esqueço. Ou não me esqueço? Às vezes as coisas ameaçam chegar até mim, transpondo as portas (mas, não. Por quê? Hein? Quando? NADA). Sinto medo. Parece reinar uma ameaça constante no ar. Ou sou eu quem se alerta para o primeiro gesto? Ando pelo quarto. Completo um instante. Depois outro quadradinho: penso fino e reto, sem ameaças, livre de pesar pelo que está guardado ou morto. Penso no amanhã de manhã: o médico. O médico é o campo luminoso aonde vou todos os dias. Ou sou eu quem se ilumina perto dele? (CANÇADO, 2015, p. 32).

Entre as suas inquietações, a escritora se encontra presa as suas reminiscências, aos seus medos, suas angústias, que provocam em seu interior um desequilíbrio constante, deixando-a temerosa, retraindo-a e subsidiando um estado de alerta na autora. Assim, ela vai contando e observando o tempo passar e se surpreende em alguns minutos por não conseguir pensar em fatores negativos e sim no médico, a figura que lhe causa um bem-estar.

Em companhia do médico, a escritora afirma conversar e conseguir trocar palavras, coisa que não consegue fazer com os demais indivíduos do hospício. Muitos daqueles seres que se encontram naquele espaço, estão em situação igual ou parecida com a da autora. Cada um fica em seu estado solitário, silencioso, e quando se tem algum tipo de aproximação é para causar algum tipo de conflito. Com isso, Maura Lopes afirma não se interessar em construir laços afetivos com as internas. Embora, converse com a companheira de quarto ou com uma das guardas mais educadas, ela alega que não consegue estabelecer uma aproximação maior com nenhuma das companheiras.

O isolamento proporciona não apenas a exclusão dos indivíduos, mas em alguns casos provoca o desenvolvimento de um distúrbio mental, pois os seres além de não saberem lidar com seus próprios conflitos, se veem internados em um local

estrano, com pessoas diferentes, desconhecidas e que impossibilitam um maior grau de intimidade, devido ao seu momento retraído.

Segundo Foucault (2007), muitos dos seres que eram internados e tratados como “loucos”, na verdade, só desenvolviam uma loucura relacionada ao âmbito patológico, dentro dos locais destinados a eles, pois, em completa solidão, recebendo trágicas e violentas formas de tratamento, o indivíduo acabava acometido por um distúrbio mental, ou seja, relacionada ao cérebro. Assim, aqueles que não eram loucos dentro dos padrões psicológicos, apenas apresentavam ideias e comportamentos que se diferenciavam dos demais seres sociais, com o internamento, desenvolviam esses distúrbios.

26 - 10 -1959

(...) O dia. As horas. Cada instante. Às vezes medo. Não às vezes: detrás de tudo o medo. Olho imenso tomando o céu. Me recuso a levantar as pálpebras além dos muros. Uniformes cinzentos. Desfile de rostos iguais. Alguns gritos, algumas gargalhadas. Sem lágrimas, sem apelação. Medo: as portas trancadas que dão sinal de vida. As guardas rancorosas. Elas nos fazem voltar das portas, fugir dos corredores, engolir depressa a caneca de mate quente. Hoje esbarrei em Maria de Oliveira, guarda. À saída do refeitório. Ela e outras guardas batiam palmas, apressando as doentes: “Depressa, suas lesmas. Andem depressa com essa comida, suas filhas da puta. Todas para o pátio”. Esbarrei sem querer, mas senti medo. Um momento fosco se estendeu trêmulo, o alto-falante gritava música seca, fazendo o corredor dançar quieto e quase vazio, enquanto as mulheres se olhavam, andando lentas e sacudidas (CANÇADO, 2015, p. 33).

A personagem narradora descreve o seu cotidiano no hospício, ressaltando as sensações que lhes são provocadas no contato com a vivência com as demais internas. Todas iguais, repetidas pelo o mesmo motivo, “a loucura” que seus familiares e a sociedade constataram.

Rodeada por gritos e sons, a “normalidade” que paira é configurada na mistura dessas atividades sonoras, atribuindo vida a um lugar de aspecto triste e angustiante. Angústia que ainda é somada ao medo que as internas têm das guardas que coordenam o local. Elas são uma espécie, segundo a escritora, de carrascos, que não as tratam de maneira educada, são ríspidas, violentas e cruéis.

De acordo com a escrita de Maura Lopes, todos os dias elas eram alvos das guardas que sentiam prazer em maltratá-las, assim, além de lidar com os seus dramas particulares, o lugar desconfortável, estavam à mercê da tirania daquelas

mulheres que estavam naquele local, para cuidar e auxiliar no “tratamento” das internas e não para praticar atos violentos. Com isso, intimidadas, as internas buscavam evitar os confrontos com as agentes.

Na obra, a narradora afirma que não se dava bem com uma das enfermeiras, tanto que a chamava de “réptil”, pois sempre perguntava para a escritora quando ela iria embora.

27 - 10 - 1959

(...) Evidentemente o réptil é dona Júlia, a enfermeira chefe. Mal chego ao hospital essa mulher começa a perguntar-me quando vou deixá-lo. Precisarei tornar-me demente para provar minha necessidade do hospital? Dona Júlia mora no hospital, nesta seção, como em sua própria casa. Detesta as doentes que retornam (como se fossem responsáveis por suas doenças). (Da primeira vez em que estive aqui, tratava-me com grande simpatia, até ternura.) Irrita-se com as doentes que não trabalham, não limpam os corredores, enceram-os, lavam roupas e outras coisas. Costuma espancar algumas, e da última vez em que estive aqui bateu em Margarida com o molho de chaves. Margarida é oligofrênica, andou vários dias exibindo as costas, vermelhas de mercúrio cromo. Margarida não se queixa a seus pais, creio. Ignoro o processo usado por dona Júlia para evitar que isto aconteça. Os pais de Margarida gostam muito da filha, têm recursos financeiros, vêm vê-la todos os domingos. É oligofrênica, talvez não deem atenção às suas queixas (não acredito que as faça. Sorria sempre ao contar que dona Júlia lhe baterá). Levando-se em consideração a gentileza de dona Júlia com as internadas diante das famílias, tudo se torna bem claro (CANÇADO, 2015, p. 35-36).

A personagem não se considerava um sujeito “demente”, estava no hospício por uma necessidade em fazer um tratamento direcionado a sua epilepsia e também para coletar algumas respostas para os questionamentos que a perturbavam desde a sua infância.

Por intermédio da descrição anterior, pode-se observar que a enfermeira, Dona Júlia, não gostava do regresso das internas ao hospício, e fazia de tudo para que tal fato não acontecesse. Era violenta com as internas, as colocava para trabalhar, fazer todos os serviços gerais da instituição e ainda praticava abusos, chegando a agredi-las.

Uma das pacientes que, segundo Maura Lopes, sofria com a violência de Dona Júlia era Margarida, que mesmo relatando aos pais os abusos que sofria, eles não acreditavam devido ao seu estado de saúde. Assim, a descrença nos relatos dos “loucos” corroborava com a continuidade desse tipo de atitude,

Os relatos feitos pela escritora no diário trouxeram à margem esses fatos que estavam escondidos, rodeados de incerteza e encobertos pela atitude mascarada daqueles que se consideravam “normais”. Entretanto, o relato de Maura Lopes evidenciou não apenas o abuso de autoridade do quadro de funcionários do hospital, mas também o rompimento no silenciamento que rodeia o mundo da “loucura”, pois mesmo desacreditada, Margarida ainda contava para a família o que lhe acontecia. A sua verdade não era calada e nem intimidada pela brutalidade das agentes.

Em seus relatos, a narradora ressaltava que não sentia que era importante para alguém, com isso, seu vazio dominava seus instantes reflexivos, causando-lhe frustrações.

28 - 10 - 1959

(...) Sinto medo. Minha vida não é importante, não sou imprescindível a alguém. Ao contrário: consideram-me inútil, até perniciosa. Socialmente não tenho nenhum valor. Costumo causar sérios desastres a meus amigos. Maria Alice Barroso disse que: “Ser amigo de Maura é como viajar de avião”. Ela acha muito perigoso viajar de avião. Sebastião de França se viu obrigado a atirar-se ao mar, em Copacabana, sem saber nadar, às oito horas da noite, completamente nu, para salvar-me (era domingo) de uma tentativa de não sei bem o quê (nado muito bem), quase morrendo afogado, e em seguida ameaçado de ser preso – por atentado ao pudor público. Apesar de tudo sinto medo do que pode tomar conta de mim. Levar-me para ----- Onde? – Seria necessário aprender a proteger-me contra mim mesma. Não possuo nenhum equilíbrio emocional. Passo de grande exaltação para profunda depressão. Gasto-me desesperadamente (não me esquecer de que sou vítima de disritmia cerebral). Como estou presa à infância. Nego a realidade ao que me veio depois. Até às pessoas, não são – porque não as aceito (CANÇADO, 2015, p. 37).

A ausência de pessoas na vida de Maura Lopes, mesmo sabendo que em parte era atribuída ao seu temperamento, ocasionava na escritora a sensação de abandono. Ela reconhece que subsidiava acontecimentos desagradáveis na vida das pessoas que são próximas a ela, deixando-a perplexa diante de tal constatação.

A personagem narradora afirmava sentir receio de perder o controle de si, se deixar ser controlada por algo ou por alguém que a lhe fizesse algum tipo de mal. Com isso, Maura Lopes, assume não possuir um equilíbrio emocional, proporcionando grandes conflitos internos e externos ao ambiente em que está inserida e também àqueles que a rodeiam.

Suas oscilações de humor são mais um foco resultante desse desequilíbrio emocional que a mesma correlaciona aos seus anseios do passado, quando ainda era criança. Ela aponta também para a disritmia cerebral como um dos fatores que podem influenciar nessas instabilidades comportamentais. Com isso, a autora faz uma reflexão de si mesma, buscando respostas para esses conflitos que a fazem prisioneira do passado.

Segundo Foucault (2007),

Captada no coração humano, mergulhada nele, a loucura pode formular aquilo que originariamente existe de verdadeiro no homem. Começa então um lento trabalho que atualmente atingiu uma das contradições maiores de nossa vida moral: tudo aquilo que vem a ser formulado como verdade do homem passa por ser irresponsabilidade e essa inocência que sempre foi, no direito ocidental, o próprio da loucura em seu último grau (FOUCAULT, 2007, p. 451).

Surgindo no íntimo do sujeito e em decorrência das suas relações com o meio, a loucura se configura como uma verdade única e individual, que entra em dissonância com a “verdade” imposta por uma determinada classe. Assim, os interesses e concepções daqueles que discordam dos demais seres, passam a ser considerados loucura. Com isso, a autora defende o seu posicionamento e seus próprios valores, que estão arraigados em uma infância ainda não superada.

Ela não aceita a realidade pós-infância, os acontecimentos e as pessoas que surgiram depois dessa etapa na vida da escritora, eram negados por ela, rejeitando os fatos a ela acometidos. Sentia que estava “presa”, ou seja, ligada a sua infância, pois foi nessa época que se constituiu no seu interior instabilidade emocional e também o início de seus ataques epiléticos que, mesmo sendo algo cuidado e observado pela família, isso interferia no desenvolvimento da autora, pois a mesma sentia-se sufocada e limitada no ciclo familiar.

Com as variações em seu comportamento e por buscar no hospício um refúgio, um consolo e explicações para os seus questionamentos, Maura Lopes Cançado foi considerada louca pela sociedade, que apontava o seu modo de agir e de se expressar como loucura. Para Frayze-Pereira (2007, p. 08), “um “distúrbio orgânico” ou um “desequilíbrio emocional” do indivíduo cujo efeito é um desvio do comportamento em relação a normas sociais” são ressaltados pelos indivíduos considerados “normais” como loucura, por essa pessoa “louca” romper com as

normas sociais e não aceitar aquilo que está sendo imposto e também, ter atitudes que fogem àquilo considerado “normal”.

No livro, a narradora destaca por intermédio de suas análises feitas dentro do hospício, a forma como se desenvolve o tratamento para os “loucos”.

28 - 10 - 1959

(...) Qualquer reação, se estamos diante de um analista (ou com pretensões a), é sintomática, reveladora de conflitos íntimos, ponto de partida para as mais variadas interpretações. Em se tratando de simbologia, somos traídos a cada instante (ignoro se sobra algum prazer na vida para estes interpretativos analistas). Jamais expressamos a verdade – que passa por caminhos sinuosos, apenas conhecidos do “monstro” à nossa frente, o analista, único que não se deixa enganar (CANÇADO, 2015, p. 37).

A personagem afirma que diante do analista, cada palavra, movimento ou expressão já serve como indício para que os problemas íntimos sejam julgados como ponto de partida para o desencadeamento do distúrbio mental. Assim, com essa percepção, de que os “símbolos” são importantes para que seja feita a análise comportamental do interno, a escritora afirma que não expressa a verdade na presença do analista.

Segundo a narradora, esse “tratamento” aplicado ao “louco” funciona como uma espécie de “jogo”, em que o analista busca indícios de “insanidade” no interno e esse, em contrapartida, procura se esquivar das frágeis provas, já que o analista fica à margem e não transpõe a linha da loucura, não pertencendo a esse mundo. Entretanto, mesmo não sendo considerado “louco” pela sociedade, o analista que ganha contornos múltiplos na visão dos pacientes, não se permite iludir por esse mecanismo de fuga.

A narrativa continua descrevendo esse jogo de análise, entre o paciente e o médico.

28 - 10 - 1959

(...) Diante das denúncias que nos são feitas procuramos burlar o médico, confundi-lo, anarquizá-lo. Assim, passamos a analisá-lo, colocando-nos em guarda (dizem chamar-se isto Resistência). Eu me vejo em ação: busco sem piedade os pontos vulneráveis do homem à minha frente. Sim, antes de mais nada considero-o um homem. Me encara com desconfiança. Não sei se é natural. Procura com obstinação se afirmar perante mim, percebo. Deve saber que sou muito inteligente. Ainda não pode ser chamado Psicanalista, ele disse, porque está em formação psicanalítica. Isto quer dizer:

estamos ambos sendo submetidos a tratamento. É negro. Deve sofrer com isso. Parece-me conflitado. Seu complexo de inferioridade motivado por sua cor é demais visível. Não o creio muito inteligente. Sua única pequena cultura é científica (admito certa precipitação neste julgamento e é minha esperança. Caso contrário, como poderia respeitá-lo?). A despeito das deficiências é-me simpático e gostaria de ajudá-lo. Talvez me beneficiasse. Mas ignoro até onde ele pode contar comigo (CANÇADO, 2015, p. 38).

No processo de análise, em que ambas as figuras estão em uma situação de observação, a escritora ressalta um confronto velado entre eles, principalmente o receio e a dúvida que paira sobre o interno, no caso, o da própria escritora que se colocava em vigilância no instante do tratamento.

A personagem principal destaca que essa forma de agir era considerada pelos médicos como uma “resistência” do paciente em se manter isolado e resguardado dos demais indivíduos, sem aceitar que tinha algum distúrbio mental, prevalecendo seu estado oculto por suas ações e pensamentos.

A narradora descreve como agia no momento de suas consultas com o analista. Possuindo uma grande destreza e inteligência, invertia o “jogo” e passava a analisar o médico, buscando seus pontos frágeis, para que também pudesse utilizar os “símbolos” contra o próprio médico.

Por ainda não ter a sua formação completa, Maura Lopes constata que tanto ela quanto o médico estão em tratamento, um por “motivos” de saúde e o outro por ser um laboratório para os seus estudos. Com isso, sarcástica e habilidosa, a personagem narradora aponta o que para ela são pontos frágeis no analista. Além de estar no processo de formação acadêmica, ela destaca a aparente “inferioridade” que o analista deva sentir devido a sua cor, por ser negro, e a sociedade ser implacável e preconceituosa, coisa que, devido a sua suposição, Maura Lopes também deixa aparentar, ao ressaltar um possível complexo de inferioridade, que possa ser inexistente no rapaz.

Também é ressaltado pela autora em suas análises sobre o médico, a pouca inteligência que ele apresenta em confronto com a sua vaidade, por se achar bastante inteligente desde menina e por considerar que tem um nível de instrução acima dos demais, ela se julga precipitada ao fazer este apontamento, e prefere estar enganada, pois só poderia respeitá-lo, se tivesse em nível de igualdade intelectual. Após essas análises, destacando o que para ela são “deficiências”, a escritora afirma querer ajuda-lo em algo e tirar alguma vantagem sobre isso.

Assim, nesse “jogo” a que estão submetidos o médico e o paciente, o que sobressai em primeira instância é a imagem. A análise do exterior se torna o ponto de partida para a coleta de informações e o estudo do comportamento. Para o analista, o desvio comportamental apresentado pelas ações do indivíduo é resultado da loucura por ele manifestada, já para o paciente, no caso a escritora, o médico se torna um “monstro” que procura a todo custo, enquadrá-la como “louca”, mas ao mesmo tempo também está à mercê de uma análise que pode seguir os mesmos caminhos periféricos e incertos que o analista escolheu para tratar do seu paciente.

Para Foucault (2007),

(...) o racionalismo poderia paradoxalmente conceber uma loucura, mas que seria reconhecida pelo fato de toda a vida moral ser falsificada, da vontade ser má. É na qualidade da vontade, e não na integridade da razão, que reside finalmente o segredo da loucura (FOUCAULT, 2007, p. 136)

Com isso, ao analisar o médico, Maura Lopes se utiliza da sua razão, da sua inteligência e conhecimentos para chegar aos seus resultados. Não existe uma ausência da razão na escritora, nem tão pouco a falta de uma racionalidade, pelo contrário, ela apresenta um alto nível de inteligência, que além de ser ressaltado sem o menor indício de modéstia, é evidenciado pela capacidade perceptiva e de reflexão sobre os fatos que a rodeiam. Assim, outro fator salientado em torno da loucura é que ela pode ser movida, entre outros motivos, pela vontade e não pela razão.

Com isso, para Foucault (2007, p. 232), “Imagem não é loucura”, pois, ela é algo exterior, relativa e limitada, ela não consegue definir um indivíduo, pois não abrange o ser como um todo. Assim, o julgamento social que marginalizava Maura Lopes Cancado era incoerente, pois, a imagem que se tinha da escritora não era a que realmente seria ela, e sim uma afronta àquele ambiente de injustiça que ela abominava porque buscava se entender, afirmar-se e ser reconhecida, assim, não buscava aparentar nada, ela era como queria, vivia para ela e não para satisfazer a sociedade.

Por isso, para Foucault (2007, p. 233), “(...) a loucura é, no entanto, mais do que a imagem, formando um ato de secreta constituição”. Ou seja, ela vai além do que é posto aos olhos do outro, um simples reflexo não abarca o todo da loucura, com isso, é na dualidade do espaço em que o indivíduo se posiciona tanto exterior quanto interior, que a loucura ganha forma, entretanto, o espaço que sobressai

diante da visão social restringida é o exterior, ganhando evidência as ações e a imagem que o ser considerado louco transmite.

Entretanto, mesmo fazendo reflexão sobre seu comportamento, a protagonista da obra não conseguia ressaltar afirmativas sobre si mesma.

28 - 10 - 1959

(...) Sou demais sonsa para qualquer pronunciamento ao meu respeito. Mesmo, eu me desconheço quase completamente, meus atos me surpreendem tanto quanto a outra pessoa. Sou incapaz de analisar-me um instante e dizer corajosamente uma verdade acerca de mim mesma. Ainda quando me creem inocente e sem defesas, julgo esta enganando. A inocência que aparento e tanto encanto me traz é dependente da minha vontade e consciência. Embora eu desconheça minha vontade, percebo vagamente que possuo uma consciência. Tudo se mostra impreciso em minha natureza nebulosa e difícil. Tenho impressão de que renovo a cada instante – só nas crianças admito tal poder de renovação. Ah, mas só sou bem aceita quando fala a criança que existe em mim. Esta força difusa que desconheço e me sustenta em vida se forma em instantes – que para a menina representa milagres. Deixa-me perplexa como se visse tudo pela primeira vez. E minha maldade decorre, sei, da ignorância, ditada pela criança que me domina. Às vezes sou má e impiedosa; apesar de maleável – como o que não está de todo feito. Eu me desconheço, não sei situar-me. Ainda que uma necessidade me caracterize: a de receber sempre e recusar às vezes (CANÇADO, 2015, p. 38 -39).

A personagem enfatiza se desconhecer em alguns momentos e que suas ações também a surpreendiam. Ela julga ser movida por sua vontade e seus desejos. Com isso, tudo aquilo que aparenta é resultado do que ela quer, mesmo não identificando essa vontade que traz em si e a presença de uma consciência vaga e repleta de conflitos que, como já foi ressaltado, tem como origem a sua infância.

A infância de Maura Lopes marcou-a a tal ponto, que não permitiu uma evolução no que tange à construção sentimental e moral da autora. Ela demonstra-se inconstante, confusa, sem um ponto de segurança, a não ser quando escreve, pois nesse momento consegue se libertar e expressar aquilo que lhe causa inquietação e indeterminação.

A narradora salienta que em seu interior ainda habita a Maura Lopes menina, que consegue se renovar quando ela “aparece”, pois faz colocações livres e com um olhar que pertence à criança, sem nenhum filtro de informações e de pudores.

A menina, elemento constituinte do passado, torna-se o componente decisivo para essa dualidade na personalidade de Maura Lopes, é uma das responsáveis por esse comportamento nada amistoso e em alguns momentos impiedoso. Ela afirma não se reconhecer, existindo uma necessidade passiva em seu ser, recebendo sempre e recusando pouco. Isso lhe causa insatisfação e promove um desconhecimento, devido as suas variações de comportamento, de humor e por ainda permanecer com o sentimento de medo em relação a si mesmo, ao vazio que permanece em seu interior, aos seus questionamentos e também em negar tudo aquilo que veio posterior a sua infância.

Segundo Frayze-Pereira (2007),

loucura é a perda da consciência do próprio “eu”. Uma pessoa chega à loucura a partir do momento em que vai perdendo a consciência de sua existência, do seu ser, do seu lugar no mundo e, vazia, se perde na realidade exterior; loucura é o estado no qual a pessoa vive quase como um vegetal e suas ações se processam “no escuro”. Não tendo nenhum controle de sua realidade pessoal consciente..., seu barco se desgoverna por completo (FRAYZE PEREIRA, 2007, p. 08).

Conforme os estudos de Frayze-Pereira (2007), a loucura pode se configurar como essa perda do eu, esse vazio que se instala no indivíduo se alastra em seu interior, provocando incertezas, causando confusão, alimentando as tristezas e os medos, atribuindo ilusões e frágeis concepções à realidade negada pelo sujeito.

Seguindo esse raciocínio, Maura Lopes trilha o caminho da loucura, por não conseguir superar as frustrações e os conflitos da sua infância, por apresentar um vazio em sua busca incessante por uma afirmação, também, devido as suas variações comportamentais, a escritora entra em conflito com o seu ser, desconhecendo a si mesma.

A escritora fora diagnosticada pela Dra. Sara Almeida, médica do Instituto Psiquiátrico, como PP (Personalidade Psicopática), e isso causou em Maura Lopes mais uma instabilidade, pois, segundo ela, o seu nome já não lhe representava mais e sim esse diagnóstico, até mesmo nas fichas clínicas, que tem “a finalidade de acrescentar mais uma psicopata para a estatística. Estatisticamente sou considerada Personalidade Psicopata – mais nada” (CANÇADO, 2015, p. 41), o nome desse diagnóstico era o que sobressaía.

29 - 10 - 1959

(...) E eu: PP, Paranoia, Esquizofrenia, Epilepsia, Psicose, Maníaco-Depressiva, etc. Minha personalidade mesma será sufocada pela etiquetas científicas. Serei a mala ambulante dos hospitais, vítima das brincadeiras dos médicos, bonitos e feios. Terei a utilidade de diverti-los ao lançarem a sigla: PP. Poucos possuem a sensibilidade de dra. Sara (principalmente entre psiquiatras, gente frustrada e vingativa, portanto), pedindo-me desculpas. Mas muitos diriam se me lessem: "Pobrezinho do médico-bonito. Não deve ter isto. Ela tem mania de perseguição" (...) Sou apenas um número a mais na estatística. Médicos feios e bonitos riem, nada posso fazer (CANÇADO, 2105, p. 41).

O diagnóstico recebido deixou a escritora insatisfeita e perplexa. Rodeada pelas "etiquetas científicas", Maura Lopes se encontrava enquadrada em vários aspectos médicos, e o de PP (Personalidade Psicopática), só reforçava a sua incompreensão e as suas dúvidas sobre si. Essa notícia somada às demais "etiquetas" que a escritora estaria sendo classificada, apontam para um distúrbio mental.

Ironizando a situação, fazendo uma comparação entre si e uma mala, Maura Lopes ressalta a incerteza dos locais que deveria buscar, bem como o diagnóstico oferecido pelos médicos, pois poderia estar sendo vítima de possíveis "brincadeiras" dos profissionais da área da saúde, a quem a escritora considerava seres inescrupulosos e frustrados.

A possibilidade de fazer parte da estatística e ser consequência de uma diversão médica atormentava a escritora, que também procurava nessa "possível brincadeira", a negação para a doença que poderia ser acrescida aos conflitos internos ou que poderia ser ela o subsídio para a origem de seus anseios.

A narradora passou a ter um tratamento mais severo, passou a sofrer com os eletrochoques.

10 - 11 - 1959

(...) – O senhor é arbitrário e irresponsável. Deu-me um eletrochoque quando fui sua paciente, sei que há contraindicação no meu caso. Possuo dois eletroencefalogramas anormais, fui vítima de crises convulsivas até quinze anos. Um dos eletros está dentro da minha papeleta, ou ficha. Como meu médico, o senhor devia ter-se intelectado antes, e o respeitado. Fez o eletrochoque por vingança e para castigar-me. Este método é muito usado pelos psiquiatras, sei. Eletrochoque devia ser tratamento, e não instrumento de vingança em mãos de irresponsáveis. Mas, aqui, até as guardas ameaçam doentes com eletrochoques, trazendo-as em constante estado de tensão nervosa. (...)

– Quando estive aqui e o senhor foi meu médico, sofri coisas horrorosas, fui presa no quarto-forte várias vezes, fiquei vinte e quatro horas sem comer nem beber, nua no cimento. No dia seguinte as guardas mandaram que dois doentes me levassem para o banho, ainda nua, eles abusavam da minha nudez enquanto elas riam muito divertidas (CANÇADO, 2015, p. 43).

O trecho acima, é um diálogo de Maura Lopes com médico Dr. J., a quem ela acusa de ter cometido abuso de poder. Segundo a escritora, o médico utilizou eletrochoques quando era contraindicado no caso dela, e ainda não acompanhava corretamente o seu caso.

Nessa passagem narrada anteriormente, fica claro o abuso desse método por parte dos funcionários dos hospícios, que utilizam o eletrochoque para castigar as internas, fazendo-as reféns dos seus próprios tratamentos, já que esse tipo de processo é utilizado na área da saúde, entretanto, Maura Lopes, acusa o médico e os demais agentes de praticar violência física com o auxílio do eletrochoque, expondo assim, mais um dos fatores horríveis que perpassam o âmbito do internamento psiquiátrico.

Também foram ressaltados pela narradora, os momentos de tortura que ficou sem beber e sem comer, deixada sem roupa em um quarto sem nenhum conforto, exposta aos funcionários, despida, sem nenhum cuidado ou preocupação por parte da equipe do hospital. Isso a atormentava e enfurecia, deixando-a revoltada com aquela situação, não só por ter acontecido com ela, mas por ser algo recorrente com todas as internas, fazia parte do sistema de “tratamento”.

Em sua narrativa, Maura Lopes faz menção ao “crime da gravata nova”, que seria uma decorrência a uma agressão feita ao seu médico Dr. J. O incidente aconteceu em seu segundo internamento, quando retornava de um atentado suicida, tomando alta dose de medicamentos “barbitúricos”. Sem dinheiro e sem saber para onde ir, ela retorna ao hospício, onde se dedicava à escrita de um novo conto. A enfermeira, Dona Júlia de quem Maura Lopes não gostava, voltou a importuná-la, acusando a escritora de oportunismo, pois queria ficar na instituição vivendo à custa do dinheiro público.

Com isso, a narradora destaca que não tinha dinheiro, nem roupas e estava desempregada, assim, o hospício era o seu único refúgio. Assim, Dona Júlia não conseguiu fazer com que a autora fosse embora da instituição, mas a transferiu para a seção M. B. da Colônia Juliano Moreira, criada para os doentes mais agitados e

perigosos. Era um lugar, segundo a personagem narradora, de aspecto terrível, escuro, abafado, sujo, assim,

11 - 11 - 1959

(...) Senti-me desesperada: tratavam-me como louca. Eu não iria desapontá-los. Fui para o pátio, rasguei o vestido, fiz um *sarong* bem curto, trepei no muro. Pus as mãos em conha e gritei como Tarzan: ÔÔÔÔ. Quando me buscaram sabia o que me esperava: quarto-forte. Mas ainda ignorava a extensão da maldade. Não conhecia ainda os castigos aplicados aos doentes mentais.

No corredor encontrei dr. J. junto a vários guardas. Disse-me com hipocrisia: “Agora você vai tomar injeção para descansar e dormir”. Olhei com arrogância e ironia: “Pois não, com bastante prazer. Desejo conhecer o quarto-forte, minhas amigas se queixam tanto dele. Mas antes quero água. Gritei muito, tenho sede. Gostou da minha demonstração de loucura?” (...) – Vou fazer uma molecagem e o senhor será a vítima. (Falei baixo, meigo e sorrindo.). (...) Joguei-lhe a água no rosto, as guardas soltaram um relincho qualquer, dr. J. virou a cabeça para trás sob o impacto da água, depois tirou o lenço e limpou o rosto. Aplicaram-me injeção para dormir, levaram-me para o quarto-forte. (CANÇADO, 2015, p. 45-46).

Sentindo-se injustiçada, no trecho anterior, a personagem expõe a encenação que fez para tentar reverter a sua transferência daquela seção. Ela tentou argumentar com as enfermeiras, mas não lhe davam atenção, por considerá-la “louca”, com isso, a escritora se portou como se estivesse perdido a sanidade, fez de tudo para chamar atenção, até agrediu fisicamente o médico.

A destreza, a ironia e o sarcasmo de Maura Lopes impressiona, devido a sua capacidade de questionar e de confrontar aquilo que lhe causa incomodo. Ela tinha consciência de que estava agindo como “louca”, gritando, rasgando a roupa e é confirmada essa encenação de loucura, quando ela se reporta ao médico perguntando se ele havia gostado da demonstração de insanidade. Entretanto, ela vai além, e testa o nível de paciência e também de “cavalheirismo” do doutor J., quando arremessa a água em seu rosto, agindo de forma fria e tranquila.

Evidencia-se no trecho acima a capacidade múltipla de Maura Lopes em representar e expor toda a situação na qual está inserida. Como todos os indivíduos a consideravam louca, ela passou a agir como tal para negar a realidade em que se encontrava, ou seja, uma seção que ela abominava. Assim, a autora afirma que permaneceu durante um longo tempo no quarto-forte, recebendo violência das agentes, injeções para dormir, além do desconforto do ambiente que a perturbava.

Com isso, a loucura encenada pela personagem foi somada ao seu desequilíbrio emocional e seu descaso com o tratamento, fazendo com que os médicos fortalecessem as observações feitas sobre o distúrbio mental que se atacara em Maura Lopes.

A “inocência” na atitude da escritora, que se apropriou dos conhecimentos que adquiriu no hospício, observando as suas companheiras que apresentavam inúmeros tipos de comportamentos, para ser ouvida, já que tentou diversas vezes falar com as guardas, mas em nada adiantou, está intrinsecamente ligada a sua vontade, ao seu desejo de ser atendida, bem como uma criança que ao ser repreendida, faz de tudo para chamar atenção, até mesmo extrapola alguns limites, como no caso de Maura Lopes Cançado, a agressão feita ao médico.

Assim, para Foucault (2007),

A inocência do louco é garantida pela intensidade e pela força desse conteúdo psicológico. Acorrentado pela força de suas paixões, arrebatado pela vivacidade dos desejos e das imagens, o louco se torna irresponsável; e sua irresponsabilidade é assunto de apreciação médica, na medida mesa em que resulta de um determinismo objetivo (FOUCAULT, 2007, p. 513).

O “louco” apresenta uma pureza, que pode ser aproximada com a inocência da criança. Comparando a figura do louco com as crianças, percebe-se que ambos não são responsáveis pelos seus atos. Assim, seguindo as afirmativas da escritora, que alegou anteriormente trazer em seu íntimo a menina que a controla em alguns casos e a deixa presa à infância, Maura teve atitudes infantis, revoltada com a situação de abandono e de injustiça, ela sentiu-se impulsionada a atuar como as demais internas, já que era considerada mais uma estatística.

Maura Lopes Cançado, não só descreve a sua vivência e o tratamento feito nos hospícios, mas também expõe detalhadamente como ocorre todo o processo, desde a entrada, o aspecto exterior, como também o desalinho interno, os sofrimentos, a visão de quem está imerso no mundo da “insanidade”, quem transgrediu o “muro” social e pertence a uma realidade diferenciada daquela imposta como verdade pela sociedade.

A narrativa expõe o aspecto do lugar que é de enojar qualquer ser humano, a narradora afirma que o lugar parece um “chiqueiro”, falta higiene nos utensílios

domésticos, no espaço referente às alas de convivência, nos dormitórios e refeitórios.

12 - 11 - 1959

(...) Hoje briguei no refeitório. Atirei um prato de comida no rosto da copeira. Já fiz isto muitas vezes. Em nenhum lugar do mundo entenderia esta minha atitude a não ser aqui. Onde somos tratadas aos gritos e aos empurrões – razão de estarmos sempre em prontidão. (...) Quando estive a primeira vez internada, ainda no IP, sentia-me chocada, saía sem comer do refeitório. Às vezes chorava. Agora tenho um longo aprendizado. Revido imediatamente à agressão. Me deseduco dia a dia. Grito também, já tive o prazer de jogar vários pratos nas copeiras, além de canecas de café, mate, leite e até sapato. (...) Sim: POR QUE O MÉDICO VAI SE PREOCUPAR COM A SENSIBILIDADE DO DOENTE MENTAL? ELES GOZAM DE PERFEITA SAÚDE, PRINCIPALMENTE MENTAL. GOZAM REALMENTE OS MÉDICOS DE PERFEITA SAÚDE MENTAL? É a questão.

Se me tornar escritora, até mesmo jornalista, contarei honestamente o que é um hospital de alienados. Propalam uma série de mentiras sobre estes hospitais: que o tratamento é bom, tudo se tem feito para minorar o sofrimento dos doentes. E eu digo: É MENTIRA. Os médicos permanecem apenas algumas horas por dia nos hospitais, e dentro dos consultórios. Jamais visitam os refeitórios. Jamais visitam os pátios. O médico aceita, por princípio, o que qualquer guarda afirma. Se é fácil desmentir um psicopata, torna-se difícil provar que ele tem razão. Em prejuízo de um considerado “não psicopata”. Que é um caso a estudar: as guardas deste hospital são quase todas loucas. (CANÇADO, 2015, p. 48-49).

Submetida à ignorância e à brutalidade do despreparo do sistema psiquiátrico do hospício, Maura Lopes passou a reagir de forma negativa, revidava os abusos de forma também agressiva, encontrava-se sufocada com aquela situação, o desconforto e a humilhação que ela e as internas sofriam, impulsionava o seu comportamento hostil, deixando-a em alerta em relação às atitudes das agentes. Tanto que, na citação feita anteriormente, pode-se observar a ênfase dada pela escritora no trecho feito com letras maiúsculas, apresentando uma alteração em seu estado emocional, uma tentativa de ecoar a sua revolta e indignação.

A personagem principal afirma que à medida que o tempo passava, ela perdia sua educação, tornava-se grosseira, áspera e desconfiada. Inicialmente, ficava perplexa com o ambiente em que se encontravam as pessoas consideradas “loucas”, mas isso foi mudando de acordo com a vivência naquele espaço. Com isso, foi aprendendo de forma ríspida, a conviver com toda aquela situação.

A narradora se encontrava mergulhada inicialmente em um mundo desconhecido, surpreendeu-se com as coisas horríveis que encontrou e experienciou, que foram modificando e moldando o seu comportamento de acordo com o tratamento e o descaso dos cuidados a que ela e as companheiras do hospício eram submetidas.

Na obra, a protagonista aponta para um questionamento em sua narrativa, além de enfatizar que os médicos não se preocupavam com os “doentes mentais”, ela indaga sobre a saúde mental dos profissionais, pois, para Maura Lopes, eles também podem sofrer algum distúrbio, isso “explicaria” a forma como eles tratavam seus pacientes.

Então, a autora afirma que pretendia escrever sobre o hospício, para expor e denunciar as formas de “tratamento” a qual eram submetidas, ressaltando a ausência do médico, que considerava, em muitos casos, os relatos das agentes, negligenciando e silenciando as internas, e essas agentes, com seus rompantes e seu abuso de poder, estariam apresentando um desequilíbrio que para a sociedade, considerando o comportamento agressivo e sem coerência das agentes, estariam “loucas”.

Para Frayne-Pereira (2007),

ao levarmos em conta a maneira pela qual a loucura é vivida, sentida e pensada, em contextos sociais diferentes do nosso, somos obrigados a admitir que o vínculo entre loucura e patologia não é universal (FRAYZE PEREIRA, 2007, p. 42).

Com isso, nos variados tipos de contextos sociais, marcados por suas diferenças culturais, econômicas, morais, entre outras, é perceptível que a relação entre “loucura” e “patologia” sofre alteração, pois cada comunidade possui a sua forma de pensar, analisar e classificar dentro das suas normas, dos seus valores e dos seus interesses. Assim, verificando a forma como as guardas tratavam as internas, para Maura Lopes quem tinha perdido a “sanidade” eram as agentes, por tratá-la de forma violenta.

O comportamento abusivo e opressor das funcionárias fez despertar na autora a possibilidade de inversão do quadro racional, fazendo com que ela questionasse a racionalidade dos médicos e agentes. Assim, a “loucura” não estaria interligada ao campo patológico, mas ao social, pois, tal constatação da escritora foi

feita de acordo com as observações e análises com base no comportamento dos indivíduos.

A narradora questiona também entre as suas análises sobre o hospício e a forma do tratamento aplicado aos demais internos, como a sua “sanidade” passou a ser interpelada pela sociedade, atribuindo à ênfase dada à questão ao fato de ter optado ao internamento em um hospício, assim, para ela, “o que me intriga é minha situação aqui: sou tratada como a louca mais inconsciente (quem sabe serei?), depois de vestir este uniforme” (CANÇADO, 2015, p. 49-50). Ao adentrar no hospício, mesmo não se considerando “louca” ou questionando a “loucura” em seu íntimo, a sua saúde mental passou a ser ressaltada. Assim, antes de se internar, mesmo com seus rompantes comportamentais, nada era visto como “anormal” na escritora.

Para Foucault (2007),

A loucura é convocada para observar a si mesma, mas nos outros: surge neles como pretensão infundada, isto é, como loucura irrigória; entretanto, nesse olhar que condena os outros, o louco assegura sua própria justificativa e a certeza de adequar-se a seu delírio (FOUCAULT, 2007, p. 491).

Considerada como reflexo das atitudes consideradas “irracionais” pela sociedade, a loucura é confrontada por si mesma, ou seja, a condenação do sujeito está em seus próprios atos. O indivíduo considerado “louco” possui em sua “insanidade” a verdade e com isso os elementos que compõem as suas concepções possuem um sentido dentro da sua realidade. Assim, o olhar, algo individual e singular, é a base para que a loucura seja identificada.

O hospício, para a sociedade, “atribuiu” a loucura a Maura Lopes Cançado. Ao se inserir naquele espaço, ela passou a ser vista como alguém perigoso, inconfiável, que não possuía um equilíbrio, mas um distúrbio psicológico que poderia acarretar grandes conflitos sociais. Esse “status” de “louca” fez com que a autora reagisse de forma negativa, impulsionando suas atitudes irônicas, hostis, confrontando tudo e a todos que faziam parte daquele ambiente, que ela analisava e julgava ser incoerente e desumano.

O abandono que acarreta a solidão dos internos, é frequente nos locais de internamento, os indivíduos são praticamente esquecidos por todos, principalmente pela família.

14 - 11 - 1959

(...) As famílias, por mais dedicadas, terminam se cansando dos parentes loucos, a morte deles sendo mesmo um alívio. É importante este lado da coisa. Mais importante ainda é a humildade imposta ao doente crônico, obrigando-o a coisa alguma esperar, a não ser uma hora ou pouco mais ao lado de quem lhe é tão caro. Li qualquer coisa a respeito da esquizofrenia: "Perda total de afetividade". Não acredito. Dona Marina é esquizofrênica e desconheço alguém mais afetivo que ela. Naturalmente evita contatos aqui dentro, já que despreza essas pessoas: mal-educadas, pertencentes a níveis social e intelectual inferiores (CANÇADO, 2015, p. 52).

A morte para os internos, segundo Maura Lopes, torna-se a solução para toda aquela situação de abandono vivenciado por eles. Quando recebem alguma visita, o tempo é muito reduzido, e não podem questionar, sendo obrigados a aceitar o que lhes é imposto.

Em suas análises sobre o hospício, a loucura e os tratamentos aplicados, a personagem questiona os diagnósticos recebidos, não só por ela, pois desconfia ser vítima das "brincadeiras" dos médicos, mas também pelas demais internas. Um dos casos é o de Dona Marina, diagnosticada com esquizofrenia. Para a escritora, o sintoma dessa doença nada condiz com aquilo que Dona Marina apresenta, pois ela é muito afetiva e se ela busca o isolamento é por desprezar aqueles seres que não possuem uma educação e nível social como o seu.

Nessas observações feitas na narrativa, são expostas algumas falhas em relação aos estudos que se tem sobre a loucura e suas ramificações, pois, por estar introduzida no "mundo" da loucura, é a visão da escritora que sobressai com base nas suas experiências com a "insanidade" e com os seres e ambientes que compõem esse universo. Assim, ela questiona as fórmulas, os tratamentos, as ações e os conceitos que ficam à margem do sujeito "louco".

A personagem narradora afirma que, "O hospício nós da oportunidade de fazer tudo o que lá fora não nos é permitido (talvez aí esteja a chave: não suporto lá fora)" (CANÇADO, 2015, p. 53). A narradora ressalta que o ambiente lhe proporcionou uma sensação de liberdade que no ciclo social já não era mais permitido. Assim, a necessidade em preencher o vazio, a solidão, em busca do reconhecimento, de afeto e compreensão, impulsionaram a sua estada nos hospitais. Entretanto, a "liberdade" em impor as suas vontades fora uma das únicas coisas que ela encontrou dentro desse espaço.

15 - 11 - 1959

(...) Faço coisas sem nenhum sentido: permaneço horas deitada no chão do corredor do hospital, danço balé sobre os bancos, escandalizando as guardas. Estou constantemente penalizada de mim: dualizada: sou espectadora de mim mesma – você, a quem quiseram tanto bem, rica, feita pra ser feliz? Você, Maura? (...) De manhã costumo pintar muito os olhos, uso lápis preto ao redor deles e sombra verde nas pálpebras. Ontem a ajudante de enfermagem olhou-me esgazeada quando entrei na sala de curativos. Deve ter pensado que ser tão bonita assim, e louca, é escandaloso. (CANÇADO, 2015, p 54).

Sem entender as suas atitudes, confusa e abalada emocionalmente, a escritora seguia sua rotina no hospício, procurando atenção dos demais, como sempre fizera, desde criança. Ela afirma que esperava sempre por suas próprias respostas, sentia-se vítima e tinha um profundo sentimento de pena por ela mesma.

A família e a sociedade criaram várias expectativas em Maura Lopes, por ser bonita, rica, vaidosa e obstinada, acabaram levando a autora a um caminho de frustrações, em que não tinha uma perspectiva de felicidade. Mesmo vivendo em um local triste e marginalizado, Maura Lopes não abandonava a sua vaidade, era algo ao qual ela se segurava, como uma fortaleza, para que não se perdesse por completo. Essa atitude impressionava os funcionários que a observavam e se impactavam com a sua beleza.

A beleza e a presença da personagem naquele local era algo questionável pelos demais seres que trabalhavam no hospital. Como se beleza e a loucura não pudessem estar ligadas. Eles se surpreendiam com a presença de uma mulher bonita, rica e considerada “louca”.

16 - 11 - 1959

(...) A tarde se prolonga como a alcançar em dor o infinito. A tarde se estende sem vibração para nada. Mulheres iguais – guardas – monotonia – cotidiano – dor: HOSPÍCIO. (Voltei, meu deus. Voltei.) A desconfiança predomina. Doentes não se fiam nas guardas, nem estas naquelas. E não acredito sequer em mim mesma. Não vou além dos muros que nos encerram. Sou incapaz de tentar querer me salvar – ou me perder de todo. Não creio em nada. Se acreditasse em mim. Mesmo: se acreditasse em mim. (Talvez seja tudo mentira.) (CANÇADO, 2015, p 57).

A tarde prorrogava a dor, o sofrimento, a sensação inquietante da angústia, que marcavam os dias da personagem. Tudo se torna repetitivo, um ciclo vicioso,

aquela situação uniformizava os internos, proporcionava a igualdade entre eles, assim, era o hospício, para a escritora, em sua representatividade.

Para Foucault (2007),

A loucura só escapou ao arbitrário para entrar numa espécie de processo indefinido para o qual o asilo fornece ao mesmo tempo policiais, promotores, juízes e carrascos. Um processo onde toda falta da vida, por uma virtude própria à existência asilar, torna-se crime social, vigiado, condenado e castigado; um processo cuja única saída é um eterno recomeçar sob a forma interiorizada do remorso (FOUCAULT, 2007, p. 496).

Assim, o processo doloroso que se constitui dentro do internamento não perpassa apenas o físico, mas também o psicológico que os internos sofrem. Além de estar submetidos a um tratamento que provoca danos ao corpo, os seres sofrem com as suas angústias e dores elevadas como o autoritarismo e com a opressão sofrida dentro do hospício.

Esse “eterno recomeçar” citado por Foucault (2007), a escritora descreve em sua obra, ressaltando a dificuldade e a solidão que sente e que observa em suas companheiras, que estão submetidas ao jugo dos seus próprios sentimentos, que as limitam e enquadram em suas dores e solidão.

A desconfiança pairava sobre todos aqueles que compunham o espaço. Com isso, a narradora enfatiza que a confiança era algo inexistente naquele local, não existia nem para com ela mesma, afirmando que não conseguia transgredir aquela situação, encontrava-se acovardada, oprimida e desestimulada. Com isso, a sua descrença nas coisas se finda em seu próprio ser, não se acha capaz e tudo aquilo que pode vir do seu eu, tem a possibilidade de ser uma mentira, existindo assim, uma perda de autoconhecimento, por se deixar levar por um negativismo e pela opressão social.

Maura Lopes expressa um estado melancólico em sua narrativa, sem conseguir transpor as sensações que a deprimem, causando insegurança e instabilidade emocional. Para Foucault (2007, p. 365), “Demasiado rigor moral, demasiada inquietação com a salvação e a vida futura pode frequentemente bastar para fazer alguém cair em melancolia”. Ou seja, a forte inquietação que a escritora sentia pela necessidade de afirmação e de atenção, e com a busca por liberdade,

fez com que ela entrasse em um caminho de dor e solidão e a melancolia se estabelecesse.

Com base nas ideias de Foucault (2007), pode-se entender que a tristeza, o medo e o sofrimento, pontos ressaltados em Maura Lopes, são elementos que constituem a melancolia e estão intimamente ligados com a negatividade das sensações do corpo, negatividade esta, que movia os sentimentos da escritora.

Em sua procura por atenção e afeto, Maura Lopes ressalta que encontrava no tratamento a possibilidade de alguém ouvi-la, para que pudesse expor suas dores, seus anseios e suas dificuldades. Era uma forma de se libertar daquelas sensações que a acompanhavam desde o passado.

A personagem sentia-se sozinha, insegura e com receio do que poderia ainda descobrir sobre si e sobre o hospício. Demonstrava-se preocupada com o filho Cesaron, a quem deixou aos cuidados da mãe. Ele era bastante apegado a ela, almejava voltar a estudar, mas como era mãe solteira, a sociedade não permitiria, passando a sofrer a marginalização social, o desrespeito por parte dos homens, que a viam como um objeto sexual e o desprezo e a crítica por parte das mulheres, que consideravam a autora um ser leviano e sem pudor.

22 - 11 - 1959

(...) O que eu buscava sem cessar era uma coerência que desse sentido à minha vida. Talvez, se eu enlouquecesse, conseguia dar vida às coisas que existiam em mim e que eu não era capaz de exprimir. Mas verdadeiramente somos filhos da terra em que nascemos, é ela que determina nosso comportamento, ainda nossos pensamentos, na medida em que nos influencia. Em Belo Horizonte, cercados, por montanhas, somos fundidos a ferro e fogo. Montanha, ferro, pedras, minério – transforma-nos em seres ríos, pensantes e mais cruéis. (...) A Minas devo o meu caráter introspectivo, minha busca constante do absoluto e a disciplina que consigo me impor quando o desejo, essencial ao estudo e à criação. E conservo mesmo certo desprezo pelos filhos de outras paisagens amenas, porém lassas (CANÇADO, 2015, p. 66-67).

A personagem afirma que buscava um equilíbrio e um sentido que norteasse a sua vida, em uma tentativa de se encontrar no caminho do sofrimento e das ilusões que se configuravam no hospício. Com isso, considerava na loucura a possibilidade da liberdade que almejava e também a chance de expulsar do seu

interior os sentimentos que a reprimiam, evidenciando sensações que não conseguia expor.

Seguindo as reflexões apresentadas pela narrativa, a sociedade fabrica o sujeito, ela molda os pensamentos, os comportamentos e seus posicionamentos, pois estes devem estar em concomitância com os valores morais e seus próprios desejos, sem se preocupar com o outro, sufocando e reprimindo aqueles que não seguem as normas.

Referindo-se aos bens naturais de Belo Horizonte, a personagem associa o processo do mineiro à constituição do sujeito, que é submetido às vontades da sociedade. Ela atribui a Minas Gerais o seu caráter introspectivo, por se considerar dura, disciplinada, pois consegue impor sua vontade, assim, conserva um desdém dos demais indivíduos de outras regiões.

Para Foucault (2007),

A loucura começa ali onde se perturba e se obnubila o relacionamento entre o homem e a verdade. É a partir desse relacionamento, ao mesmo tempo que da destruição desse relacionamento, que a loucura assume seu sentido geral e suas formas particulares (FOUCAULT, 2007, p. 241)

De acordo com Foucault (2007), a loucura se desenvolve no relacionamento perturbado, obscuro e turvo entre os indivíduos, é no meio que ela ganha forma e força, estando condicionada ao julgamento social, pois é na visão do outro que a loucura se configura. No caso de Maura Lopes, a sociedade, responsável pela constituição do sujeito segundo a autora, corroborou para que a loucura tenha sido apontada como o caminho para o preenchimento do vazio e para a liberdade que ela procurava.

Os elementos externos são colocados em primeiro plano e os internos aparecem apenas como um traço que corresponde à experiência da loucura, fazendo com que certas formas distintas do modo como o indivíduo lida com determinadas situações sejam consideradas como “loucura”.

Quanto mais o tempo se estendia, mais Maura Lopes se sentia mais íntima da “loucura”, já estava sentindo-se como louca, algo que ela negava veemente. Tinha receio de se tornar “demente” e assim, acreditava que iria morrer antes disso.

Para Foucault (2007),

(...) a demência é, dentre todas as doenças do espírito, a que permanece mais próximo da essência da loucura. Mas da loucura em geral, da loucura experimentada em tudo aquilo que pode ter de negatividade: desordem, decomposição do pensamento, erro, ilusão, não-razão e não-verdade (FOUCAULT, 2007, p. 252).

De acordo com Foucault, a demência é um dos elementos que se assemelham à loucura pela negatividade que se estabelece pelo indivíduo. No caso de Maura Lopes, ela tem receio da demência por esta subsidiar um estado de negatividade permanente, ou seja, a morte, o vazio, a solidão, a marginalização social e a falta de afeto impulsionam esse estágio na escritora.

Assim, para Foucault (2007, p. 261), “A demência é como um movimento puro do espírito, sem consistência nem insistência, uma fuga eterna que o tempo não consegue reter na memória”. Posto isso, pode-se dizer que a demência funcionaria em Maura Lopes como a fuga para os suas frustrações, por ela não aceitar a realidade posterior a sua infância.

A narradora afirma não conseguir controlar as suas emoções, “Me porto mesmo como louca, e isto é triste. Dr. A. terá muito trabalho comigo” (CANÇADO, 2015, p. 74). Seu comportamento somado as suas sensações, faz com que Maura considere seu estado como “loucura”. Mas, não consegue entender que espécie de loucura é essa, pois não consegue se encaixar naquilo que é apresentado pelas companheiras e também questiona os diagnósticos do médico,

26 - 11 - 1959

(...) Devo escrever sempre no princípio de cada página do meu diário que sou uma psicopata. Talvez essa afirmação venha despertar-me, mostrando a dura realidade que parece tremular entre esta névoa longa e difícil que envolve meus dias, me obrigando a marchar, dura e sacudida – e sem recuos.

O hospício é árido e atentamente acordado. Em cada canto, olhos cor-de-rosa e frios espiam sem piscar. Os dias neutros. As tardes opacas, vazias, quando um ruído assusta, como vida, surgida rápida, logo apagada – extinta (CANÇADO, 2015, p. 75).

Ao descrever seu cotidiano, a narradora salienta que pode reforçar a concepção de que sofra de psicopatia ou algo relacionado a um desvio mental, para explicar as suas variadas sensações negativas, em que vai descritinando o desconhecimento que se tem sobre a “loucura” e que viabiliza uma cegueira social em relação ao sujeito “louco”.

O silenciamento ecoa no espaço destinado aos “loucos”, para Maura Lopes, os dias e as tardes passam em um compasso lento, que não só arrasta as horas, mas também os seres que ali buscam impacientemente se encontrarem dentro das suas próprias dores e solidão.

26 - 11- 1959

(...) Nós, mulheres despojadas, sem ontem e nem amanhã, tão livres que nos despimos quando queremos. Ou rasgamos os vestidos (o que dá ainda um certo prazer). Ou mordemos. Ou cantamos, alto e reto, quando tudo parece tragado, perdido. Ou não choramos, como suprema força – quando o coração se apequena a uma lembrança no mais guardado do ser. Nós, mulheres soltas, que rimos doidas por trás das grandes – em excesso de liberdade (CANÇADO, 2015, p. 76).

A liberdade se configura nas ações desprovidas de qualquer receio ou barreira imposta pela a sociedade. Dentro do hospício, segundo a escritora, os internos ficam “livres” para agirem como quiserem, sem amarras, sem pudores ou restrições, mesmo tento o castigo ou ‘tratamento’ como controle, em alguns momentos, podem desfrutar de uma liberdade velada.

Nesse contexto, suprir a necessidade de ser livre, para a personagem, é um dos focos a que se propõem os internos, mesmo que marginalizados e “presos” dentro dos muros do hospício, mas conseguem ser aquilo ao que se propõem, expõem suas ideias, questionam, mesmo que o silenciamento da solidão seja algo que se torne presente em seus cotidianos.

A protagonista da obra se encontrava cansada, anestesiada de sensações, apenas o vazio predominava em seu íntimo, causando-lhe ânsia, sentia-se em “Um existir difícil, vagaroso, o coração escuro, como um segredo (...). Sinto, e esta sensação não é nova, como se uma parede de vidro me separasse das pessoas, conservando-me à margem e exposta” (CANÇADO, 2015, p. 77). A marginalização a acompanhava, sufocando-a, deixando-a separada mesmo estando no mesmo lugar, das demais pessoas. Suas tentativas de superação eram abafadas pelo preconceito social e por sua vaidade, que não lhe permitia um processo que a levasse a uma humilhação diante daqueles seres que possuíam uma educação inferior a sua.

A narradora ressalta em sua narrativa, que a forma como se trata um louco é diferente, ineficaz e grosseira, para Maura Lopes, a sociedade empanzinada com seus preconceitos e valores ultrapassados, marginalizam o sujeito, “ – Não dão ao

louco nem o direito de ser louco. Por que ninguém castiga o tuberculoso, quando é vítima de uma hemoptise e vomita sangue? “ (CANÇADO, 205, p. 83). Assim, a personagem principal aponta para o descaso no tratamento, como já foi ressaltado anteriormente, com o doente mental, que não tem os mesmos direitos de uma pessoa que esteja sofrendo de alguma enfermidade.

Essa crítica da narradora reflete o posicionamento do sistema de saúde que age de forma negligenciada com os internos dos hospitais psiquiátricos, onde muitos sofrem até chegar ao óbito, por falta de cuidados e de higiene dentro desses espaços.

A narrativa continua a tecer críticas em relação ao sujeito do internamento.

30 - 11 - 1959

(...) O médico, depois de rotular um indivíduo de irresponsável, inconsciente, exige deste mesmo indivíduo a responsabilidade de seus atos, ao mandar (ou permitir que se faça) castiga-lo. De que falta pode um louco ser acusado? De ser louco? É o que venho observando e sentindo na carne. Dr. A. afirma que as guardas são ignorantes, têm muitos problemas, são também neuróticas ou loucas. Naturalmente os médicos também tem problemas, são neuróticos. E loucos. Mas não foram ainda isentos de responsabilidades perante a sociedade com a alegação de insanidade. Estes homens de aventais brancos, que decidem quanto à responsabilidade ou não de tantas pessoas, deviam ter o dever de se mostrar conscientes. Não poderiam jamais exigir de alguém aquilo que lhe negam. Como seja, a responsabilidade. Mas o fazem, afirmo. (CANÇADO, 2015, p.84).

A personagem aponta ao médico o erro em culpar o indivíduo “louco” da sua irresponsabilidade ou falha. Assim, para a escritora, criam-se rótulos para os sujeitos que transgridem a linha da normalidade imposta pela sociedade, fazendo com que eles sejam reprimidos e excluídos do ciclo social.

A escritora afirma através de seus relatos que vivenciou essa culpabilidade diariamente em seu internamento. Ao “louco” é atribuído todo o erro, a negatividade e a culpa, enquanto, os demais indivíduos que se autodenominam “normais” apresentam características e comportamentos que colocam em dúvida a sanidade de cada um. Assim, para Frayze-Pereira (2007, p. 99), “A loucura passa a ser falada segundo um código que é o do médico, delegado da razão, isto significa que a dimensão propriamente humana da experiência da loucura desapareceu”. Com isso, cabe aos médicos o diagnóstico da loucura.

Para a narradora, o que difere os “loucos” dos seres considerados “normais” é a responsabilidade atribuída a eles. Os primeiros são ressaltados como “insanos”, já os segundos definem como os seres considerados “anormais” deverão ser tratados. Os médicos negam, de acordo com a autora, cuidados e assim se tornam negligentes com estes seres.

,
6 - 12 - 1959

(...) Como esta gente está mal preparada para lidar com “mentais”. Falam em frente às internadas o que pensam delas. Um grande psiquiatra disse: “Não existem loucos, mas pessoas altamente sensíveis”. O que não se sentem estas “altamente sensíveis” ouvindo isto? (CANÇADO, 2015, p. 93).

A personagem considerava os seres internados como sujeitos sensíveis, e estavam à mercê dos modos abusivos como os médicos e as agentes agiam dentro do hospício. A sensibilidade desses seres poderia ser percebida na forma singular de perceber as coisas e o espaço que lhes rodeava.

A fantasia e a ilusão, elementos que perpassam o ambiente do hospício, estavam presentes na vida da escritora desde menina, que seguiu “brincando” de atuar, entretanto, não mais na fazenda com as arvores e os bichos, mas em um palco ofertado pela “loucura”. Segundo Maura Lopes Cançado, “Eu me visto de doida, desempenho meu papel com certa elegância, sobretudo muita graça. Seria mais fácil fantasiar-me de funcionária pública, trabalhando em hospício” (CANÇADO, 2015, p. 94). Encarando a situação como o brinquedo do faz de conta utilizado na infância, Maura Lopes Cançado sobrevive a cada dia, passando por seu tratamento como uma atriz, encenando o papel, em uma busca para fugir da realidade que lhe é apresentada.

Ao ser confrontada, em uma das suas consultas, por um dos seus médicos, sobre o único amor de sua vida, a personagem fica perplexa ao saber que seu pai foi o homem a quem verdadeiramente amou. Segundo a escritora, Dr. A aconselhou que ela deveria crescer, tornar-se adulta e por fim abandonar a criança que existe em seu íntimo e que faz com que ela se interesse por aqueles que lhe ofereçam o mínimo de proteção. Estaria aí, nesse desnudamento de um dos seus sentimentos, a verdadeira causa para que ela agisse de forma inconsequente e desequilibrada.

Para Foucault (2007),

A loucura, que encontra sua possibilidade primeira no fato da paixão e no desdobramento dessa dupla casualidade que, partindo da própria paixão, se irradia simultaneamente na direção do corpo e da alma, a loucura é ao mesmo tempo paixão suspensa, ruptura da casualidade, libertação dos elementos dessa unidade (FOUCAULT, 2007, p. 231).

Assim, a paixão se torna uma possibilidade da loucura, ela rompe com o casual e possibilita uma liberdade de escolha. Com isso, o desejo de Maura Lopes em ter o pai sempre com ela fez com que ela rompesse barreiras, negasse a morte e enfrentasse a sociedade, possibilitando o corte com as amarras do domínio familiar.

A protagonista amava o pai, por se sentir protegida e resguardada, entretanto, a proteção exacerbada fez com que ela se sentisse sufocada, reprimida, limitada, refugiando-se nas suas imaginações. Mesmo tentando negar, a autora se encontrava em uma batalha, de um lado aceitava o que o médico apontou, de um outro buscava negar, em uma tentativa de se aproximar e conquistar o Dr. A para depois destruí-lo. Pensava em agir dessa forma, pois não acreditava que poderia ser feliz.

18 - 12 - 1959

(...) Sou “Alice no País do Espelho”. Quanta coisa franzida na minha percepção. Até mesmo o ar parece-me contrair-se frenético. É um estado passageiro – mas que me deixa em dúvida: onde está a verdade? E as coisas que toquei, percebi, senti, amei, quando criança? – Minha cabeça é um ônibus desenfreado (CANÇADO, 2015, p. 117)

Na obra de Cançado, a personagem destaca que se encontrava perdida em sua fantasia e que esse “país do espelho” seria o confronto com ela mesma, em que deveria enfrentar seus medos, suas frustrações e seus receios. Questiona-se sobre uma verdade que não consegue enfatizar. Os acontecimentos de quando era criança, preenchem os espaços da memória se tornando apenas recordações, as quais deveria deixar no passado e seguir.

Com isso, ela ressalta que nesse momento encontrava-se confusa, sem saber se orientar de forma mais clara e concisa. Não poderia parar de refletir sobre aquela situação que a incomodava. Indagava se estaria sendo tragada pela “névoa” formada por seus conflitos interiores e assim, dominada por um desequilíbrio maior, que propiciasse o distúrbio mental.

A personagem se encontrava desolada, e se perguntava se realmente seria louca e se não fosse, por que ela não se comportaria como as demais pessoas consideradas “normais”. Maura Lopes não conseguiria se enquadrar as normas sociais, pois era sensível, inteligente e vaidosa demais para tal feito.

Toda a sua vaidade foi sendo drenada no hospício, ela fora definhando, entregando-se a uma luta em que o principal oponente era ela mesma. “Achava-me maltratada, malvestida. A seção permanecia constantemente trancada, guardas e enfermeiras grosseiras, sobretudo não me conformava em estar presa” (CANÇADO, 2015, p. 151). Assim, a escritora ressaltava não se conformar com aquela situação que a oprimia, mas também reconhecia ser insuficientemente incapaz de fazer algo para reverter aquele suplício.

A personagem, ao ler um livro sobre demência precoce (esquizofrenia), encontrou-se representada nas descrições da doença. Para ela,

30 - 1 - 1960

(...) Aí estou retratada. Mesmo na infância fui uma menina estranha. Mas não quero aceitar isto. Recuso-me a ser psicopata, ainda quando tenho a realidade deste livro diante de mim. Que fazer? Quero ser como os outros, esta solidão me desespera. E Deus? Se pudesse criar esse Deus, a mim tão necessário. Sinto (e esta sensação não é nova, sempre me acompanhou). (...). Quem me pode ajudar? O médico? Mas como, se não creio nele, se eu sou mais inteligente? Ó, se alguém pudesse salvar-Me (CANÇADO, 2015, p. 157 – 158).

Considerando sofrer de esquizofrenia, Maura Lopes se nega a aceitar os indícios que pode sofrer de uma psicopatia e que isso tenha sido fomentado pelas frustrações e anseios da “menina estranha” que foi no passado. O desespero passa acompanhar as reflexões da escritora que rejeitava a si mesma e tinha receio da solidão, do vazio que preenchia o seu interior.

Em suas análises, ela ainda aponta o desejo de poder criar um Deus, a quem conheceria e poderia ajudá-la, essa figura que lhe causava receio quando menina poderia ser uma possibilidade de salvação daquela situação. Com isso, outro auxilio que a escritora poderia recorrer seria o médico, mas por se considerar mais inteligente do que ele, não arriscaria a ter esse apoio.

A escritora ressalta que “Não aceito e nem comprehendo a loucura. Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo” (CANÇADO, 2015, p. 160). Ela rejeitava a loucura e culpava a sociedade por

desencadear essa “doença” nos seres, por julgar e condenar os indivíduos que se demonstram indiferentes às suas normas. Entretanto, mesmo negando a loucura, era ela a única possibilidade de fuga que Maura Lopes encontrava. Assim, a narradora se define diante da loucura.

8 - 2 - 1960

(...) Apesar de tudo, existo com inteligência cada momento. Mas estou quase sempre entregue a perturbações psíquicas. É neste brinquedo de ser louca que se exaurem minhas energias. Se escrevesse com a sofreguidão com que tomo consciência de súbito de estar viva, jovem, bonita – feliz. E muito infeliz. Mesmo agora poderia dar inicio a um tratado de felicidade, infelicidade, beleza ou loucura (CANÇADO, 2015, p. 169).

A sua inteligência e a destreza com a escrita serviram de refúgio para que Maura Lopes continuasse a seguir, debruçando-se em seus questionamentos e suas análises sobre a loucura. Mesmo, estando à mercê das perturbações psíquicas que causavam transtornos comportamentais na escritora.

E, utilizando o brinquedo do faz de conta utilizado na sua infância, “brincar de ser louca”, passava a desgastar a autora, que relata o descompasso entre felicidade e infelicidade, no momento de extremo cansaço físico e mental. A sua vaidade e seu desejo fomentado por sua vontade, entrava em confronto com as amarras da loucura, deixando-a perdida e desolada.

Maura Lopes Cançado escreve as últimas anotações em seu diário no dia 07-03-1960, enfatizando o seu estado “Como é terrível ficar sozinha. E como é desgraçado estar na situação que eu estou” (CANÇADO, 2015, p. 2010). Com isso, ela encerra sua obra, afirmando o medo da solidão e ressaltando que estava infeliz com a situação que a acometia, sem ter uma perspectiva de melhora.

Um fato que a autora não narra em sua obra, até porque aconteceu doze anos depois de finalizar a escrita do diário, como foi ressaltado no segundo capítulo, em 11 de abril de 1972 ela estrangulou uma mulher, com uma faixa de lençol. Segundo Maura Lopes ao recordar o crime, “Se eu lembrar, fico doida” (MEIRELES, 2015, p. 221). O crime ocorreu quando Maura tinha sido internada na Clínica de Saúde Dr. Eiras, em Botafogo, pelo filho, que desde 1960 estava morando no Rio de Janeiro. Depois do crime, Maura Lopes ficou com amnésia e pouco se recordava do acontecido.

Segundo Meireles (2015),

A justiça determinou que fosse mandada para um manicômio judiciário – mas, à época, não havia ala feminina em nenhuma instituição psiquiátrica. Maura fica indo e vindo, na impossibilidade de a Justiça decidir o que deveria ser feito com ela (MEIRELES, 2015, p. 223).

Maura Lopes Cançado passou por alguns exames psiquiátricos e em 1974, a escritora é considerada inimputável. Nessa mesma época, ela pensava em escrever um volume de contos intitulado *Cartas a um juiz*, baseada nas cartas que escreveu ao juiz do seu caso.

Assim, a fuga, a negação e resistência são delineadas como fatores que evidenciam a loucura nos componentes de *Hospício é Deus*, principalmente na narradora. A “loucura” é exposta não só pela sociedade como um modo de enquadramento para todas as suas visões de mundo que sobressaem de alguma forma, que são diferente do comportamento dos demais indivíduos. As reações dos indivíduos, em evidência Maura Lopes Cançado, transgridem o *status quo*, os padrões comportamentais. Ela reivindica o direito à voz, à transformação de sua realidade, reinventando, portanto, sua existência ao afirmar o deslocamento de sua perspectiva e, consequentemente, da liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, percebe-se que o discurso social vale-se da loucura como um delimitador da ação dos homens. Atribuíam à loucura os mais diversos tipos de comportamentos que não estavam de acordo com o padrão de “normalidade” e os modelos de valores morais a ser seguidos.

Assim, enfrentando o obsoleto conhecimento social e seus próprios conflitos, frutos de um passado não transposto, emergindo por intermédio de suas reminiscências, Maura Lopes Cançado se depara com o mundo do desatino, construído por um discurso social marginalizador e dominador, que passa a excluir, a julgar e a discriminar os sujeitos que, em seus respectivos contextos, apresentem algum tipo de característica ou comportamento que fuja às normas apontadas como parâmetros a serem seguidos e que são pilares para a constituição da sanidade.

A escritora expõe fatos de sua vida em seu diário que, inicialmente, se encontrava mergulhada no tradicionalismo, na cultura patriarcal, em um meio afetado pelo machismo e pela burguesia, onde a mulher era vista apenas como um instrumento de satisfação e apoio do homem, sendo oprimida, silenciada e culpada.

Nas passagens da obra, a autora pontua a sua relação com a família, o amor pelo pai, os medos e os anseios que a acompanhavam e que fomentaram a inconstância emocional em seu interior. Dona de uma personalidade forte e de uma inteligência excepcional, a autora escandalizava o ciclo social tradicional com suas inovações e sua visão diferenciada daquilo o que lhe era imposto. Maura Lopes não se enquadrava no modelo de mulher, dona de casa, que tinha nascido para casar e ter filhos, dependendo do marido para sobreviver. Ela buscava sua liberdade, a sua independência, preencher o vazio que se tornara seu companheiro durante a vida.

A autora ressalta que desejava ser amada, entretanto, seu comportamento oscilante, afastava os sujeitos e a empurrava para o isolamento. Ela tinha receio de ficar sozinha e o diagnóstico médico sobre o seu problema de saúde subsidiou o aumento do desequilíbrio emocional e comportamental em Maura Lopes, que encontrou no hospício uma forma de “libertação” do meio que a sufocava e limitava.

Entretanto, ela se depara no internamento, com as obscuridades e os elementos que permeiam o âmbito da loucura. O discurso médico é o que prevalece nesse ambiente, sendo utilizado como parâmetro para atribuir racionalidade ao sujeito considerado “louco”. Outro fator destacado nos relatos da escritora é a

violência a que eram submetidos os internos, a falta de cuidado e a negligência sofrida pela própria Maura Lopes, em suas passagens pelos manicômios.

Enclausurada pelo internamento, Maura Lopes se encontrava enquadrada e intitulada como “louca”, sua fala, sua escrita, seu comportamento, eram representações da loucura que se instalara em seu ser. Assim, o confronto proposto pela linguagem desenvolvida pelo seu discurso “insano” revela denúncia, rompe com os parâmetros sociais, constitui múltiplas visões sobre os variados tipos de fatores sociais. Com isso, questiona aquilo que está pronto, acabado, burlando a mecânica do discurso social segregador, propondo novos polos de conhecimento.

A hegemonia da burguesia social vigente na época permitiu que a loucura fosse considerada uma resposta para as lacunas comportamentais da personagem, que vivia à beira, ou seja, à margem do meio social. Ela tinha sua vida resumida aos muros manicomiais, não possuía uma plenitude em seu contexto, sendo separada do convívio social, ficando à mercê do preconceito e da hipocrisia hedionda, apresentando uma ausência que a fragilizava e, ao mesmo tempo, a impulsionava para que pudesse denunciar e expor aquilo que ficava escondido e silenciado no campo da loucura.

Com isso, o desejo de não seguir valores retrógados, o desejo de liberdade em um meio submisso, os anseios e os medos não superados, a transgressão, a fuga e a não aceitação da realidade contribuíram para que a loucura fosse ressaltada em *Hospício é Deus*.

As análises enfatizaram a representação da loucura como uma construção social para a qual as questões comportamentais dos indivíduos que se diferenciassem, ficavam fora dos padrões considerados normais, para a sociedade da qual fazem parte. Isso então era considerado loucura.

Por isso, a negação de Maura Lopes aos fatores impostos, bem como o seu discurso louco, uma “psicopata”, diagnóstico feito pelo médico e questionado pela autora, que passa a analisar as questões externas e internas do hospício, viabilizam a denúncia de um meio excluído e anulado pela sociedade.

Ao “agir” como louca, ela negava a verdade e a realidade social que lhe estava sendo imposta, buscando no isolamento, no hospício, nos gritos e nas encenações, uma resistência ao destino traçado para a sua vida. A transgressão de Maura Lopes e a não aceitação de si mesma e dos demais seres, apontam para uma ruptura dos valores existentes, passando a questionar e negar as imposições.

Outro fator destacado nas análises foi a tristeza e a angústia da autora com o silenciamento em que se encontrava, pois, ao ser rotulada como “louca”, ela era “apagada” socialmente, perdia seus direitos e sua voz era abafada pela constituição da loucura. Assim, a autora encontrou na escrita a forma de ser ouvida, de enfatizar o desconhecido campo da loucura, do internamento, do “tratamento” que era aplicado ao sujeito “louco”.

O sentimento de revolta se instaurava em Maura Lopes que por gostar de ter atenção de todos aqueles que a rodeavam e como forma de criticar a sociedade e principalmente os médicos e agentes que trabalhavam nos hospícios, passava a agir de forma descontrolada, afirmando se portar como louca, já que era considerada como tal, causando à sociedade um impacto diante daquela ação e colocando em dúvida sua sanidade mental.

Esse questionamento se volta também para a sociedade que tem como loucura os comportamentos “anormais” e “irracionais”. A escritora, por intermédio de sua obra, apresenta uma linha de raciocínio lógico, racional e questionadora, possuindo a capacidade de refletir não só sobre os acontecimentos que emergem no campo social, principalmente a loucura, mas também sobre si mesma.

A resistência da autora, representada em seu discurso, revela um sujeito preso aos sentimentos ociosos e frustrantes. A superproteção da família desencadeou uma sensação de repressão e de sufoco na escritora, que encontrou na fantasia a saída inicial para aquela situação. Pelo intermédio da imaginação, que a acompanhou durante a vida, até por se encontrar ligada ao passado, Maura Lopes conseguiu transpor os muros sociais e impor a sua verdade.

Assim, a autora conscientemente decide se refugiar no espaço da loucura, como um meio de resistir à imposição social, a qual foi contra e interferiu em suas atividades, questionando os valores impostos, relatando o ainda desconhecido e misterioso mundo do internamento. As especificidades destacadas na personagem serviram como subsídios para que o discurso social tomasse como loucura aquelas atitudes da escritora.

Portanto, a loucura pode ser destacada como uma fuga, revolta, como resistência e uma negação daquilo que é imposto, ela não se configura meramente sob o código da doença mental, vai além dos muros hospitalares, ela atravessa o cotidiano, tornando-se algo relativo, pois o que seria loucura para algumas pessoas, para Maura Lopes era apenas uma forma de negar e de sair daquele destino que

estava traçado, estando a mesma consciente dos seus atos, assim como não aceitou as imposições da família e se refugiou consciente na loucura, como resistência àquela vida de opressão.

Para a sociedade, o ato de Maura Lopes em se comportar de forma descontrolada e se internar em um hospício, era considerado loucura. Entretanto, aquilo foi um desabafo, um grito de resistência a toda opressão. A “loucura desvairada” da personagem era sua forma de viver, de se posicionar no meio social, uma busca de um complemento interior. Para tanto, todos esses elementos são utilizados pela sociedade que assimila suas imagens, seus comportamentos e suas presunçosas normas como padrão, considerando os desvios como loucura.

Com isso, Michel Foucault, apresenta a loucura não só como um elemento de ordem patológica, mas também moral, como esta, se configura como um modo de resistência a toda forma de negatividade e de desconforto que possa afetar o indivíduo. Esse viés foi tomado como uma das bases da realização deste trabalho que teve como foco a obra de um autor que se vale do símbolo da loucura numa perspectiva que desnaturaliza o discurso e os comportamentos sociais.

O poder da sociedade cria relações de convivências, que servem como engrenagens para o desenvolvimento social. Entretanto, quando essas relações passam a ser questionadas e confrontadas, o poder social atua como um carrasco, na tentativa de corrigir possíveis erros, no caso, a loucura é atribuída como um erro de conduta.

O louco é colocado à margem da sociedade por se tratar de um sujeito que possui um saber que foge ao domínio do poder, pois, mergulhado em um mundo particular, o louco expõe verdades que muitas vezes o indivíduo com toda a sua normalidade quer esconder, e é nesse viés que a loucura é considerada perigosa pela sociedade, que faz com que ela seja reprimida e silenciada. O louco rompe com as regras, propõe novas formas de pensar certos conceitos, não se prende aos pudores e com isso, causa inquietações ao grupo dominante, que não aceita a negatividade e o confronto que a loucura estabelece.

Assim, o poder se utiliza da loucura como um meio de enquadrar as ações que destoam do que é estabelecido como padrão. Numa tentativa de controlar os diferentes saberes e oprimir os diversos tipos de pensamento, a sociedade termina fabricando a loucura, pois molda o ser que apresenta um comportamento diferenciado, atribuindo como loucura as verdades que soam como insanidades aos

olhos cálidos de preconceitos da burguesia, que está sobrecarregada de conhecimentos e regras antiquadas e inconsistentes.

Com essa obra pode-se perceber de forma mais interna o espaço destinado aos sujeitos considerados loucos pela sociedade. A maneira visceral e conflituosa como Maura Lopes Cançado aborda por intermédio da escrita as suas experiências com a loucura, evidencia as marcas da intransigência e da ignorância, em que o sujeito se encontra inserido e modelado pelos discursos sociais.

As memórias da escritora serviram como fios condutores para que ela fosse revelando o seu olhar sobre si e sobre os indivíduos que transgridem os muros, questionam as fórmulas prontas que são colocadas como verdades obscuras e dominadoras. Com isso, o internamento e o hospício se tornam o refúgio de um meio avassalador, que busca controlar o sujeito. Assim, esse refúgio é ironicamente a esperada liberdade.

Deste modo, exteriorizou-se o interesse de que esta pesquisa contribua para futuros passeios à escrita de Maura Lopes Cançado, subsidiando o avanço sobre os “muros” internos e externos que paralisam e internam os seres, corroborando os inúmeros estudos do texto literário. Com isso, esperamos que esta dissertação impulsione as pesquisas sobre a escrita de autores que trazem a loucura ao centro das discussões.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com espírito. São Paulo: Martins e Fontes, 2006

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BODEI, Remo. **As lógicas do delírio**: razão, afeto, loucura. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus**: Diário I. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CUSTÓDIA, Marcia Moreira. **Literatura e loucura**: a carnalidade de Maura Lopes Cançado em *Hospício é Deus*. Janeiro de 2014.

CORDEIRO, Solange. **Discurso e escrita de si na obra Hospício é Deus de Maura Lopes Cançado**. Paraná, Março de 2014.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice. Loucas e Sedutoras: Um convite à leitura de Clarice Lispector. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural** Universidade do Estado da Bahia, Campus II — Alagoinhas. v. 02 n. 01, 2012. Acesso em: 01/07/2016. <http://www.poscritica.uneb.br>

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva (et al.). 26. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2007

_____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974 - 1975)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRAYZE-PEREIRA, João. **O que é loucura**. São Paulo: Abril Cultural/ Brasiliense, (2007)

GODO, Carlos. **O tarô de Marselha**. São Paulo: Pensamento, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARIA, Luzia de. **Sortilégios do avesso**: razão e loucura na literatura brasileira. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

MATOS, Edinaldo de. Lygia Fagundes Telles: a outra face de Edgar Allan Poe na contemporaneidade. **Revista Athenas**, vol. 01, 2011. Acesso em 29/06/2016 <https://sobreomedo.wordpress.com>

MEIRELES, Mauricio. Perfil Biográfico. In: CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus**: Diario I. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MENDES, Algemira de Macêdo; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. **Teias e tramas**: literatura e discursos de gênero. Teresina: EDUFPI, 2015.

MOURA, Amanda. A loucura em obscura senhora D. **Crátilo**: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UNIPAM, p. 40-49, 2012.

OLIVEIRA, Edmar. **Ouvindo vozes: histórias do hospício e lendas do encantamento**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **Narrativas da loucura e histórias de sensibilidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe. Literatura, loucura e autoria feminina: Maura Lopes Cançado em sua autorepresentação da escritora louca. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural**. Bahia, v. 01, n. 01. 2011.

_____, Vozes da loucura, ecos na literatura. **Grupo de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 12, pp. 13-38, março/abril de 2001.

_____, **Olhando sobre o muro**: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea. Brasília, UNB, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 02, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

TELLES, Norma. Sonhos e iluminações das mulheres loucas da literatura. **Escrita Revista de Literatura**. Ano XIII. Nº39. 1988. Pp. 22-26

XAVIER, Eloida. Narrativa de autoria feminina na Literatura Brasileira: as marcas da trajetória. *Revista Mulheres e Literatura*. Vol III. 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Desconstruindo a opressão**: A imagem feminina em A república dos sonhos de Nélida Piñon. Maringá: Eduem, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1



ANEXO 2**A) Capa da 1º. Edição (1965)**

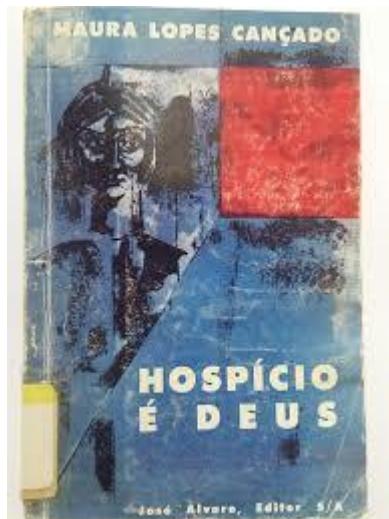
Maura Lopes Cançado

HOSPÍCIO É DEUS

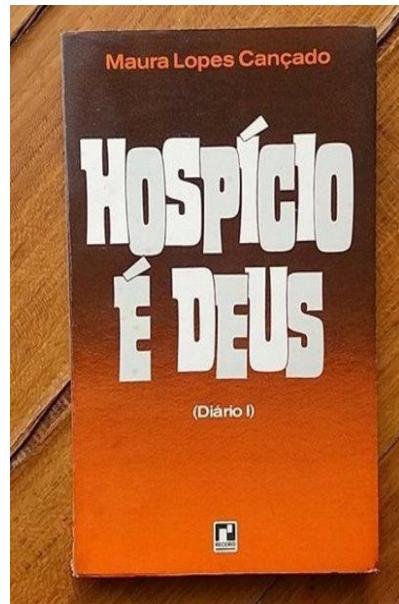
DIÁRIO I



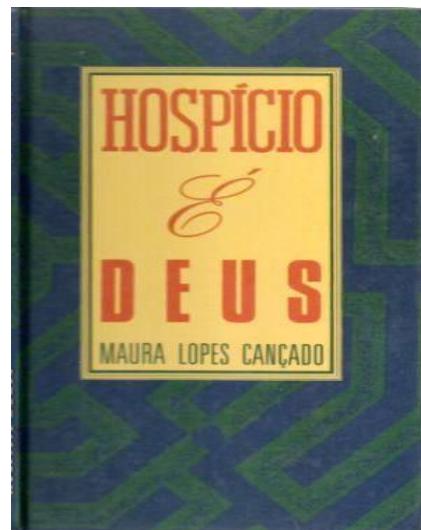
Fonte: Cançado, 1965.

B) Capa da 2º. Edição (1979)

Fonte: Cançado, 1979.

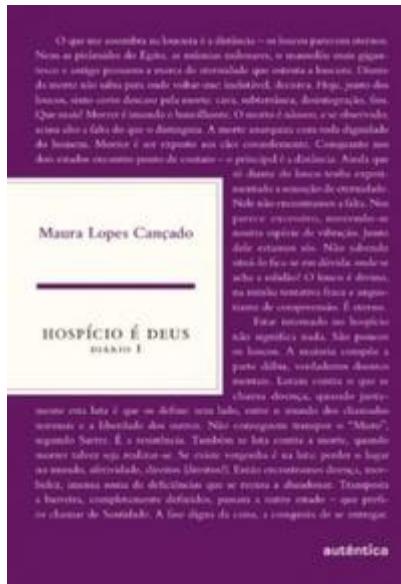
C) Capa da 3^a. Edição (1991)

Fonte: Cançado, 1991.

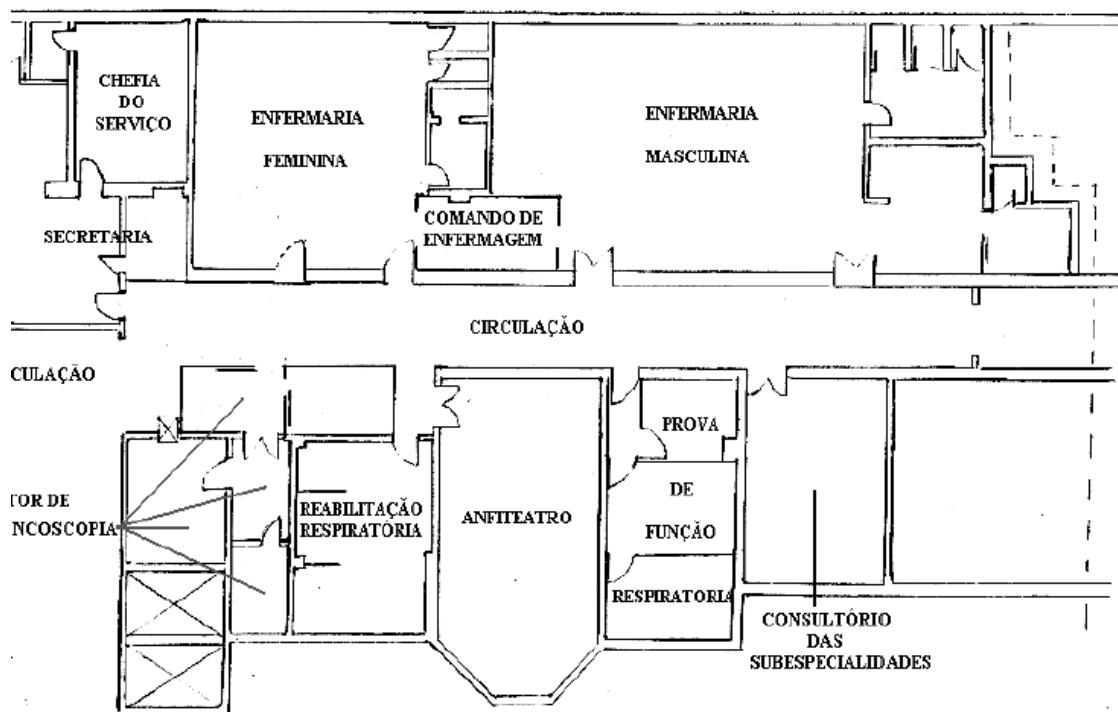
D) Capa da 4^a. Edição (1995)

Fonte: Cançado, 1995.

E) Capa da 5ª. Edição (2015)



Fonte: Cançado, 2015.

ANEXO 3**Planta interna do hospital Gustavo Riedel**

Fonte: Solange Cordeiro 2014